

# REVISTA ESTUDOS TRANSVIADOS

2023  
V. 4  
N. 9



DOSSIÊ



# TRANS MASCULINIDADES E NÃO BINARIEDADES EM PERSPECTIVAS ORIGINÁRIAS

ISSN 2764-8133

MARIN



REVISTA  
ESTUDOS  
TRANSVIADES

2023  
V. 4  
N. 9

# TRANS

MASCULINIDADES  
E NÃO BINARIEDADES  
EM PERSPECTIVAS  
ORIGINÁRIAS

ISSN 2764-8133



Arte da capa:  
Marin Maciel

para mais informações  
sobre o autor confira  
a página n. 179

Todas as  
edições da  
Revista Estudos  
Transviades  
podem ser  
encontradas  
nos seguintes  
endereços  
eletrônicos:



PODE CLICAR!



## ÍNDICE

SOBRE A  
REVISTA  
ESTUDOS  
TRANSVIADES

PG. 9

## EDITORIAL

ESCRITO POR  
THÁRCILO LUIZ  
DA SILVA  
HENTZY

Dossiê:  
TRANSMASCULINIDADES  
E NÃO-BINARIEDADES  
EM PERSPECTIVAS  
ORIGINÁRIAS

PG. 14

OKARA  
YBY

TRANCESTRALIDADE  
INDÍGENA

PG. 18

YAN SOL  
TUPIGUARANI  
PATAXÓ

TRANS.PARENTE NA  
DRAMA.TUARGILA

UM CAFÉ PARA  
MINHA MÃE

TRANS.PARENTE  
NAS PAZ.LAVRAS

PG. 38



**VIC GUALITO**  
(NEHNENCA YOLOTZIN)

TRANSCESTRALIDADES  
INDÍGENAS COMO  
FERRAMENTA DE  
RESISTÊNCIA CONTRA  
O GENOCÍDIO DE  
IDENTIDADES NÃO-  
BINÁRIAS NA  
AMÉRICA LATINA

**PG. 62**

**NILO**  
**YBYRAPORÃ**  
**DE SOUSA**

TRANSVIADO VIDRO

**PG. 99**

**MIKA**  
**KALIANDREA**

CARA

**PG. 109**

**DAYO DO**  
**NASCIMENTO**

CAMINHOS DO NORTE

**PG. 115**

**RÉ CYBORG**

ARTES

**PG. 122**





ALIENDIGEnu

FILHAS DO APOCALIPSE

PG. 127

PAPREP  
MYWAYJ  
KANELA

QUAL O SENTIDO  
DO GÊNERO?

ENSAIO ARTÍSTICO  
DO COLETIVO 'OLHO  
DA SERPENTE'

PG. 132

PYXUÁ

NÃO RESPEITA  
NEM A TERRA VAI  
RESPEITAR O MEU  
PRONOME?

PG. 148

MARIN  
MACIEL

PRINT A5-5,  
PRANCHETA 34,  
SEM TÍTULO-1,  
IMG\_9561TRONCO2

CRUZAR O INVISÍVEL  
ATÉ QUE O VAZIO  
ESTEJA TÃO CHEIO QUE  
SE ESCUTE O BARULHO  
DO SILÊNCIO.

PG. 179



THÁRCILO LUIZ  
DA SILVA  
HENTZY

RETOMADA NA  
BALLROOM: PRIMEIRA E  
SEGUNDA BALL  
INDÍGENAS DO BRASIL

PG. 188

RAVI  
CARVALHO  
VEIGA

ECONOMIA CRIATIVA  
LGBTQIAPN+ E  
TRANSMASCULINIDADES  
NO ESTADO DO  
AMAZONAS

PG. 215

JUÃO  
AUGUSTO  
RODRIGUEZ  
KYNTYNU

NÓYZ: ORÍGYNARYS  
AKYLOMBANO RAP PARA  
REFLORESTAR O JEITO DE  
AMAR

PG. 237

KAYÊ A·NU  
VASCONCELLOS  
OZORIO

ENSAIO FOTOGRÁFICO

PG. 286







A Revista Estudos Transviades surge em 2020, no Rio de Janeiro, como uma iniciativa para criar um espaço de acolhimento e divulgação de produções de pessoas transmasculinas. Pensamos um espaço que abarque os diversos atravessamentos das transmasculinidades. Por isso, repudiamos qualquer manifestação de racismo, LGBTQIfobia, machismo, xenofobia, capacitismo, gordofobia, classismo. Esta revista se destina a todes que quiserem conhecer a amplitude das transmasculinidades fora de uma lente cisnormativa e patologizante.

Com isso, procuramos tornar essa revista um espaço de inclusão, e não de exclusão de corpos não-binários transmasculines. Recebemos produções acadêmicas, literárias e artísticas de todas as pessoas que se identificam como transmasculinas, em sua diversidade de sexualidade, expressão, religiosidade. Propomos um espaço de trocas e produção de conhecimento, livre de demandas academicistas.

# Quer enviar seu material para a revista ou citar a gente?



- 1)** Não nos limitamos a artigos acadêmicos. Qualquer tipo de produção pode ser enviada (artigos, ensaios, relatos de experiência, prosas, poesia, textos livres, desenhos, pinturas, fotografias, etc.). No que diz respeito a produções escritas, privilegiamos aquelas que discorram sobre transmasculinidades e vivências relacionadas.
- 2)** Para fins de organização, recomendamos que os textos sigam o seguinte formato: folha com dimensões A4; margem tamanho Normal; fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1.5.
  - 2.1)** Os materiais serão formatados diretamente pela equipe da revista, sem consulta prévia ao autor.
- 3)** As produções devem ser enviadas pelo preenchimento do formulário. Caso haja dificuldades no preenchimento do formulário, deve-se entrar em contato conosco por e-mail.



Quer enviar  
seu material  
para a revista  
ou citar  
a gente?

**4)** Aceitamos produções escritas somente em formato Word (doc. ou docx.) e imagens em JPG ou PNG. Atente-se para que as imagens estejam em 300 dpi.

**4.1)** Enviem imagens nomeadas e, se possível, legendadas com a ficha técnica. As legendas devem seguir o seguinte formato: nome de/o autor/e, título da obra, ano que foi produzida, técnica utilizada, tamanho".

**5)** Não aceitamos materiais em formato PDF. Se tivermos dificuldade para abrir o arquivo, entraremos em contato.

**6)** Propomos um máximo 25 páginas de texto (sem contar com referências bibliográficas, notas etc.) e não há mínimo de páginas.



# COMO CITAR A REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES?



SAMPAIO, Alexandre Gregório Silva. Ginecologia: um espaço clínico específico para mulheres (?) Impasses e desafios para a saúde ginecológica dos homens trans. Revista Estudos Transviades, v. 3, n. 6, set. 2022. Disponível em: \_\_\_\_\_  
Acesso em: (data de acesso).

Qualquer reprodução ou citação dos materiais dispostos nesse número deve estar acompanhada da menção da fonte de(s) autore(us) e da revista.



BRUNO LATINI PFEIL  
COFUNDADOR E  
COORDENADOR

Psicólogo (CRP05/71525).  
Mestrando em Filosofia  
(PPGF/UFRJ). Graduando em  
Antropologia (UFF). Pós-graduando  
em Psicanálise e Relações de  
Gênero: Ética, Clínica e Política  
(FAUSP). Coordenador da Revista  
Estudos Transviades.

CELLO LATINI PFEIL  
COFUNDADOR E  
COORDENADOR

Doutorando em Filosofia (PPGF/  
UFRJ). Especialista em Teoria  
Psicanalítica Freud-Laciana  
(CEPCOP/USU). Coordenador do  
Núcleo de Pesquisas do Instituto  
Brasileiro de Transmasculinidades  
(IBRAT).

NICOLAS PUSTILNICK  
COFUNDADOR E  
COORDENADOR

Psicólogo (CRP: 05/71942)  
formado pela UFRJ. Especializando  
pelo instituto IPPERG. Pesquisador  
pelo grupo BAFO!. Colaborador do  
CRP-RJ.

THÁRCILO LUIZ  
COFUNDADOR E  
COORDENADOR

Graduando em psicologia na  
Universidade Federal do Rio de  
Janeiro. Indígena em retomada do  
povo Pataxó hae-hae-haes.

DANIEL DE BRITO  
COLABORADOR E REVISOR  
PARECERISTA

Bacharel de Direito e pesquisador  
em Ética pelo Departamento de  
Filosofia da Universidade Estadual  
Rio de Janeiro (UERJ).

BRUNO SANTANA  
COLABORADOR E REVISOR  
PARECERISTA

Bruno Santana, Licenciado em Educação  
Física (UEFS), Pós-Graduado em Gênero,  
Diversidade e Direitos Humanos (UNILAB).  
Professor, pesquisador, poeta, escritor,  
nordestino, umbandista, transbatukeiro e  
transativista.

CAUÊ ASSIS DE MOURA  
COLABORADOR E REVISOR  
PARECERISTA

Gosto de me descrever como um corpo  
trans [que] borda poesia no tecido da vida,  
ando considerando esta minha descrição  
mais bonita. Nasci em Alagoas em 15 de  
junho de 1993 e desde então já fui muitos,  
sou vários, em cada palavra um novo eu.  
Atualmente sou Mestrando em psicologia  
pela Universidade Federal de Alagoas  
(UFAL), integrante do Núcleo de Estudos  
em Diversidade e Política (EDIS/UFAL),  
membro da diretoria executiva do Fórum  
Nacional de Travestis e Transexuais Negras  
e Negros (FONATRANS) e Vice presidente  
da Associação Cultural de Travestis e  
Transexuais de Alagoas (ACTTRANS).  
Alguém que adora viver, ler e escrever  
poesias, compartilhar ideias e afetos [...]

MARIN MATOS  
COLABORADOR E DESIGNER

Marin é diretor de arte, designer e autor dos  
livros “Antes do Sol Nascer” e  
“Reinventando Marias”, ambos  
autopublicados digitalmente e disponíveis  
online.

YAMI FRANÇA BECHARA  
COLABORADOR E DESIGNER

Yam é pesquisador, designer e artista.  
Responsável pela diagramação desta  
edição da Revista Estudos Transviades.

EDITORIAL - TRANSMASCULINIDADES E NÃO-  
BINARIEDADES EM PERSPECTIVAS ORIGINÁRIAS

ESCRITO POR THÁRCILO  
LUIZ DA SILVA HENTZY

Como sua última publicação do ano de 2023, número nove, edição quatro, a Revista Estudos Transviades organizou o presente Dossiê, intitulado “*Transmasculinidades e Não-binariedades em Perspectivas Originárias*”, que apresenta textos, poesias, fotografias e artes visuais produzidas por pessoas que reivindicam suas origens e ancestralidades indígenas. Acreditamos que ao destacar especialmente as confluências entre transmasculinidades, não-binariedades e identidade étnico-racial indígena, enfatizamos o reconhecimento e valorização da diversidade de saberes indígenas e das identidades trans, e favorecemos a memória originária enquanto o conjunto de conhecimentos, tradições, histórias e práticas dos povos que aqui estavam desde antes da invasão colonial.

Pensar a binaridade de gênero como construção da colonialidade refere-se à análise crítica das relações de poder, identidade de gênero e construções sociais que foram influenciadas pelas dinâmicas coloniais.

Isso envolve examinar como as estruturas coloniais auxiliaram na formação de normas de gênero, hierarquias e estereótipos que impactaram, muitas vezes de maneira prejudicial, as experiências de diversas identidades. O entendimento dessa interseção é essencial para uma compreensão mais profunda das experiências de gênero no contexto brasileiro, e a isto pretendem contribuir os materiais que constituem este Dossiê.

A ideia de sua composição foi propiciada pela perspectiva que questiona as narrativas coloniais dominantes de Okara Yby, autore e pesquisadore kontrabynárie, nascide no estado do Rio de Janeiro e em retomada para seu povo potyguara (PB), que propõe o conceito de “Transcestralidade Indígena”, trazido como tema de uma *live* realizada junto à Revista Estudos Transviades em julho deste ano. A fala de Okara foi transcrita e, como o texto que inaugura a edição, pode e deve ser apreciada.

Seguimos para o poema e a peça de Yan Sol Tupiguarani Pataxó, intitulado *Um café para minha mãe*. O drama retrata diálogos entre três personagens, KauãAtã, Carine e Raabe, e os entraves de retornar à família após 11 anos de afastamento sendo uma pessoa trans.

Logo após, Vic Gualito (Nehnencayolotzin) nos apresenta o artigo Transcestralidades indígenas como ferramenta de resistência contra o genocídio de identidades não-binárias na América Latina. Nas palavras do autores, “este artigo propõe uma breve reflexão sobre o poder emancipatório da reivindicação das transcestralidades indígenas como ferramenta de auto-conhecimento, reapropriação e de resistência [...]”.

Nilo Ybyraporã de Sousa, com seu poema Transviado vidro, realiza uma forte crítica sobre o que se entender sobre transição, ser uma pessoa trans e transviada: “Cês fala que acredita em gênero / fluido mas é só até o gênero fluir”. Em outro trecho, escreve “se perguntar se eu tô destransicionando. / Eu tô. / Me desfazendo de novo do / casuo hiper masculino que eu fiz / de escudo a uns anos atrás.” Nessa mesma linha, Mika Kaliandrea, com o poema Cara, versa sobre a coragem de se adentrar o “escuro do amanhecer”.

Dayo do Nascimento, com seu projeto *Caminhos do Norte*, expõe “uma série de placas de reivindicações das memórias, da presença e da vida no Norte”, e questiona tanto o silenciamento produzido pela branquitude cisgênera, como as falsas alianças que tentam firmar.

Apresentamos, então, as fotografias de grafites de Ré Cyborg, além de uma foto de si. Em seguida, Aliendígenu expõe registros da performance realizada na residência artística *Filhas do Apocalypse*.

Em tom de questionamento, o texto de Paprep Mywayj Kanela, intitulado *Qual o sentido do gênero?*, problematiza, resgatando a história de Tybyra, a imposição ocidental de categorias de gênero que traz consigo processos de violência, genocídio e apagamento histórico. Ao fim, apresentar um ensaio fotográfico seguido de uma poesia.

Pyxuá, por sua vez, expõe seu material escrito *Não respeita nem a terra vai respeitar o meu pronome?*. Dividido em 10 poemas, seu material provoca a cisgeneridade e a branquitude sobre suas expectativas com o corpo considerado diferente em suas palavras: “Suas ideia moralista eu já sei de onde vem / Adora um turista, / vender a diferença quanto convém / Acha que sofre mais violência / Pra colônia fala amém”.

Passamos então para Marin Maciel, que inicialmente apresenta três gravuras e uma fotografia, introduzindo em seguida seu artigo *Cruzar o invisível até que o vazio esteja tão cheio que se escute o barulho do silêncio*. Em suas palavras, é preciso “Sonhar outros corpos possíveis de habitar. Encontrar abismos inconscientes. Ser tragado pelo mistério”.

Em seu texto "Retomada na Ballroom", Thárcilo Luiz nos conduz a uma reflexão sobre as relações entre a cultura ballroom e a retomada da ancestralidade indígena por meio de relatos da Primeira e Segunda Ball's indígenas realizadas no Brasil.

Ravi Carvalho Veiga, em seu artigo *Economia Criativa LGBTQIAPN+ e transmasculinidades no estado do Amazonas*, realiza um breve histórico sobre economia criativa fomentada por DJs, artistas diversos, escritores LGBTQIAP+ no Amazonas. Ao final, apresenta vários artistas nesse âmbito comum.

Juão augusto Rodriguez Kyntynu, em seu artigo Nóyz: ORÍgynarys Akylombano Rap para ReflorestAR o Jeito de Amar, escreve sobre as relações entre rap e resistência originária, trazendo várias referências, como EMicida, Katu Mirim, Coruja BC1 e Wescritor, entre outras.

Finalizamos nossa edição com o ensaio fotográfico de Kayê A'nu Vasconcellos Ozorio, em sua conexão com a transcestralidade, compreendido-a como tecnologia ancestral, e com seus referenciais afro-pindorâmicos.

**BOA LEITURA!**



OKARA YBY

okarayby@gmail.com

Okara Yby (elu/ela) - Indígena em retomada para o povo potyguara (PB), pessoa kontrabynárya, psicóloga (UFF). Pesquisa de forma autônoma expressões de gênero, corporalidade, sexualidade, afeto e relações dos povos originários. É proponente do (per)curso "Transcestralidade Indígena" na plataforma Brava (online)



# Okara Yby

ISSN 2764-8133

p. 19

## TRANSCESTRALIDADE INDÍGENA

Okara Yby

*Dedico este escrito à Amanda Iauara Kaeté,  
nossa querida travesty tupy  
que se encantou  
Aíúbeté*

O texto a seguir foi redigido a partir da transcrição da live realizada junto à Revista Estudos Transviades em julho de 2023, com o tema “Transcestralidade Indígena”:

As principais referências que tenho utilizado para esse tema são o texto *Colonialidade e Gênero* (2020) da Maria Lugones [1] (com enfoque no conceito de *Colonialidade do Gênero* [2]), o livro *“A invenção das Mulheres”* (2021) da Oyèrónké Oyěwùmí [3] e o livro *“Existe Índio Gay?”* (2019) do Estevão Fernandes [4]. Gostaria de ressaltar a capa desse último livro. É uma pintura com figuras demoníacas, no meio do caos, que na verdade é uma representação dos povos indígenas, das suas práticas sexuais e seus modos de vida, pelo olhar do colonizador. Outra escritora que gosto e que Lugones cita no seu texto é a Paula Gunn Allen [5]. Ela é uma indígena norte-americana, que escreveu o livro *“The Sacred Hoop”* (1992), onde fala um pouco de gêneros, sexualidades e organizações sociais dos povos indígenas da América do Norte. E também tenho como referência as existências de Tybyra e Çacoeimbeguirá.

A Colonialidade do Gênero é esse conceito que a Maria Lugones vai desenvolver a partir do Aníbal Quijano [6], um sociólogo que desenvolve os conceitos de Colonialidade do Poder e Colonialidade do Saber, que seriam as repercussões da colonização e organizadores do mundo moderno. A forma como o poder se organizou desde o período colonial, o capitalismo decorrente disso, a forma como a economia funciona, tem relações com a colonialidade do poder. A colonialidade do saber, que existe entrelaçada com a colonialidade do poder, seria o processo de controle dos saberes que vem da colonização, em que o saber eurocêntrico prevalece e os demais são rejeitados, até exterminados. E não apenas os saberes originários vão sendo exterminados, mas como os saberes brancos vão sendo impostos a esses povos. Bem, a Maria Lugones dá uma puxada de orelha no Quijano, que no seu trabalho mostrac como o poder, o trabalho, o saber são moldados pela colonialidade, mas ignora que as noções de sexo biológico e gênero, não? Lugones defende que tudo o que a gente entende como gênero, sexo, sexualidade é interferido e moldado pela colonialidade. Essa ideia de que todos os humanos têm uma noção de macho e fêmea, corpos femininos e masculinos, homem e mulher, em todos os períodos históricos, é uma produção colonial, que ela chama de sistema de gênero moderno/colonial.



Nessa discussão também é importante lembrar que existe uma diferença entre o binarismo de gênero e o dualismo. Podem existir referências femininas ou masculinas, yin/yang [7], polaridades, mas isso não necessariamente quer dizer que existam papéis sociais fixos, intransponíveis, para as pessoas, né? Isso é algo que a Rita Segato [8] aborda no texto “Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial” (2012), mas como ainda não me aprofundei nele, não falarei tanto sobre isso hoje.

Seguindo, Oyèrónkẹ nos apresenta várias dimensões de como a colonização europeia (inglesa) criou o gênero dentro do povo dela. Ela fala pra gente como que a sociedade yorubá [9] não tinha demarcação de gênero, porém, hoje em dia o pessoal do território dela é bastante generificado e acredita que sempre foi assim. Como que isso acontece? Uma das formas é pela linguagem, ensinando o inglês, para um povo que não tinha nenhuma demarcação de gênero na sua língua. Também reorganizam toda a sociedade, o trabalho, a educação, por sexo biológico, o que antes não acontecia. A colonização recria tradições e a gente esquece quem a gente já foi.



Uma discussão que se aproxima disso é o que tem acontecido em alguns terreiros de candomblé [10], por exemplo, em que se fala sobre reafricanização. Nesses espaços, fica a pergunta “o que é a tradição?”, a tradição é aquilo que foi tirado dos mais velhos e nem eles conheceram, ou é o que os mais velhos conhecem mas já passou por alterações coloniais? Infelizmente, os nossos mais velhos já esqueceram muitas coisas. Vamos reivindicar aquilo que tem sido passado nas últimas décadas ou o que era passado antes dessas décadas? Oyèrónké diz que hoje em dia existem vários iorubá que estudam a sua própria sociedade e defendem que o gênero e o patriarcalismo sempre esteve lá. Ela faz frente a isso no trabalho dela.

Voltando às traduções coloniais da língua: o povo dela tem palavras para falar do corpo que é capaz de gestar e do corpo que não gesta. Essas seriam características puramente reprodutivas. A palavra que se usa pra quem gesta é obinrin e a palavra para quem não gesta é okunrin. Ela chama isso de “distinção necessária sem diferença social”, pois é uma forma de dizer aquilo que um corpo pode fazer reprodutivamente, mas não existe nenhuma relação disso com dizer que porque esse corpo gesta, ele será um corpo feminino, mãe, esposa, heterossexual. A capacidade reprodutiva e corporalidade não lhe atribui função social. Assim, é possível falar de corporalidade sem você atribuir gênero.

Isso me lembra a discussão ao redor do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que não colocou a categoria “gênero” e, sim, “sexo” nesse último Censo [11]. Disseram que se tirar a categoria “sexo” vão estar “apagando a realidade do sexo biológico feminino”. Mas os termos “mulher cis”, “transmasculino”, “pessoa não-binária com útero” falam diretamente das necessidades de um corpo, só não impõem a mulheridade e a feminilidade ao corpo com útero, vulva etc Me parece que o incômodo mesmo é com o dissolvimento da categoria colonial de “fêmea” e “mulher”.

Outro tema importante é das pessoas intersexo, que está presente no texto de Lugones. Existe essa premissa de um binário absoluto dos corpos, macho e fêmea, e isso escoa para as pessoas intersexo de forma muito preocupante. Existem mais de 45 estados intersexo conhecidos, e mesmo assim bebês e crianças intersexo são submetidas a várias cirurgias de caráter estético, que não têm como finalidade a promoção de saúde física, com a justificativa de que o desenvolvimento social e psicológico vai ser mais saudável, pois essa pessoa será “normal”, adequada. As equipes de saúde até orientam os pais a não contar pros filhos que nasceram intersexo, para não correr o risco de “atrapalhar o seu desenvolvimento saudável”.

Isso tudo é uma violência brutal. Nada disso é sobre saúde, é sobre controle, monitoração, limitação de imaginários. Se sabemos que essas pessoas existem, isso não só desestabiliza o binário absoluto de macho/fêmea, mas também a ideia de que as pessoas vão naturalmente se desenvolver de forma “feminina” ou “masculina” em função de sua corporalidade. Como uma pessoa intersexo vai se desenvolver? Ninguém sabe (que bom).

Também acho relevante refletirmos sobre a diferença no trato de cirurgias estéticas para pessoas cisgêneras ou endossexo [12]. Quando mulheres cis decidem botar silicone, ou quando homens cis decidem reduzi a mama (mamoplastia [13]), ninguém vai querer saber se a pessoa vai se arrepender depois, não demandam laudo médico e psicológico. Não vamos encontrar “ativistas” dizendo que estão “desrespeitando a realidade do corpo”, ou que é uma brutalidade remover “um órgão saudável, né?”. Não dizendo que a busca por essas cirurgias não podem estar associadas ao capitalismo, aos padrões de gênero, mas a forma como cada população é tratada difere muito.

Avançando, no livro “Existe índio gay?” (2017), Fernandes apresenta uma série de relatos, de jesuítas e demais colonizadores, sobre as práticas sexuais dos povos indígenas, práticas que, inevitavelmente, também falam de gênero.

Vamos percebendo por esses relatos que existia uma baixa monitoração de condutas sexuais, corporais e de gênero em vários casos (não posso afirmar que era assim em todos os povos, afinal, eram muitos). O livro cita uma carta com relatos do que estava sendo visto em Abya Yala [14], dizendo que tinha “todo tipo de pecado contra natureza” e que:

"nessa terra é muito comum que tenham mulheres usam armas, bem como todas as coisas que são ofício de homens, e tem outras mulheres com quem elas são casadas. Ele diz que a maior injúria, maior ofensa que você pode fazer é chamá-las de mulheres. Se você fizer isso, tem chance delas te darem flechadas.

Índias há que não conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios, como se não fossem fêmeas. Trazem os cabelos cortados da mesma maneira que os machos e vão à guerra com seus arcos e flechas e à caça perseverando sempre na companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve, como quem diz que é casada e assim se comunicam e conversam como marido e mulher." (FERNANDES, 2019, p.29-30)

É importante pontuar que essas são as interpretações pessoais dos colonizadores, não são as palavras usadas pelos povos descritos. Reforço também que além das práticas sexuais (e de gênero), os colonos tinham grandes questões com a forma como as relações eram vividas, que estavam fora da moral cristã, e dos padrões da família ocidental monogâmica.

No artigo “Monogamia e (anti)colonialidade: uma artesanaria narrativa indígena” (2021), escrito por Geni Núñez [15] e alguns outros autores vemos como a imposição das condutas sexuais e relacionais dos colonizadores era fundamental para a “civilização” dos povos indígenas. Logo, podemos assumir que o controle das sexualidades, corporalidades, expressões e relações originárias sofreu grande ataque no processo de colonização. Por isso, não podemos fazer como Quijano e achar que todas essas dimensões estão intocadas pela colonialidade.

Um ponto que eu gostaria de trazer sobre a ideia de “transcestralidade” [16] é essa junção de “trans” com “ancestralidade” fala de uma busca por algo que nos orienta, que é uma referência, que abre o caminho, não necessariamente quer dizer que a gente precisa olhar para trás e chamar tudo de trans, ou usar qualquer outro conceito que a gente conhece hoje. Não vou atropelar as nomeações de um povo e dizer “nossa, essa pessoa aqui era muito não-binária” [17]. Se a gente não sabe, deixa estar. O que não quer dizer que essas existências não podem ocupar nossos imaginários e nos ajudar a criar mundos. Ao saber que isso já existiu e ainda existe, significa que o que chamamos transgeneridade, de não-binaridade tem proximidade com existências de diferentes tempos, não é uma produção “pós-moderna” e antes “tudo era cis”.



## Gosto da elaboração de Angie Barbosa [18] sobre o termo transcestralidade:

"A ancestralidade é um tipo de relação com o tempo. Ter uma ancestralidade significa — mais do que pertença a uma família ou grupo — o reconhecimento de que os modos de vida de uma comunidade ao longo de toda a sua história possibilitaram e informaram os modos de vida do tempo presente, que conhecimento, histórias, e modos de relação com o mundo e as pessoas são aprendidos com aqueles que vieram antes de nós.

A reverência e respeito pela ancestralidade é a confirmação dos modos de vida de nossos ancestrais, a aderência e reconhecimento das estratégias, conhecimentos e estruturas morais que desenvolveram para sobreviver até aqui; e o compromisso de dar continuidade a este legado.

Mas como pensar, nessa chave, a ancestralidade das histórias frequentemente descontínuas, interrompidas e apagadas de pessoas trans e travestis?" (BARBOSA, 2022, sp)

Quando falamos em uma “transcestralidade indígena”, assim como tantas outras dimensões da vida originária, encontramos muitas discontinuidades, interrupções e apagamentos. Busco, ao menos, organizar algumas pistas... Conheci o termo Çacoeimbeguirá, em Tupi [19] (lembrando que existem várias línguas indígenas, não só o Tupi), e significa algo como “muito másculo” e podia ser usado para corpos com vulva e que eram pessoas que exerciam algo no campo da masculinidade.

E temos também Tybyra, que normalmente é divulgada como “o primeiro homossexual do Brasil”, só que para mim tá tudo errado nessa frase. Primeiro que é um ser que não é do Brasil, mas de tudo que isso aqui era antes de ser Brasil (Abya Yala). E definitivamente ele não foi a primeira pessoa a ser assim. E, por fim, ninguém disse que era um homem homossexual. Nos registros está escrito que era uma pessoa com pênis, de aparência muito feminina e que fazia sexo anal. A palavra tybyra, usada mais como um apelido, não é nome próprio, vem de uma palavra do tupi que significava “bunda”. E, falando em nossas histórias explodidas, Tybyra, por ser quem era, foi explodido na boca de um canhão, pelos colonizadores. Indico o livro do João Nyn [20], “TYBYRA : Uma Tragédia Indígena Brasileira” [21], uma peça feita em cima dessa história.

Para finalizar as referências, tem a Paula Gunn-Allen, que acessei por meio do texto de Maria Lugones. Em um momento, ela fala sobre o povo yuma, que se utilizava dos sonhos para designar gênero. A função de uma pessoa dentro de um povo era atribuída a partir do que ela sonhava. Se a pessoa sonhasse com armas, por exemplo, funções “masculinas” lhe seriam atribuídas. Me pergunto, no entanto, se isso seria uma atribuição de gênero e não apenas de função social... Talvez chamar certas funções de masculinas já seja uma tradução colonial.

Me interessa muito trazer a dimensão dos sonhos e da espiritualidade, porque é comum que aquilo que não é “biologia” ou “racional” seja descartado como algo falso, sendo que isso faz parte da cosmopercepção dos povos originários, é parte da nossa realidade. Tem uma premissa transfóbica, de que “gênero não é um sentimento”. Mas como assim não é um sentimento? Não sentimos o que queremos ser, fazer, com nossos corpos e vidas? A Oyèrónké usa o termo “bio-lógica” para descrever como o Ocidente opera. O sentido da visão é privilegiado e as interpretações do que pode ser um corpo vêm a partir do que é visto - por isso ela diz que os Ocidentais têm “cosmovisão”. Já outros povos têm uma “cosmopercepção”, pois privilegiam diferentes sentidos, os sonhos, o espírito, sentimentos etc. Por isso, tudo aquilo que não está dentro da bio-lógica, em contextos ocidentalizados, se torna fantasioso, irrelevante, menor, que não é a realidade, não é produtivo, não é conhecimento. É mais uma face da colonialidade do saber e é um epistemicídio.

Gostaria de compartilhar que algumas percepções bem importantes sobre mim mesmo tiveram seus princípios nos terreiros de umbanda, principalmente a partir de consultas de preto velho e caboclo. Uma vez eu estava sofrendo bastante com um término, queria um jeito de reduzir a fossa. E eu sei que com preto velho não se fala de amor, mas eu estava em desespero.

É mais uma face da colonialidade do saber e é um epistemicídio.

Gostaria de compartilhar que algumas percepções bem importantes sobre mim mesmo tiveram seus princípios nos terreiros de umbanda, principalmente a partir de consultas de preto velho e caboclo. Uma vez eu estava sofrendo bastante com um término, queria um jeito de reduzir a fossa. E eu sei que com preto velho não se fala de amor, mas eu estava em desespero. E aí o preto velho começou a falar “tá bom, tá bom... mas você não gosta dos dois não?”. E eu fiquei, tipo, “cara, de onde veio esse assunto? Tô aqui sofrendo por causa de mulher e você tá me perguntando se eu não gosto de homem também?”. Fiquei sem entender, mas acabou que um tempo depois essa pessoa do término mesmo se entendeu transmasculine e comecei a ter contato com outras pessoas transmasculinas, o que me levou a reavaliar meus interesses afetivo-sexuais (até o momento eu me entendia lésbica). E aí vi que tinha algo mesmo que eu não sabia sobre mim, que existia um tipo de masculinidade, que não era cis, com quem eu poderia ser feliz também. Também ouvi de um caboclo que meu espírito era dividido ao meio, metade feminino e metade masculino. Me pareceu natural, algo que já sabia, mas não fiz nada com isso. Alguns anos depois eu comecei a ouvir falar em não-binaridade, na comunidade dois-espíritos [22] e todo esse histórico dos povos originários que trouxe pra vocês. Pra mim, esse lugar do ambíguo, do não saber, da fluidez, dos sonhos, todos eles me provocam a pensar o gênero, mais especificamente, a desistência do gênero, e do binário. *Essa é a minha retomada.*

"Naquela aldeia mora  
uma cabocla  
Dizem que é homem,  
mas ela é mulher  
Ela é cabocla Ita [23]  
da pena cinzenta  
Mora na aldeia de  
Tapinaré"

(ponto do Catimbó-Jurema e da Umbanda)



"Indivíduos dois-  
espíritos e pessoas não-  
binárias não-brancas  
E pessoas trans  
Não estão rompendo  
com papéis sociais ou  
Normas de gênero  
Nós estamos apenas  
praticando  
Nossa memória ancestral  
E nossas antigas  
compreensões culturais  
[24]"

(Two-Spirit Anthem - Bobby Sánchez)

NOTAS

[1] Maria Lugones foi uma socióloga, professora, feminista e ativista argentina, radicada nos Estados Unidos. Era professora de literatura comparada e estudos femininos da Universidade de Binghamton, em Nova Iorque.

[2] Colonialidade do Gênero é um conceito que foi criado pela socióloga Maria Lugones, buscando explicar o papel que o colonialismo europeu exerceu na imposição das estruturas de gênero colonial europeia para os povos indígenas das Américas.

[3] Oyèrónké Oyěwùmí é uma pesquisadora oxunista nigeriana e professora associada de sociologia na Universidade Stony Brook. frequentou a Universidade de Ibadan e a Universidade da Califórnia em Berkeley. A autora estabelece duras críticas ao feminismo.

[4] Estevão Fernandes possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (2002), mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília (2005) e Doutorado em Ciências Sociais (Estudos Comparados sobre as Américas) pela Universidade de Brasília (2015). Dedicou-se ao estudo da homossexualidade nos povos indígenas das Américas, com enfoque no Brasil.

[5] Paula Gunn Allen foi uma poetisa, crítica literária, ativista, professora e romancista que nasceu no México e viveu, por um tempo, na Califórnia (EUA).

[6] Aníbal Quijano foi um sociólogo e pensador humanista peruano.

[7] Yin e Yang são conceitos do taoísmo que expõem a dualidade de tudo que existe no universo. Descrevem as duas forças fundamentais opostas e complementares que se encontram em todas as coisas: o yin é o princípio da noite, Lua, a passividade, absorção. O yang é o princípio do Sol, dia, a luz e atividade.

[8] Rita Segato é antropóloga feminista e escritora argentina residente entre Brasília e Tilcara. É especialmente conhecida por suas investigações sobre questões de gênero nos povos indígenas e comunidades latino-americanas, sobre violência de gênero e as relações entre gênero, racismo e colonialidade.

[9] O yorubá ou iorubá é um dos mais de 250 idiomas falados na Nigéria e em alguns outros países da África Ocidental.

[10] O Candomblé é uma religião de matriz africana que cultua os orixás. O termo candomblé vem da junção das palavras quimbundo candombe (dança com atabaques) + iorubá ilê (casa), que significa casa da dança com atabaques.

[11] O censo ou recenseamento demográfico é um estudo estatístico referente a uma população que possibilita o recolhimento de várias informações, tais como o número de homens, mulheres, crianças e idosos, onde e como vivem as pessoas. Esse estudo é realizado, normalmente, de dez em dez anos, na maioria dos países.

[12] Endosexo são todas pessoas que possuem características sexuais que se encaixam nas típicas noções binárias de corpos masculinos e femininos. Todas pessoas que não são intersexo.

[13] Mamoplastia é a cirurgia plástica feita nas mamas humanas, podendo ser de aumento, quando acrescenta-se materiais como o silicone, ou de redução, quando o médico retira parte do tecido mamário para reduzir seu volume.

[14] Abya Yala, da língua do povo Kuna, significa terra madura, terra viva ou terra em florescimento e é era usada para denominar, aproximadamente, o território das Américas. O termo vem sendo difundido pelos povos originários como forma de resistência à heteronomeação colonial “Brasil”.

[15] Geni Núñez é doutora no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC), mestre em Psicologia Social (UFSC) e psicóloga pela mesma universidade. É ativista indígena guarani, co-assistente da Comissão Guarani Yvyrupa e membro da Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Conselho Federal de Psicologia (CFP). É autora dos livros “Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar”, pela editora Planeta de Livros (2023) e do livro infantil “Jaxy Jatere, o saci guarani”, pela editora Harper Collins/Harper Kids (2023).

[16] Conceito desenvolvido por Renata Carvalho, travesti, atriz, dramaturga e diretora teatral brasileira. A atriz descreve-se também como transpóloga, uma combinação dos termos trans e antropóloga devido ao seu amplo trabalho de investigação sobre experiências e corpos trans e a sua formação em Ciências Sociais.

[17] Não-binariedade ou identidade não binária é um termo que pretende nomear as identidades de gênero que não são estritamente masculinas ou femininas, estando portanto fora do binário de gênero (Mulher ou homem) e da cisnormatividade.

[18] Angie Barbosa é travesti, artista visual, integrante da coletiva wonder de teatro. Se dedica de modo autônomo aos estudos feministas e aos estudos queer/trans e busca realizar iniciativas de educação popular sobre gênero e sexualidade para pessoas trans.

[19] Língua indígena do tronco linguístico tupi-guarani.

[20] João Nyn é multiartista, atua na performance, no teatro, no cinema e na música. Potyguar(a), 31 anos, militante do movimento Indígena do RN pela APIRN, integrante do Coletivo Estopô Balaio de Criação, Memória e Narrativa, da Cia. de Arte Teatro Interrompido e vocalista/compositor da banda Androide Sem Par.

[21] Prese à boca de um Canhão, prestes a ser executada por sodomia por soldados franceses, Tybyra, indígena Tupinambá, relembra a própria vida e propaga suas últimas palavras como se, depois de relâmpagos, o som dos trovões saísse de sua boca.

[22] Two Spirit é um movimento surgido nos Estados Unidos e Canadá desde meados dos anos 1980, que busca recuperar o papel sagrado que os indígenas cujas sexualidades e identidades de gênero operam fora do modelo hegemônico em suas culturas. "As posições two-spirit trazem, em sua raiz, uma forte crítica ao processo de colonização, pois partem do argumento de que tal papel sagrado teria sido esquecido pelos indígenas devido ao avanço da moral branca, europeia, cristã e heterossexual imposta àqueles povos ao longo da história" (FERNANDES, 2019, p.177)

[23] Itá significa "pedra" em tupi antigo.

[24] Livre tradução do inglês.

**REFERÊNCIAS  
BIBLIOGRÁFICAS:**

BARBOSA, Angie. Transcestralidades: trauma, violência e futuro fora do parentesco. Ruído Manifesto. 2022. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/transcestralidades-trauma-violencia-e-futuro-fora-do-parentesco-por-angie-barbosa/>. Último acesso: 16 de Dez de 2023:

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar: 2020. p. 52-83.

NÚÑEZ, Geni. OLIVEIRA, João. LAGO, Mara. Monogamia e (anti)colonialidade: uma artesanaria narrativa indígena. Revista Teoria e Cultura. v. 16 n. 3: Dossiê Afetos, políticas e sexualidades não-monogâmicas. 2021.

OYĒWÚMÍ, Oyèrónkẹ. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. tradução wanderson flor do nascimento.–1. ed.– Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

FERNANDES, Estevão R. “Existe índio gay?”: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil. Curitiba: Editora Prismas, 2019.

GUNN-ALLEN, Paula. The Sacred Hoop: Recovering the Feminine in American Indian Traditions. Beacon Press. 2021.

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. E-cadernos ces [Online], 18. 2012. Disponível em: <http://eces.revues.org/1533>



# YAN SOL TUPIGUARANI PATAXÓ



[itsyansol@gmail.com](mailto:itsyansol@gmail.com)

Yan é escritor, dramaturgo, ator, performer, pintor, artesão.

Yan Sol  
TupiGuarani  
Pataxó



## **TRANS.PARENTE NA DRAMA.TUARGILA**

### PRELÚDIO:

"É com grande alegria que apresento esta peça a todes, todas, todos os leitores da revista.

A escrita a seguir está em formato original Dramatúrgico, onde normalmente destina-se essa escrita/leitura diretamente a diretores e atores de Teatro; todavia, minha intenção com este ato é, de alguma forma, fomentar este formato de escrita/leitura, inspirando junto a outros formatos mais comumente publicados.

Parte de meu singelo desejo é também que possamos visualizar, em nossa mente, as cenas enquanto passam por nós como leitura, ou leitura dramatizada. Inspirando, quem sabe, diretores e atores a reproduzirem este também singelo, porém promissor, roteiro; e, quem sabe, inspirar leitores a se tornarem dramaturgos, e/ou diretores e atores de Teatro".



"O drama e a vida real.  
A vida real e o drama  
na mão do dramaturgo  
são como tuargila  
na mão do escultor  
que ama o que faz  
e faz o que ama."

Yan Sol.



Peça:

**UM CAFÉ PARA MINHA MÃE**  
de YAN SOL TUPIGUARANI PATAXÓ

Drama: familiar, gênero e etnia.  
Peça com 5 cenas. 3 Personagens.

DESCRIÇÃO DE PERSONAGENS:

KauãAtã: jovem rapaz transexual entre 29 anos, indígena com fenótipo tupi guarani de pele clara. Com roupas confortáveis e mochila de alimentos.

Carine: mulher cisgênera entre 48 anos, com cabelo preso e roupas de casa.

Raabe: adolescente entre 13 anos, características não binária, cabelo colorido e roupas de casa.



## CENÁRIO:

1: Frente da casa amarelo creme, com uma porta e janelas, com o número 10 na parede.

2: Sala de estar pequena de classe média baixa, com um sofá pequeno, uma TV em uma das paredes, apenas um quadro antigo em outra parede, uma mesa de centro pequena e uma mesa de canto próxima à entrada com cartazes de Procura-se Camila.

3: Cozinha pequena, geladeira, fogão, mesa pequena de centro com 4 cadeiras, um armário pequeno, quadros de desenho infantil em uma das paredes.

4: Quarto de adolescente, com desenhos em cartaz e fotos nas paredes, luz pisca-pisca branca em uma das paredes, uma mesa pequena de canto com uma cadeira e um banquinho de mesma altura, uma cama, e um colchão extra embaixo da cama, papéis e objetos para desenhar em cima da cama.

↑Todos os cenários juntos montados em cena. O quarto de Carine é uma porta extra entre a cozinha e o quarto de Raabe, o qual se posiciona ao extremo oposto em relação à entrada da casa, em cena.

Jogo de som e luzes marcam sensação e sonoridade do ambiente, o amanhecer e anoitecer em cena.



## ARGUMENTO:

KauãAtã é um jovem que foi embora da casa de sua mãe aos quase 18 anos, sem avisar a ninguém. E, sem aviso prévio tampouco, 11 anos depois, retorna a visitar a casa de sua mãe que o conhecia apenas como Camila. Essa visita se torna um grande desafio.



## CENA 1:

### CHEGADA NA PORTA:

KauãAtã: (À tarde, calor, com mochila, chega em frente à porta, espera, bate) toc, toc, toc.

Carine: (Abre a porta, mostra espanto) Camila?! É você?

KauãAtã: (com sobriedade) Não, mãe, meu nome é KauãAtã, já faz 11 anos.

Carine: (com frieza) O mesmo tempo que você desapareceu.  
Você tá diferente.

KauãAtã: (lamentando) Eu não conseguia viver mais aqui, pra mim sempre foi tão difícil. Precisei ir pra outro lugar.

Carine: Mas assim? Sem avisar? Você era menor de idade! Colamos cartazes por todos os lados!!

KauãAtã: Eu fui pro sul, certeza que o cartaz não chegou lá.

Era verãozão, faltava menos de uma semana pra completar 18. Se eu avisasse você ia fazer de tudo pra me impedir, e, às vezes, as palavras podem ser mais fortes que atos de força bruta.

Carine: Eu não ia te impedir ué.. mas, (deboche) é... você fez o que achou que tinha que fazer.



KauãAtã: (intrépido) O que eu não tinha certeza era se voltar aqui era uma boa ideia.

Carine: (seriedade e mansidão) Entra. (Vira as costas pra entrar).

KauãAtã: (Toca no ombro de Carine, puxa calorosamente para um abraço frio dela).

## **CENA 2:**

### **NA SALA DE ESTAR:**

KauãAtã: (entra na casa, avista cartazes de Procura-se Camila) Cadê Raabe? (contente) Deve tá enorme!

Carine: (desdenhosa) No quarto dela, só faz isso! Camila, você podia pelo menos ter deixado uma carta, mesmo que não dissesse pra onde ia, (calorosa) pelo menos eu não ia ficar procurando que nem idiota.

KauãAtã: (enfuriado) KauãAtã meu nome mãe, já disse. (emprega doçura) E sim, você tá certa, eu deveria ter deixado pelo menos um bilhete. Mas sair a procurar por alguém que sumiu pode ser um ato de amor.

Carine: (enojada) Como assim, Kauã? (explicativa) Olha, tudo bem você ficar mais masculina, mas trocar de nome.. (enfática) nome de homem?



KauãAtã: (intrépido) Porque sou homem, mãe! (explicativo)  
É sou masculino levemente afeminado porque gosto assim.

Carine: (chocada e lenta) Tá dizendo que você nasceu errado?

KauãAtã: (Adusto) Tô dizendo o que eu disse, e o pronome comigo é no masculino. (emprega doçura) Mas respondendo aparte; não acho que eu tenha nascido errado. (explicativo) Sou um homem com útero e tá tudo certo. Até porque, você sabe né!? Que não é pela genital que se designa gênero de uma pessoa.

Carine: (fantasiosa) Quando você nasceu eu já sabia que seria menina, eu escolhi seu nome, Camila: a sacerdotisa, servidora da divindade, mensageira de Deus, e que ainda significa PERFEIÇÃO!

KauãAtã: (sóbrio) Mas na verdade sou homem. Meu nome é KauãAtã, significa O Grande Filho da Água, ou da Cura, porque a água também significa cura, e eu também sou curandeiro lá na aldeia.

Carine: (deboche) Rn! Aldeia?

KauãAtã: É onde moro há 11 anos.

Carine: Você ainda tem tempo de fazer sua vida, fazer uma faculdade, você tá nova! Não teve filhos, né?! Se não teve, melhor pra você!  
E você sabe, né, que não quero ser avó!



KauãAtã: Tô novO\* ainda sim, mas minha vida já tá no rumo que quero, não quero outro. (Adusto) E sim, fiz faculdade, sou fisioterapeuta; e também socorrista, há 2 anos, pra poder ajudar mais a todos em volta.

Carine: Ahhhh, que bom, pelo menos não vai morrer de fome, dá pra ganhar um dinheiro bom com essas formações! Tá tentando concurso público ou tem clíca?

KauãAtã: Nem uma coisa nem outra. (adusto e desapontado) Você nem tá escutando, né? Não é pelo dinheiro que me formei nisso. Olha, mãe, o que você acha da gente tomar um café ? (Mexe na mochila) trouxe aipim, milho e também café que plantei, colhi e eu mesmo que moí! Cheira!

Carine: Ah que ótimo, mas guarda pra você! Tem café aqui já, e pão.

KauãAtã: Mas, eu trouxe pra você, pra comermos juntos..

Carine: Eu sei, eu sei, guarda pra você, suas coisinhas. Não precisa, não, tá?!

KauãAtã: (Triste) Vou chamar Raabe pra comer também.

Carine: Não! Deixa ela lá! Deve tá até dormindo!

KauãAtã: Mas, você sabe que eu não vou embora sem vê-la, né?



Raabe: (Sai do quarto).

Carine: Aí filha, Camila sua irmã apareceu!

Raabe: Oi Kauã!

Mãe, ele num disse que o nome dele é Kauã.....Atã?!

Carine: (enfática quase sussurrando) Ah... mas não tem como...

Raabe: Você sabe o que tá fazendo?

Oprimindo ele, você pensa que não? Mas isso tem nome, Transfobia! Independentemente de quem seja, ele pode denunciar, porque é crime. Mãe, deixa de ser quadrada! Abre sua cabeça, o nome dele **E\*** é Kauã e ponto.

Carine: (Sai andando lento pra cozinha).

KauãAtã: (sóbrio) Se trata de saber que não se sabe o que é melhor pro outro, e sim como posso melhor respeitar e apoiar o outro. Acho que ela se acostumar com a idéia e mudar de atitude é uma fantasia da minha cabeça... Simplesmente...

Raabe: (com humor) Então vamos ter que rezar, e tentar acreditar que pode dar algum resultado.



### **CENA 3: NA COZINHA:**

KauãAtã e Raabe: (Entram na cozinha).

KauãAtã: (Caminhando para a pia e fogão) Vou colocar água pra ferver também, pra fazer do café que trouxe pra vocês!

Raabe: (Senta em uma cadeira à mesa) Escutei você falar que você que plantou, mano? Me conta mais como é lá onde você mora?!

KauãAtã: É uma aldeia Guarani. O Cacique e o Pagé gostam muito de mim. Eles falam que levei muita coisa boa pra aldeia e me viram mostrando muita coisa boa da aldeia pra pessoas indígenas que não sabiam que podiam se autodeclarar indígenas e pra pessoas de outras etnias, culturas e vivências, nos conhecerem.

Raabe: Que legal!

Hmmm, e que cheiroso esse café! Que lindo esse milho todo colorido! Quero muito provar dessa mandioca! E você virou terapeuta é, mano?

Carine: (Liga em alto volume a smartTV em clipe musical evangélico).



KauãAtã: (Responde alto quase gritando) Sim, mana! Mas é aipim!! Alimentos limpos de venenos agro! E sim! Fisioterapeuta e socorrista! Tenho conseguido ajudar muito, dentro e fora da aldeia!

Raabe: Mãe, abaixa isso aí?!

Carine: (Abaixa minimamente o volume) Ah! É que é tão bom tomar café ouvindo hino!

KauãAtã: É bom mesmo ouvir uma musiquinha enquanto se prepara as coisas!

Carine: (deboche) Engraçado, né? Te criei na cultura de branco, na cidade, e mesmo assim você voltou pra cultura indígena! E que bom que pelo menos você ainda gosta de ouvir hino, né, Camila. O hino abençoa o lugar e as pessoas são tocadas.

Raabe: (Arregala os olhos).

KauãAtã: (Desapontado em silêncio faz tudo mecanicamente pra ter o alimento cozido).

(Todos ouvindo a música em silêncio, preparando alimento e tomando café).

(Todos à mesa para comer).

[Em cena, volume da música vai decrescendo. Silêncio completo].



KauãAtã: Mãe, me alcança a manteiga pra passar aqui?

Carine: Alcança ali, Raabe, pra ela.

KauãAtã: (Se levanta, e sai pisando firme para o quarto de Raabe).

Raabe: Cara.... você não tem jeito. Tem?! (Levanta e vai atrás de KauãAtã).

## **CENA 4:**

### **NO QUARTO DE RAABE:**

KauãAtã: (Andando quase em círculos, de um lado pra outro)

Raabe: (Entra, em silêncio, fica na entrada do quarto)

KauãAtã: (tentando sobriedade) Me arruma papel e caneta, mana? Rápido, por favor.

Raabe: (Ágil) Toma!

KauãAtã: (Senta no banquinho á mesa. Começa a escrever rápido, com força.

Escreve por horas em completo silêncio).



Raabe: (senta na cama, põe fones de ouvido).

[Anoitece]

Raabe: [Tira os fones. Sai (de cena). (Na ausência faz algo).  
Entra (em cena) no quarto].  
Mano, posso falar com você?!

KauãAtã: (Para de escrever como se saísse de um transe).

Raabe: Dorme hoje aqui? Queria tanto ficar mais tempo  
com você. Já perguntei pra mãe se você pode.

KauãAtã: (Balança a cabeça dizendo que sim).

Carine: (Aparece na entrada do quarto) Aqui estão as  
cobertas (caminha e põe na cama, sorri). Boa noite,  
meninas. Raabe e KauãAtã: (Arregalam os olhos).

Raabe: (Sobrancelhas levantadas, balança a cabeça  
dizendo que não).

KauãAtã: (Volta pro transe da escrita).

Carine: (sai).

Raabe: (Pega papel e caneta, senta ao lado de KauãAtã, e  
fica desenhando, junto).



KauãAtã: (Termina de escrever. Dobra e guarda).  
Quero desenhar com você! E ouvir música! (Sorri) Bora?

Raabe e KauãAtã: (Desenhando e cantando).  
(Guardam as coisas e se deitam, cada um na sua cama,  
lado a lado, de mãos dadas, pegam no sono)

[Silêncio, escuridão total]

## **CENA 5:**

**NO QUARTO DE RAABE & SALA DE ESTAR:  
FINAL:**

[Sons de poucos pássaros. Amanhece em cena]

KauãAtã: (Acorda, senta na cama. Carinhoso) Mana, tô indo.

Agora você tem meu telefone, sempre que quiser pode me chamar. Tá?

Te amo!

Raabe: (Abraça KauãAtã) Tá bom! Te amo! Não some nunca mais, tá bom?! Promete?

KauãAtã: Prometo! (Levanta, pega a mochila. Sorri. Sai do quarto, passa pela sala, deixa a carta na mesinha de centro, vai embora).

Carine: (Acorda com o barulho da porta. Entra (em cena) na sala. Vê o papel dobrado na mesa, o pega, senta pra ler).



## CARTA:

[Desta vez deixo-te uma carta, para deixar claro que estou indo embora, pois.... Sem condições de ficar por perto recebendo dozes diárias desse veneno transfóbico que está circulando junto ao amor que você pode sentir por mim. Queria que quisesse me abraçar, queria que me admirasse. Eu poderia pensar que você um dia vai me respeitar, mostrar seu amor ao me chamar pelo meu nome, ao me chamar de filho... mas pelo visto isso só vai acontecer SE você abrir mão de algo. Algo que não entendo porque existe dentro de você, minha mãe. Esse algo que não te deixa perceber que estás a me invalidar, invalidar quem sou, o que faço de minha vida, como se o que você acredita fosse o melhor pros outros, mas não é. Não é assim. Por vezes, tantas vezes, não conseguimos controlar nossos próprios resultados, quem dirá quando se trata do outro, quando se trata do que faz o outro feliz.

Agora, aqui, se abre um tempoespaço, pra que você saiba o quanto estou cada vez mais feliz comigo mesmo! O quanto, a cada amanhecer, me olho no espelho, e só em me ver, já fico feliz! E isso acontece hoje comigo porque um dia eu quis olhar pra mim e saber, ... consegue entender? Hoje sou feliz com quem sou, por dentro e por fora.



"como posso ser um Ser  
Humano melhor  
do que fui ontem?  
porque não me sinto  
completo, feliz?  
o que tá faltando?  
porque quando me  
olho no espelho me  
sinto estranho?  
porque me sinto  
como se fosse outra  
pessoa me olhando  
nesse espelho?  
porque não sinto que  
sou eu me olhando?"



Eu admiro e reconheço o amor que, mesmo assim, existe em você, de você pra mim. Você poderia, simplesmente, fechar a porta na minha cara, e quero realmente agradecer a consideração em abrir as portas. Mas abriu a porta apenas de sua casa até agora, falta a de sua compreensão. Deixo nesta carta meu contato, pra quando quiser me chamar de filho, e pelos pronomes que me cabem, respeitando os ofícios que escolhi servir, a cultura da qual somos filhos sequestrados; e digo, eu não fugi de casa, eu retornei para a casa da qual eu nunca deveria ter sido roubado.

Roubado do direito de nascer na aldeia, de saber minha etnia, saber a medicinas de meus ancestrais que curam a mente, o corpo e a alma; muitos estamos retornando para a casa da coerência coletiva em amor, cuidado e contato diário com a Terra; há lugar para todes, todas, todos neste restaurARTE.

Ainda te amo.

de seu filho, KauãAtã TupiGuarani.]

Carine: (Olha 2 garrafas de café, sem ninguém ver, toma o café que KauãAtã fez, olhando pela janela).





## TRANS.PARENTE NAS PAZ.LAVRAS

*"Certamente essas cenas trazem à tona **parte** do que vivi com parte de meus familiares, e é parte do que muitas pessoas Transsexuais, Transgêneros Binários e Não Binários, que, poderia eu dizer, viveram, vivem e viverão, mas pareceria que minha crença se baseia na ideia de perpetuação da ignorância e da maldade, e eu não acredito nem aceito esse futuro. Acredito fielmente que intervenções inteligentes, coesas e impactantes podem trazer, trazem e trarão cada vez mais pra perto o futuro isento, ao menos do excesso, de ignorância, intolerância e maldades, substituídos pela coerência, consciência de igualdade, autonomia, lealdade, respeito e amor mútuo.*

***Parte** das cenas possuem diálogos e atos de transfobia e xenofobia que ouvi com meus próprios ouvidos, senti em minha pele; e que não podemos fingir que não vemos, ou que não machuca, ou fingir que tudo bem. Plasmei no papel não apenas pra divulgar / denunciar "níveis de sutileza" de tais*



*atos, mas para também dissipar, dissolver, e abraçar corações e mentes que se sintonizam com a compreensão dessas dores e também a quem se sintoniza com a ideia de compreensão dessas dores, sejam pequenas ou grandes dores; que, quando inesperadamente se somam, viram uma dor que parece quase irreparável, e quem a sente deve ter descomunal força de vontade pra se liberar de tal dor somatizada, e seguir em frente, sano e vital. Ao falar dessa dor, todo humano sabe do que tô falando, mas gostaria de ver todos os humanos acessando esse lugar de auto cura vital.*

*O alento, o apoio, e até o conforto, consolo, ovação, e o respeito são ações que restauram coração e mente feridos, e o belo é que não se precisa de muito, apenas de uma gota de amor sem condições para entregar e integrar o bálsamo que o outro apresenta precisar. O impressionante é que o respeito é também um escudo protetor, que, quando utilizamos constantemente, estamos evitando feridas em nós e nos outros Seres; não digo outras pessoas, pois infinitos tipos de relações existem não apenas entre humanos, pois outros seres sentem dores também, como podemos refletir até aqui. É, para muito além do racional, possível perceber e sentir as ações que foram citadas.*



*Acerca da peça em si: é uma inspiração! **Uma Inspiração** unificada a Experiências Vividas! Há partes de mim e minha compreensão, em cada, e todos personagens, e ao mesmo tempo são parte de minha imaginação também! Particularmente, quando eu era pequeno, dos 8 aos 14 anos, vivia olhando e estudando Atlas, imaginando como fugir, mas nunca cheguei a fazer isso. Apenas quando com 17 fui morar sozinho, mas ainda na mesma cidade de minha mãe, que me visitou raras vezes, e apenas até o portão, não me lembro d'ela entrar em minha casa. Não me lembro se foi por falta de convite, sinceramente. O fato é brincar com a transparência que há e não há, entre o dramaturgo e a cena, e onde não é transparente é puro arco-íris que se realiza pelo plasma das cores da imaginação.*


*Deveras, muito do que gostaria de trazer primeiramente para esta edição, já está plasmado nas cenas, e com imensa alegria e prazer, registrando a primeira vez que estou junto, contribuindo com essa equipe potente e linda, desta revista potente em sua contundência! Torno público que será um imenso prazer seguirmos juntas para as próximas edições apresentar outras mais cenas e narrativas que contemplam o perceber desde o ponto de existência de meu respirar!"*



*"Sou outro você e juntos em Biosfera Sagrada somos um com a Terra, e em Noosfera Sagradamente Consciente somos uma Única Mente, limpa, Cristalina, Arco Írica, em poder de autocura 7::7::7::7, Cubicados no Cubo do não Ego, vivendo e conhecendo o Encantamento do Sonho (DreamSpell; Valum Votan), as Crônicas da História Cósmica (Valum Votan e Rainha Vermelha Stephanie South) e também o Mapa de Visão (Rainha Vermelha Stephanie South)".*

*Yan Sol TupiGuaraní Pataxó*





VIC GUALITO  
(NEHNENCA YOLOTZIN)



victoria.gualito@usp.br

Sobre o material: Ensaio teórico elaborado para fins de avaliação da disciplina “Estudos trans em Antropologia”, ministrada pelo Prof. Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP no primeiro semestre do ano de 2023.



Mestrando em Integração da América Latina pela USP (Brasil) e Bacharel em Pedagogia pela UNAM (México). Vic Gualito (elu/delu) é nome social. Nehnecayotzin corresponde ao nome indígena da etnia náhuatl do México. Pessoa migrante, descendente indígena do México da etnia náhua (azteca), pedagogo transmasculine e autista.

## Vic Gualito (Nehnencayotzin)

# TRANSCESTRALIDADES INDÍGENAS COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA CONTRA O GENOCÍDIO DE IDENTIDADES NÃO-BINÁRIAS NA AMÉRICA LATINA

Vic Gualito

## **Resumo**

Este artigo propõe uma breve reflexão sobre o poder emancipatório da reivindicação das transcestralidades indígenas como ferramenta de auto-conhecimento, reapropriação e de resistência diante do genocídio causado, durante séculos, pelo sistema capitalista-racista-colonial-patriarcal por meio da cis-heteronorma e do binarismo de gênero. Desta forma, o presente trabalho inicia com uma discussão teórica sobre a pertinência do uso dos conceitos: transcestralidade e genocídio, em contextos latino-americanos, para depois explicar a potência do uso destas categorias dentro do campo dos estudos trans, assim como também dentro do movimento indígena, especificamente na vida de pessoas trans-indígenas em contextos urbanos.

## **Palavras chave**

Transancestralidade; Genocídio; Colonialidade.

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

As presentes linhas surgem da minha experiência transnacional de transição de gênero como mexicane e descendente da etnia náhuatl, com a intenção principal de deixar marcas e dicas para as pessoas trans que virão depois de mim. Ter assumido abertamente minha identidade de gênero não-binária e minha pansexualidade, em situação de migrante, no meio da pandemia do Covid-19, em um país que, mesmo sob o governo de um genocida, teve estrutura suficiente para me oferecer a oportunidade de ter acesso gratuito à hormonização pelo SUS e também a possibilidade de usar um nome social (coisa inimaginável no lugar de onde eu venho), mas que, ironicamente, também é o país da América Latina que mais mata pessoas da nossa comunidade, isso tudo foi a experiência mais maluca da minha vida. Por isso, falo que nasci duas vezes, uma no México e outra no Brasil.

A questão é que toda essa série de direitos, dos quais me beneficiei, conquistados com sangue pelo movimento trans brasileiro e por todos os nossos ancestrais que resistiram ao colonialismo de gênero na Abya Yala [1] durante séculos, não fazem sentido quando são sequestrados por narrativas brancas e interpretadas de forma descontextualizada como “coisas novas” ou como “conquistas da modernidade”, sendo que, desde tempos pré-coloniais, existiam já práticas ancestrais de fazer e refazer “sexo/gênero”.



Na verdade, as construções das categorias sexo/gênero binárias, instauradas pela modernidade, por meio das formas mais violentas possíveis, são tão limitantes que não dão e, atrevo-me a dizer, nunca darão conta da diversidade humana, pior ainda dentro de um sistema que trata tudo aquilo que foge da norma como uma aberração, como um erro a ser consertado, como um pecado que deve ser confessado, como uma maldição que ninguém merece e que nunca ninguém pediu, como uma monstruosidade que, enquanto não compreendida nem assimilada, será sinalizada e castigada por todas as pessoas que ativamente sejam cúmplices do cis-hetero-patriarcado colonial e binarista.

É contra-colonial enxergar que todas essas mentiras genitalistas sobre sexo/gênero e sexualidade, baseadas numa mistura estranha entre suposta biologia e fundamentalismo religioso que nos fizeram engolir, por gerações, precisamente por serem tão rígidas, podem ser quebradas quando achamos fissuras nelas e honramos a memória coletiva de quem morreu e de quem sofre por se assumir como diferente, mas também por ser visivelmente um alvo, pior ainda quando se trata de pessoas trans-racializadas. Em resumo, nossas trans-ancestrais morreram simplesmente por viver e existir livremente, por viver a nossa verdade.

É contra-colonial transicionar renunciando aos privilégios cis. Transicionar é minha vingança contra o cis-tema, que me roubou a possibilidade de vivenciar o gênero, escolher meu próprio nome, curtir minha genitália e minha sexualidade desde antes, inclusive, de nascer.

Agradeço eternamente a Quetzalcoátl e Oxumarê, guias espirituais que fogem da branquitude e do binarismo de gênero, por terem me acompanhado durante o difícil começo da minha transição.

**IGUAL AO QUE ACONTECE  
COM AS COBRAS,  
CONSIDERO MEUS  
PROCESSOS UMA SÉRIE  
DE TROCAS DE PELE EM  
TODAS AS SUAS  
DIMENSÕES.**





## PRÁTICAS ANCESTRAIS DE FAZER E RE-FAZER SEXO/GÊNERO

“Por isso que os nossos velhos dizem: “Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai”. Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo, é importante para uma comunidade humana saber quem ela é, saber para onde ela está indo.”

Ailton Krenak [2]

No texto *Asegi Stories*, do intelectual indígena Qwo-Li Driskill, o autore foca no resgate da memória de pessoas “cuir” [3] (*queer* em inglês) da etnia cherokee, também chamadas de “Dois-Espíritos” [4] (*two spirits*) dentro das aldeias deste povo. Assim, na cosmovisão cherokee, Dois-Espíritos seriam todes aqueles parentes cujo gênero, sexo e sexualidade fogem da lógica colonial do cis-hetero-binarismo-branco. Precisamente por causa dos apagamentos e da falta de fontes nas quais sejam explicitadas a presença de parentes Dois Espíritos, Driskill propõe a metodologia ancestral de tecelagem dupla (*double-weaving*) que faz a brilhante referência metafórica ao jeito de tecer cestos, comum em vários povos originários da Abya Yala.

Esta metodologia de tecelagem dupla consiste em reimaginar e reconstruir, no abstrato, o que estava contido de forma material num “terceiro” espaço vazio, escondido, esquecido, que fica entre as duas paredes do tecido dos cestos. Assim, por meio desta técnica inspirada no artesanato indígena, faz-se possível vislumbrar os apagamentos de experiências de gênero/sexo/sexualidade dissidentes. Dito de outra maneira, é por meio do mapeamento das ausências, das reinterpretações cuir da história hegemônica “não-cuir” e da análise das reações do colonizador que podemos fazer justiça coletiva à memória de nossas transcestrais dois espíritos.

Foi através do processo orgânico da tecelagem dupla de cestos que percebi aquele terceiro espaço formado no meio das paredes de cestos de dupla face. (...) Se o imaginário colonial esconde alguma coisa então, o imaginário decolonial, brincando num terceiro espaço reconhece aquilo que foi deixado de fora. (DRISKILL, 2016, p. 5, tradução nossa)

Nosso parente cherokee coloca especial ênfase neste terceiro espaço, que diz ter sido propositalmente escondido e ignorado durante séculos por muitos setores, tanto no passado colonial quanto no presente que alguns acadêmicos têm o atrevimento de chamar de

“post-colonial”, como se o colonialismo tivesse acabado. É precisamente por não termos superado os efeitos do colonialismo de gênero que surge a necessidade de nomear até os fenômenos mais sinistros deste sistema insensível e violento com nossas subjetividades. Mais pra frente, dentro do mesmo texto, Driskill faz menção à categoria “genocídio” (gendercide), elaborada por Maureen S. Hiebert’s e utilizada por Deborah A. Miranda para descrever os ataques específicos a pessoas indígenas que foram assassinadas, torturadas e massacradas pelos colonizadores por causa do seu gênero [6]. Neste sentido, o genocídio seria mais uma ferramenta brutal do projeto colonial genocida, cujas consequências permanecem até hoje, tanto na dimensão material quanto na dimensão simbólica.

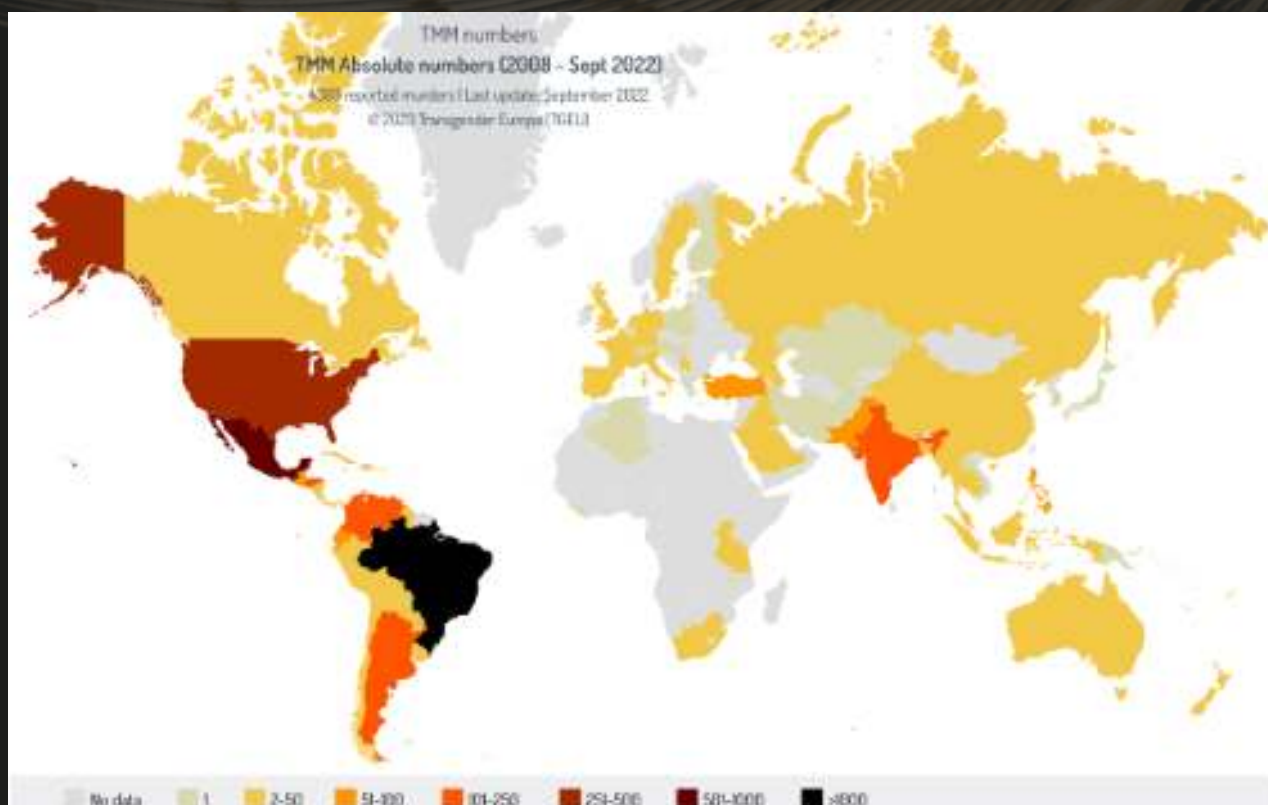
Dados de 80 países reunidos pelo projeto internacional Trans Murder Monitoring (monitoramento de assassinatos de pessoas trans, em tradução livre) mostram que das 4.639 mortes registradas entre 2008 e setembro de 2022: 1.741 ocorreram no Brasil (37,5% do total); 649 no México (14%); 375 nos Estados Unidos (8%). O levantamento indica que 68% dos casos acontecem na América Latina e Caribe. Segundo o dossiê da ANTRA, o perfil das vítimas no Brasil é o mesmo dos outros anos: mulheres trans e travestis negras e empobrecidas. A prostituição é a fonte de renda mais frequente. 76% das vítimas do Brasil eram negras e 24% brancas. (VASCONCELOS, 2023) [7]



Fazer uso da categoria genocídio, ao meu ver, oferece uma releitura mais próxima da realidade que nós, pessoas trans, vivenciamos todos os dias na América Latina, especificamente quando se trata de países como o México e o Brasil, que encabeçam a lista de crimes de ódio contra nossa comunidade. Se a este cenário somamos os efeitos do racismo estrutural, dá a impressão de que realmente não tem mudado muita coisa quando se fala sobre pessoas trans indígenas e negras desde o século XVI. Portanto, concordo plenamente com nosso parente, Qwo-Li Dois-Espíritos, quando diz que é bizarro ter acadêmicos falando sobre um tal “post-colonialismo”, pois esse olhar enviesado diz muito mais dos seus privilégios do que o que realmente acontece nas ruas conosco na linha de frente diante do cis-heteroterrorismo-binário.

**“(...) OS FRUTOS DA RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA TRANSCESTRAL PODERIAM SER COLOCADOS NUMA TRANSTECA OU NUM MUSEU DA MEMÓRIA TRANS, ONDE SERIA MOSTRADA TODA AQUELA HISTÓRIA CUIR QUE FOI APAGADA E ROUBADA DE NÓS”.**

## Gráfico 1: Assassinatos de pessoas trans entre 2008 e setembro de 2022



Fonte: Transgender Murder Monitoring. Números absolutos de assassinatos de pessoas trans entre 2008 e setembro de 2022 (tradução nossa).

Disponível em:  
<https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/#>  
Acessado em 03/08/2023

Dentro do mesmo texto, o parente Driskill reconhece, também, as contribuições do pensamento chicano (mesmo sem ele ser chicane) [8] na teorização de políticas decoloniais e a complexa relação entre gênero-sexualidade-colonialismo-nação. Este último elemento de nação faz muito sentido na vida de uma pessoa trans-migrante e descendente indígena, como eu. Venho de um país com grave ausência de estrutura causada pela falta do apoio do estado para garantir acesso à informação e saúde de pessoas trans, e vim parar aqui no Brasil, um país onde, por muito mais letal que seja o contexto, minimamente conta com um Sistema Único e Universal de Saúde (SUS), cujos serviços incluem atendimento independentemente da nacionalidade/cidadania do requerente. A primeira clínica trans pública no México foi fundada em 2021 [9]; esta opera, unicamente, na capital (na Cidade do México) enquanto o SUS (no Brasil), funciona de forma ampla e generalizada. Além disso, no Brasil, o SUS incorporou o uso de nome social a partir de 2006.

Dois anos depois, em 2008, liberou acesso a procedimentos de modificação corporal, como cirurgias e hormonização [10]. O simples acesso a essas informações fez total diferença na minha vida e, tenho certeza, na vida de outros amigos trans-migrantes, embora o SUS tenha ainda muito a melhorar na questão de descentralizar seus serviços das grandes cidades brasileiras para os interiores.



Quando se é uma pessoa trans-migrante, você precisa compreender os dois cis-temas que você transita (o de origem e o de destino) para entrar no jogo das políticas institucionais em questão, porque: “bicha burra nasce morta”. As configurações destes cis-temas têm efeitos múltiplos e diretos na nossa saúde mental, assim como na nossa segurança (desde as formas de tratamento, pronomes, a garantia de uso do “nome social” ou “nome escolhido”, a estrutura dos banheiros públicos, trâmites etc.). Este último apenas me referindo a nós, pessoas trans-migrantes, que circulamos em espaços urbanos, pois, nos interiores dos nossos países, por exemplo, nas nossas aldeias, quilombos e favelas, as diferenças/desigualdades podem ser ainda muito mais chocantes. Todos estes elementos têm o potencial de constituir até um objeto de um próximo artigo sobre política trans comparada, mas o que quero colocar em destaque aqui, apenas, é que a categoria análise de nação, utilizado pelos intelectuais da escola chicana (minhes compatriotas, mesmo que nem todes sejam parentes), é terra fértil suficiente para analisar de forma mais abrangente os desafios que enfrentamos, pessoas trans ao redor do mundo e desde uma metodologia originária de estudos comparados trans.

Passando agora para a segunda categoria medular do nosso artigo, a *transcestralidade*, trata-se de uma ferramenta interpretativa-metodológica que vem sendo utilizada de forma, relativamente, recente em produções acadêmicas e artísticas de pessoas trans. A transcestralidade pode ser interpretada desde duas perspectivas diferentes e, ao mesmo tempo, complementares: a) uma que parte de um olhar originário-ancestral, cujo propósito é a reconstrução da historicidade e da memória da nossa existência dissidente secular, principalmente de cosmovisões negras e de povos originários no caso particular da Abya Yala; b) a segunda perspectiva foca nas formas e estratégias em que nós, pessoas trans, construímos vínculos, nos identificamos e honramos a memória das nossas redes comunitárias fora da “família biológica”, “família imposta” ou “família não escolhida”, dito de outra maneira, quando se fala particularmente de pessoas trans negras e indígenas, esta segunda perspectiva se preocupa mais por teorizar o presente em relação as nossas formas de aquilombar e aldeiar.



A transcestralidade, enquanto dispositivo de busca, reconhecimento e compreensão trazida por Renata Carvalho se mostra como uma possibilidade de assumirmos enquanto pesquisadores acadêmicos que esses sujeitos históricos carregam a memória daquilo que foi e parte da solução para transver aquilo que virá. Existe um caminho possível na exploração destas existências seculares e no rastro que elas deixaram, seja as que ainda existem ou as que se foram e cravaram suas passagens dilatadas em registros como imagens, vídeos, documentos históricos, autobiografias, poesia, notas de jornais, entre outras fontes. (SILVA, 2022. p. 111) [11]

A transcestralidade é uma forma de a gente perceber as nossas matrizes de origem e de relação subjetiva, territorial e até mesmo estético-política com pessoas com as quais a gente se vincula e não são necessariamente nossa família genética. Então, nós, pessoas transvestigêneres, sempre costumamos nos referenciar àquelas outras pessoas trans que vieram antes de nós. Na minha tese, eu criei o conceito de “árvore transgênero-alógica”.

Tem a árvore “cisgênero-lógica”, que segue mais ou menos a ideia da “árvore genealógica”, onde a gente vê um reprodutivismo da espécie sendo o tom das composições cisnormativas e também heteronormativas das relações afetivas. E a “árvore transgênero-alógica” é um matriciamento “transcestral”, que não é necessariamente só uma ligação com outras pessoas trans que vieram antes da gente, mas na minha tese eu até advogo que é um dever poético sobre a nossa genealogia, criando relações onde supostamente não era provável. (TAVARES, 2021) [12]



Quando falo que estas duas perspectivas são complementares, é porque considero que uma abordagem não anula a outra e que, na verdade, ambos olhares são necessários para termos uma compreensão maior do nosso “mundinho trans” por meio de uma troca mais fluída de conhecimento para nos fortalecer. Valeria a pena, inclusive, realizar, em trabalhos futuros e com maior profundidade, uma revisão sistemática sobre tudo aquilo que tem sido construído por meio da categoria da transcestralidade em termos acadêmicos e artísticos. Pensem só. Os frutos da reconstrução da memória transcestral poderiam ser colocados numa transteca ou num museu da memória trans, onde seria mostrada toda aquela história cuir que foi apagada e roubada de nós.

Precisamos urgentemente fazer uso de ferramentas categóricas como as que apresento neste artigo, pois seu potencial analítico pode nos proteger de mentiras coloniais como aquela que fica bem no interior do nosso inconsciente em relação à “monstruosidade” que pessoas trans representam nas sociedades cis-heteronormadas e binaristas. Susan Stryker, no seu texto sobre Fúria transgênera, trabalha brilhantemente esta ideia de monstruosidade que pessoas cis atribuem a nós, por meio da comparação com a figura do monstro do Victor Frankenstein.

O corpo transexual é um corpo não natural. É um produto da ciência médica. É uma construção tecnológica. É carne dilacerada e costurada novamente em uma forma diferente daquela em que nasceu. Nessas circunstâncias, encontro uma profunda afinidade entre mim, como mulher transexual, e o monstro de Frankenstein de Mary Shelley. Como o monstro, demasiadas vezes sou percebida como menos do que totalmente humana devido aos meios de minha encarnação; como o monstro também, minha exclusão da comunidade humana alimenta uma fúria profunda e duradoura em mi, que eu, como o monstro, dirijo contra as condições nas quais preciso lutar para existir. (STRYKER, 2021, p. 44)

Todas estas atribuições de juízos de valor aos nossos corpos como “corpos não-naturais”, “corpos artificiais”, “corpos sobrenaturais”, “produtos de intervenção médica/tecnológica”, “corpos falsos” ou até “erros da natureza” falam mais sobre a ignorância de pessoas cis em relação à construção e posição que ocupam dentro do sistema de sexo/gênero do que sobre nós, mas, também, permitem ver a mentira moderna/colonial/antropocêntrica de origem judaico-cristã sobre o “ser humano” ser superior ao resto dos seres vivos e da própria natureza.

A afronta que vocês, humanos, sentem ao serem chamados de “criatura” resulta da ameaça que o termo representa ao seu status de “senhores da criação”, seres elevados acima da mera existência material. (...) ser chamada de “criatura” sugere a falta ou perda de uma personalidade superior. Eu não sinto vergonha, entretanto, em reconhecer minha relação igualitária com o Ser material não humano; tudo emerge da mesma matriz de possibilidades. (Ibidem, p. 47)



Esta crença de superioridade humana é totalmente incompatível com os sistemas de valores dentro de muitos povos originários da Abya Yala, pois a natureza está também dentro de nós, nós somos natureza e, mesmo que a Stryker não tivesse escrito propositalmente seu texto desde uma perspectiva analítica contra-colonial, encontro vários pontos em comum com os intelectuais indígenas em relação ao jeito branco ou não-indígena de entender ou se relacionar com o que se considera natureza dentro duma lógica capitalista, extrativista e ecocida, como se a natureza fosse uma coisa externa, alheia ou estranha para nós, um vínculo totalmente vertical.

Ancestral não é só o antropomorfo. Quando penso em ancestralidade, não estou pensando em um monte de gente parecida comigo. Estou pensando em seres inimagináveis, selvagens. Esse é o entendimento de selvagem. Não é aquela coisa culturalista, controlada, referenciada no pensamento grego. É claro que quando Platão e seus colegas passeavam em Atenas, podiam olhar o mundo ao redor e dizer: o mundo é selvagem. Eles não deixariam de estar falando uma verdade. Eles também são selvagens. Nós e os gregos. (KRENAK, 2020, p. 3) [13]

Eu poderia estar dormindo, mas não! São 3:15 da manhã e eu aqui tendo que ouvir esse tipo de coisa. O racismo diário e estrutural que nos faz pensar em que lugar vivemos, eu sou do Norte, eu vim do Norte onde a grande maioria é Indígena, mas é onde também mais se nega esse sangue. Se ser pessoa (gente) é ser a representação branca européia colonizadora, eu não sou pessoa (gente) não. Eu sou bicho! Eu sou bicho, eu sou animal, eu sou fera! Eu faço parte dos não-pessoa que com o próprio sangue construiu o Brasil. Não existe casa amazônica senão a Indígena, não existe gente amazônica senão a indígena, não existe arte amazônica senão a indígena. Então me diz, o que esse racista tá falando? O-QUE-ESSE-RACISTA-ESTÁ-FALANDO? (BANIWA apud DEMARCHI, 2020, p. 74) [14]



Em suas cidades não é possível conhecer as coisas do sonho. Nelas não conseguem ver as imagens dos espíritos da floresta e dos ancestrais animais. Seu olhar está preso no que os cerca: as mercadorias, a televisão e o dinheiro. Por isso eles nos ignoram e ficam tão pouco preocupados se morremos de suas fumaças de epidemia (KOPENAWA apud AMORIM, 2021, p. 108) [15]

Poderíamos continuar citando parentes de outras muitas etnias sobre a concepção e cosmovisão delas em relação àquilo que pessoas brancas ou não-indígenas entendem por “natureza”, mas o que interessa colocar em destaque, nesta parte, é a interseção entre a colonialidade de gênero com o que, também, intelectuais da escola de/contra-colonial chamam de colonialidade da natureza. Catherine Walsh (2007) [16] entende por colonialidade da natureza aquela divisão binária cartesiana entre natureza e ser humano, cujos efeitos, entre muitos outros, apagam nossos vínculos milenares entre pessoas e o resto de seres vivos com seu ambiente.

Neste sentido, o remanescente da memória destes vínculos, que também fazem parte da nossa ancestralidade, passaria a ser vistos (dentro da lógica branca) como mitos, lendas, folclore e, assim, ganhariam status de pensamentos “não-rationais” ou produto de seres “não-modernos”.

Se, nós, pessoas trans, passamos a ter status de animais, monstros, criaturas, anomalias, bichos etc. por não aderir à cis-heteronorma-binarista da mesma forma como pessoas indígenas obtiveram todos esses títulos gratuitamente por simplesmente não aderirem aos jeitos de viver doentes da modernidade, então a fragilidade branca se faz mais presente ainda na junção das categorias limitantes-estruturantes de raça/sexo/gênero/sexualidade. No entanto, é importante entender, também, que não é por serem categorias frágeis que são fáceis de desmontar ou de combater, pois, precisamente, esta fragilidade binarista se sustenta numa categorização infinita de cuja reprodução coletiva diária é tida por natural.

A arqueóloga trans Violet Baudelaire Anzini (2021), no seu texto “Gêneros perdidos”, discute estudos que mostram a artificialidade do sistema sexo/gênero, fazendo uma revisão documental da gênese do binarismo. Ela, como arqueóloga, se preocupa particularmente por mostrar os prejuízos do olhar cis-heteronormativo na arqueologia e áreas afins, mas é preocupante pensar que este olhar, por ter uma origem colonial, se estende a todas as áreas do conhecimento.



Violet menciona, por exemplo, a problemática da categorização binária de genitálias, que, sabemos, prejudica a vida de pessoas trans e intersex e que, portanto, implica jeitos coloniais de produzir conhecimento dentro de áreas como a medicina, a biologia e a genética. Dito de outra maneira, quando se coloca a cis-generidade branca como fenômeno universal-indiscutível, o apagamento de existências dissidentes (como as identidades não binárias pretas e indígenas) se efetua por meio da transfobia e do racismo epistemológico, com base em políticas de morte, como o genocídio e o epistemicídio.

Na verdade, a filósofa feminista decolonial Maria Lugones (2014), responsável pelo desenvolvimento do conceito de colonialidade de gênero na Abya Yala e citada dentro do próprio texto da Violet, tinha já encontrado esta interseção entre colonialidade da natureza, genocídio e transcestralidades mesmo sem sabê-lo:

A transformação civilizatória justificava a colonização da memória e, conseqüentemente, das noções de si das pessoas, da relação intersubjetiva, da sua relação com o mundo espiritual, com a terra, com o próprio tecido de sua concepção de realidade, identidade e organização social, ecológica, cosmológica. (...) O processo de colonização inventou os/as colonizados/as e investiu em sua plena redução a seres primitivos, menos que humanos, possuídos satanicamente, infantis, agressivamente sexuais e que precisavam ser transformados. (LUGONES apud BAUDELAIRE, 2021, p. 355)



As identidades que fogem do binarismo do sistema sexo/gênero branco colonial na América Latina não são poucas. Inclusive, no seu artigo, Boudelaire apresenta uma tabela mencionando algumas das identidades não-cis e não-binárias relatadas etnograficamente ao redor do mundo, mas, como posicionamento político pessoal, considero importante criar uma tabela unicamente focada em algumas identidades originárias da Abya Yala.

**Tabela 1: Relação de identidades originárias que fogem do cis-heterobinarismo colonial**

Identidade	Etnia	Localização Geográfica
Two-Spirit	Cherokee, Mohave, Sioux, Navajo, Lakota e outras	América do Norte
Muxes	Zapoteca	México
Naviki	Tarahumara	México
Çacoaimbeguira	Tupinambá	Brasil
Kudina	Guaicuru e Xamico	Brasil
Quariwarmi	Inca	Perú
Guevedoche	---	República Dominicana
Wigundugid	Kuna	Panamá
Tida Wena	Warao	Venezuela
Machi Weye	Mapuche	Chile/Argentina
Epuillan	Mapuche	Chile/Argentina
Travesti	---	América Latina

Fonte: Elaboração própria feita com dados de Ferreira, A. (2022); Gómez, A. (2020), OIT (2022) e Comunidade Catrileo+Carrión (2021).

## A RETOMADA DO SEXO / GÊNERO / SEXUALIDADE: MOVIMENTO INDÍGENA LGBTQIA+

Dentro do movimento indígena, se usa o termo “retomada” e não “ocupação” de terras porque os povos originários da Abya Yala habitavam estes espaços muito antes da invasão dos europeus. Nossa história começa antes do século XIV e, neste mesmo sentido, acho pertinente extrapolar o conceito de retomada para questões de sexo/gênero/sexualidade. Afinal, assim como os verdadeiros ocupantes são os invasores e seus descendentes, quem é responsável pelo apagamento ou repressão das nossas subjetividades e de nossas formas originárias de construir vínculos com outros seres são, também, os colonizadores. Nunca houve uma troca pacífica nem negociação sobre sistemas sexo/gênero/sexualidade, apenas imposição religiosa. Este último fica evidente na forma em que aconteceu o primeiro caso de homofobia do qual se tem registro no Brasil:

Tibira, indígena do povo Tupinambá, foi condenado à morte por sodomia, pela justificativa de purificar a terra do mal. O fato ocorreu em 1614 no Forte de São Luís do Maranhão - atualmente Palácio do Leões- sob autorização do missionário francês Yves D'Évreux (1577-1632): Tibira foi preso, torturado, conseguiu fugir e escondeu-se na mata por alguns dias, mas foi capturado novamente e, em seguida, assassinado.

Seu corpo foi amarrado à boca de um canhão e atirado, ficando totalmente desfigurado. Para livrarem-se do peso da morte de Tibira, os missionários franceses da Ordem dos Capuchinhos permitiram que o Tupinambá Caruatupirã -rival de Tibira- pusesse fogo no canhão. A execução, em praça pública foi assistida por autoridades civis e militares da então colônia francesa, além de chefes de diversas etnias indígenas. (FERREIRA, 2022, p. 119) [17]

Tibira (...) se torna o primeiro caso de morte por homofobia no Brasil, registrado no livro 'Histórias das Coisas Mais Memoráveis Acontecidas no Maranhão nos Anos de 1613 – 1614' de relato do próprio religioso [Yves D'Évreux]. Segundo ele, Tibira embora tivesse fisionomia masculina, também era hermafrodita [sic] e tinha "voz de mulher" além de relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. Tibira foi condenado por Sodomia o que justificava, na visão dos colonizadores, sua conversão (sendo batizado antes de sua execução) e punição. (...) Embora tenha ficado conhecido como Tibira, este não era o nome do Indígena Tupinambá. Na realidade, Tibira era uma termologia utilizada pelos próprios indígenas para se referir a indígenas que tinham relações consideradas homoafetivas. (VIANA, 2022) [18]

O caso do parente Tupinambá não é diferente dos genocídios narrados pelo Driskill, nos quais os indígenas Dois-Espíritos eram torturados e seus corpos eram jogados vivos para serem comida de cachorro.



O que interessa aqui é que Tibira tenha sido entendido pelos colonizadores como homossexual ou como pessoa intersex, igualmente, foi punido e executado de forma pública com o objetivo de advertir o resto de habitantes da colônia sobre o “pecaminoso” das suas ações. Assim como os parentes Dois-Espiritus assassinados em massa, Tibira morreu por ser dissidente do cis-tema hetero-binário e passou a fazer parte da nossa transcestralidade a tal ponto que inspirou, em 2019, a fundação de um coletivo indígena lgbtqiap+ na sua memória: o Coletivo Tybyra.

Danilo Tupinikim, cofundador do Coletivo Tybyra em Brasília e Secretário Executivo da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), antes da fundação do coletivo, falou numa entrevista concedida ao portal G1 sobre o duplo impacto da colonização e do cristianismo sobre a diversidade sexual dos indígenas. [19]

Após esta entrevista, outros parentes como Katu Mirim, Erisvan Guajajara, Kiga Boe, Priscila Tainá, entre outros, se identificaram com a fala do Danilo e juntaram forças para impulsionar a pauta LGBTQIAP+ dentro do movimento indígena brasileiro. Eles consideram defender a pauta da diversidade tão importante quanto as outras pautas do movimento indígena (saúde, território, educação etc.).

Além dos integrantes do Coletivo Tybyra, outros ativistas indígenas LGBTQIAP+ independentes, como Niotxarú Pataxó [20], acham urgente decolonizar e politizar as aldeias na questão da retomada da diversidade sexual e diversidade de gênero. Acontece que, ao terem assumido, publicamente, seu gênero/sexo/sexualidade, estes ativistas relatam terem sofrido ataques dentro das suas próprias aldeias e recebido comentários preconceituosos por parte de membros dos seus próprios povos, inclusive de lideranças. Tais comentários são resultado dos processos de cristianização e catequização dentro do território indígena, o pior é que, precisamente, por falta de consciência sobre nossa transcestralidade, muitos dos nossos parentes, vítimas do colonialismo, fazem comentários insensíveis como “isso de se relacionar com homem é coisa de branco e perda dos nossos costumes”:

O grande problema de seu no final do primeiro semestre de 2018, quando pela primeira vez fui diretamente atacado por um grupo organizado de jovens de minha aldeia, desferindo uma série de inverdades a meu respeito e sobre o conteúdo do canal [Canal Papo de Índio] nas redes de mensagens instantâneas, grupos de bate-papo com membros da comunidade, orientando inclusive lideranças da aldeia e de outros povos a se somarem na tentativa de me calar ou me retirar da aldeia. Esse movimento durou, de forma mais agressiva, alguns meses; cheguei inclusive a ser convocado por lideranças de outras aldeias adjacentes a Coroa Vermelha para que eu fosse exposto publicamente em uma roda com intuito de me intimidar.



(...) Diante disso, perdi a expectativa de conseguir vencer esses ataques através do diálogo, pois era fácil entender a posição dos mais idosos; afinal, tinham aprendido aqueles conceitos contrários à diversidade de sexualidades desde muito cedo, em um processo em que os dogmas cristãos foram enraizados nas comunidades, o que os fazia pensar que a discussão do tema nem deveria ser pautado, sendo inclusive defendido por alguns como uma subversão da cultura indígena, em uma tentativa de trazer para a aldeia costumes dos brancos. Esse se tornou o discurso dos jovens do movimento, criando a seguinte frase “Não é homofobia, é defender nossa cultura”. Por causa disso, foi preciso expor que os relatos sobre as práticas sexuais entre indígenas e sua diversidade existiam em diferentes povos do Brasil, com relatos históricos desde 1549, retratados como “atos nefandos” e “práticas de sodomia”, entre outros termos utilizados pela Igreja e seus seguidores para justificar massacres... (PATAXÓ, 2022, p. 137)

Além do Brasil, em outros países da América Latina têm surgido iniciativas indígenas semelhantes para defender nossa transcestralidade e a diversidade sexual originária dos nossos povos. No caso do Chile, por exemplo, existe o movimento contrasexual mapuche “epupillan”. [21] De acordo com o grupo de pesquisa “Comunidad Catrileo+Carrión” (2021), epupillan trata-se de mais um termo guarda-chuva que, traduzido para línguas românicas, como o português e espanhol, também poderia ser entendido como “Dois Espíritos” igualmente utilizado para se referir aos parentes mapuche que fogem das categorias binárias coloniais de gênero, mesmo assim, prefere-se manter o termo em mapuzungun [22] para fazer o resgate local da memória destas dissidências do cis-tema de sexo/gênero/sexualidade em contextos mapuches.



No movimento epupillan, em palavras do membro da comunidade Siwar Mayu (2020), defender a diversidade de identidades sexo-genéricas faz parte do “itrofilmongen” (biodiversidade em português). No caso do México, existem também diferentes movimentos de defesa transcestral, mas o que tem ganhado maior visibilidade internacional por ter se popularizado como “o terceiro sexo/gênero mexicano” é o das muxes. O termo muxe tem origem na etnia zapoteca e refere-se às identidades não-binárias assumidas, geralmente, por pessoas designadas com o “sexo masculino” ao nascer.

Existem dois tipos de muxes [23], as muxes gunaa, que se encaixam culturalmente em papéis de gênero considerados femininos dentro das suas comunidades (como elaboração de tecido, artesanato etc.), e as muxes nguuiu, que não desempenham nenhum papel necessariamente masculino ou feminino, mas sentem atração por homens. O interessante aqui é que as muxes politizadas e organizadas de forma coletiva, mesmo sem se identificarem estritamente como mulheres trans ou travestis, se entendem como parte da comunidade trans e têm feito bastante ativismo para conquistar direitos de acesso à saúde, especialmente contra o preconceito de pessoas que vivem com HIV. [24]

Voltando um pouco ao caso do Brasil, no Acampamento Terra Livre deste ano 2023 (maior encontro brasileiro de etnias com duração aprox. de uma semana, para exigir a demarcação de terras, entre outras pautas), na sua 19<sup>a</sup> edição realizada em Brasília, aconteceu, pela primeira vez na história, um ballroom indígena (salão de baile indígena em português) após um dia de plenária LGBTQIAP+ de povos originários. A última categoria do baile foi “beleza indígena” e quem abriu o evento foi o father da Casa Onijá: Ruan Guajajara. Durante o desfile, participaram parentes de diversos povos (mesmo que nem todos fizessem parte da comunidade LGBTQIAP+), pessoas negras, crianças e até a deputada federal trans Erika Hilton.

No entanto, mesmo tendo bastante sucesso, os organizadores sentiram pressão de parentes conservadores para que o evento fosse logo encerrado.

Sobra dizer que, na minha interpretação, o fato de ter acontecido um primeiro Ballroom Indígena no ATL 2023 é uma evidente mostra de resistência transcestral. Ao longo do evento, desde sua organização até seu encerramento, contamos com vários elementos de análise (cartazes de divulgação, registros audiovisuais em redes sociais, postagens etc.) [27], que tiveram repercussão a nível nacional dentro das comunidades indígenas e mostraram o orgulho de fazer parte das dissidências do cis-tema de sexo/gênero/sexualidade originárias.

Dentro da cultura Vogue e do Ballroom, herança internacional cuir racializada e periférica, as batalhas não constituem apenas um movimento estético, mas, sim, político e de re-apropriação corporal que envolve, inclusive, questões de autoestima. O Ballroom Indígena mostra então, além do exposto anteriormente, uma retomada ancestral que transcende o tempo linear e as categorias impostas há séculos pelo colonialismo: mostrar nossos corpos, mesmo fazendo parte da linha de frente diante das políticas de morte, é desafiar toda lógica normativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRANSCESTRALIZAR É RESISTIR

Jucá diz que os indígenas não binários costumam chamar uns aos outros de Tibira, em referência a um indígena condenado à morte em São Luís do Maranhão, no século XVII. Não há um consenso historiográfico sobre a identidade sexual de Tibira. Era um homossexual? Uma travesti? “Para nós, o que importa é manter viva a memória desse corpo”, diz Ramona Jucá. “Ali, no meio daquele acampamento, os nossos anciãos ficaram sabendo que a juventude queer indígena existe. Foi o encontro deles com o nosso corpo Tibira.” (BRAGA, 2023)



Concordando plenamente com nosse parente Jucá, gostaria finalizar este artigo dizendo que, ao final das contas: sim, pouco importa se Tibira foi assassinado por ser homossexual, intersex ou trans no sentido de que, nas lutas dos movimentos LGBTQIAP+, do movimento indígena, negro, feminista, entre outros, o objetivo não é (e nunca foi) classificar corpos ou experiências. Nossa intenção é, apenas, sinalizar injustiças cometidas contra tudo aquilo que sai da norma criada, mais uma vez, pelo cis-tema patriarcal-hetero-binário branco. Sinalizar as injustiças de forma permanente implica lembrar e reconstruir a memória de todas as pessoas e de nosse parentes que foram vítimas de crimes de ódio, o que nos leva também a entender que as categorias hegemônicas não são e nem têm o porquê ser nossas.

Os processos de des-identificação, como fala Driskill, são urgentes e necessários para salvar nossas vidas.

## TRANSCESTRALIZAR É RESISTIR!

## NOTAS

[1] Abya Yala, termo da etnia cuna que pode ser traduzido como “terra viva”, “terra madura” ou “terra que floresce”, para fins do presente artigo é utilizado em contraposição do termo branco “América”.

[2] KRENAK, A. O Eterno Retorno do Encontro (1999). Disponível em Blog Ailton Krenak: <http://ailtonkrenak.blogspot.com/2009/12/o-eterno-retorno-do-encontro.html> Acessado em 02/08/2023

[3] Queer, tanto no texto do Driskill quanto em outros textos de fala inglesa, refere positivamente a pessoas dissidentes de gênero ou sexualidade, trata-se de um termo que antigamente era usado como um xingamento direcionado a pessoas da comunidade lgbtqia+4] Driskill usa o termo Dois Espíritos (Two Spirits) como termo guardachuva para se referir a pessoas que poderiam se autoidentificar, também, como indígenas trans, indígenas lgbtqia+ ou indígenas cuir.

[5] “Parente”, para fins do presente artigo, refere-se à forma do tratamento na qual uma pessoa indígena se refere à outra pessoa indígena dentro do Brasil, mesmo que sejam de etnias diferentes.

[6] Véase o Capítulo 2 de DRISKILL, Q. Asegi Stories. Cherokee Queer and Two-Spirit Memory. Tucson: University of Arizona, 2016.

[7] VASCONCELOS, C. Pelo 14º ano, Brasil é país que mais mata pessoas trans. São Paulo: UOL, 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/01/26/mortes-pessoas-trans-brasil-2022.htm?cmpid=copiaecola> Acessado em 03/08/2023

[8] DRISKILL, Q. Asegi Stories. Cherokee Queer and Two-Spirit Memory. Tucson: University of Arizona, 2016, p5.

[9] CIUDAD DE MÉXICO. Unidad de Salud Integral para Personas Trans. Sitio Web Oficial. Disponível em: <https://gobierno.cdmx.gob.mx/noticias/unidad-de-salud-integral-para-personas-trans/> Acessado no dia: 04/08/2023

[10] ANTRA. Como acessar o SUS para questões de transição? Direitos e Política, Saúde. Sitio Web Oficial. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/07/27/como-acessar-o-sus-para-questoes-de-transicao/> Acessado no dia: 04/08/2023

[11] SILVA, L. Metodologia da Resistência Transcestral. Pensando gênero a partir da teoria, da vivência e da articulação política. Em Revista Brasileira de Estudos da Homocultura Vol. 05, N. 18, Set. - Dez., 2022 - <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index> Acessado no dia 04/08/2023

[12] TAVARES, D. Pessoas trans são expulsas dos espaços de estudo, de trabalho e de moradia, acentua Dodi Leal. [Entrevista cedida a] Cristiano Goldschmidt. EXTRACLASSE. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/geral/2021/05/pessoas-trans-sao-expulsas-dos-espacos-de-estudo-de-trabalho-e-de-moradia-acentua-dodi-leal/> Acessado no dia 04/03/2023

[13] KRENAK, A. A vida é Selvagem. Em Cadernos Selvagem. Dantes Editora Biosfera, 2020. Disponível em: <http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/12/CADERNO12-AILTON.pdf> Acessado no dia 05/08/2023

[14] BANIWA, D. apud DEMARCHI, A. Em Vulnerabilidades, narrativas, identidades. MARA, C. (org) et al. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. Disponível em: [https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/951/1/Livro\\_VulnerabilidadesNarrativasIdentidades.pdf#page=65](https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/951/1/Livro_VulnerabilidadesNarrativasIdentidades.pdf#page=65) Acessado no dia: 05/08/2023

[15] KOPENAWA, D. apud AMORIM, L. Em Psicologia histórico-cultural e cosmovisão ameríndia. Contribuições do sonhar para uma práxis política socioambiental revolucionária. Revista Espaço Acadêmico: Outubro, 2021.

[16] WALSH, C. apud ALVES, K. Em 'A queda do céu': o pensar decolonial na obra de Kopenawa Yanomami. Goiânia: UFG, 2019. Acessado no dia 05/08/2023.

[17] FERREIRA, D. O projeto colonial e o processo de Desestruturação das Sexualidades Indígenas no Brasil. Em BORGES, P. (org). Sexualidades Indígenas. Salvador, BA: Editora Devires: 2022.  
3.

[18] VIANA, M. Coletivo Tibira – LGBTQIPA+. Em Blog Marô Viana (2022). Disponível em: [13] KRENAK, A. A vida é Selvagem. Em Cadernos Selvagem. Dantes Editora Biosfera, 2020. Disponível em: <http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/12/CADERNO12-AILTON.pdf> Acessado no dia 05/08/2023

[19] CARVALHO, M. Coletivo Tybyra traz visibilidade para indígenas LGBTQIAPN+. Em Lupa do Bem (2023). Disponível em: <https://lupadobem.com/coletivo-tybyra-traz-visibilidade-para-indigenas-lgbtqiapn/> Acessado no dia: 06/08/2023.



[20] PATAXÓ, N. Gêneros e sexualidades em contextos indígenas. Em BORGES, P. (org). Sexualidades Indígenas. Salvador, BA: Editora Devires: 2022.

[21] FLORES, A. Epupillan, más allá del binarismo en la cultura mapuche. Em Homosensual (2021).

[22] MAYU, S. Epupillan / Dos-espíritus. Comunidad Catrileo+Carrión. Em Siwar Mayu Blog. Disponível em: [13] KRENAK, A. A vida é Selvagem. Em Cadernos Selvagem. Dantes Editora Biosfera, 2020. Disponível em: <http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/12/CADERNO12-AILTON.pdf> Acessado no dia 05/08/2023

[23] PLATA, G. Muxes: el tercer sexo de México. Em Banco Interamericano de Desarrollo. (2023) Disponível em: [13] KRENAK, A. A vida é Selvagem. Em Cadernos Selvagem. Dantes Editora Biosfera, 2020. Disponível em: <http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/12/CADERNO12-AILTON.pdf> Acessado no dia 05/08/2023

[24] BUSHELL, A. Las muxes: Desafiando el género binário colonial. Em Human Rights Pulse (2021) Disponível em: <https://www.humanrightspulse.com/mastercontentblog/los-muxes-desafiando-el-gnero-binario-colonial> Acessado no dia: 06/08/2023.

[25] A cultura Vogue e o Ballroom constituem um movimento político-artístico que surge entre os anos 60's e 80's na periferia de Nova York, EUA. Trata-se de um movimento formado por e para pessoas LGBTQIAP+, principalmente pessoas trans/travesti racializadas (negras, latinas, asiáticas, etc.), que tem origem em um contexto em que as mortes, por causa de HIV, eram frequentemente estigmatizadas. Dentro desta cultura, organizam-se "casas" ou "irmandades" cujos líderes são chamados de father ou mother para participar de concursos ou batalhas de beleza e expressão corporal.

[26] BRAGA, T. Heranças Queer. Em Piauí, 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/herancas-queer/> Acessado no dia: 06/08/2023

[27] DAYRELL, M. Come on, vogue: rolou um ballroom indígena em Brasília! Em Buzzfeed Brasil (2023). Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/ballroom-vogue-indigena-em-brasilia> Acessado no dia: 06/08/2023

REFERÊNCIAS  
BIBLIOGRÁFICAS

- ANTRA. Como acessar o SUS para questões de transição? Direitos e Política, Saúde. Sítio Web Oficial. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/07/27/como-acessar-o-sus-para-questoes-de-transicao/> Acessado no dia: 04/08/2023
- BANIWA, D. apud DEMARCHI, A. Em Vulnerabilidades, narrativas, identidades. MARA, C. (org) et al. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. Disponível em: [https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/pr.efix/951/1/Livro\\_VulnerabilidadesNarrativasIdentidades.pdf#page=65](https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/pr.efix/951/1/Livro_VulnerabilidadesNarrativasIdentidades.pdf#page=65) Acessado no dia: 05/08/2023
- BAUDELAIRE, V. Gêneros perdidos. Por uma arqueologia transfeminista. Em *Tessituras. Revista de Antropologia e Arqueologia*, v.9, n.1., 2021.
- BRAGA, T. Heranças Queer. Em Piauí, 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/herancas-queer/> Acessado no dia: 06/08/2023
- BUSHELL, A. Las muxes: Desafiando el género binário colonial. Em *Human Rights Pulse*, 2021. Disponível em: <https://www.humanrightspulse.com/mastercontentblog/los-muxes-desafiando-el-gnero-binario-colonial> Acessado no dia: 06/08/2023
- CARVALHO, M. Coletivo Tybyra traz visibilidade para indígenas LGBTQIAPN+. Em Lupa do Bem, 2023. Disponível em: <https://lupadobem.com/coletivo-tybyra-traz-visibilidade-para-indigenas-lgbtqiapn/> Acessado no dia: 06/08/2023.
- CIUDAD DE MÉXICO. Unidad de Salud Integral para Personas Trans. Sítio Web Oficial. Disponível em: <https://gobierno.cdmx.gob.mx/noticias/unidad-de-salud-integral-para-personas-trans/> Acessado no dia: 04/08/2023.
- DAYRELL, M. Come on, vogue: rolou um ballroom indígena em Brasília!. Buzzfeed Brasil, 2023. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/ballroom-vogue-indigena-em-brasilia> Acessado no dia: 06/08/2023.
- DRISKILL, Q. Asegi Stories. Cherokee Queer and Two-Spirit Memory. Tucson: University of Arizona, 2016.
- FERREIRA, D. O projeto colonial e o processo de Desestruturação das Sexualidades Indígenas no Brasil. Em BORGES, P. (org.). Sexualidades Indígenas. Salvador, BA: Editora Devires, 2022.
- FLORES, A. Epupillan, más allá del binarismo en la cultura mapuche. Em *Homosensual*, 2021. Disponível em: <https://www.homosensual.com/cultura/epupillan-mas-alla-del-binarismo-en-la-cultura-mapuche/> Acessado no dia: 06/08/2023.
- KOPENAWA, D. apud AMORIM, L. Em Psicologia histórico-cultural e cosmovisão ameríndia. Contribuições do sonhar para uma práxis política socioambiental revolucionária. *Revista Espaço Acadêmico*: Outubro, 2021.
- KRENAK, A. A vida é Selvagem. Em *Cadernos Selvagem*. Dantes Editora Biosfera, 2020. Disponível em: <http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/12/CADERNO12-AILTON.pdf> Acessado no dia 05/08/2023.
- KRENAK, A. O Eterno Retorno do Encontro. Disponível em Blog Ailton Krenak;, 1999. <http://ailtonkrenak.blogspot.com/2009/12/o-eterno-retorno-do-encontro.html> Acessado em 02/08/2023.

MAYU, S. Epupillan / Dos-espíritus. Comunidad Catrileo+Carrión. Em Siwar Mayu Blog. Disponível em: <https://siwarmayu.com/es/epupillan-dos-espíritus-comunidad-lof-catrileo-carrion/> Acessado no dia: 06/08/2023.

PATAXÓ, N. Gêneros e sexualidades em contextos indígenas. Em BORGES, P. (org). Sexualidades Indígenas. Salvador, BA: Editora Devires, 2022.

PLATA, G. Muxes: el tercer sexo de México. Em Banco Interamericano de Desarrollo, 2023. Disponível em: <https://www.iadb.org/es/mejorandovidias/muxes-el-tercer-sexo-de-mexico> Acessado no dia: 06/08/2023.

SILVA, L. Metodologia da Resistência Transcestral. Pensando gênero a partir da teoria, da vivência e da articulação política. Em Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 5, n. 18, set./- dez., 2022. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index> Acessado no dia 04/08/2023.

STRYKER, S. Minhas palavras para Victor Frankenstein acima da aldeia de Chamonix: Performar a fúria transgênera. Em Feminismos Vitais, v.24, n.1, 2021.

TAVARES, D. Pessoas trans são expulsas dos espaços de estudo, de trabalho e de moradia, acentua Dodi Leal. [Entrevista cedida a] Cristiano Goldschmidt. EXTRACLASSE. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/geral/2021/05/pessoas-trans-sao-expulsas-dos-espacos-de-estudo-de-trabalho-e-de-moradia-acentua-dodi-leal/> Acessado no dia 04/03/2023.

VASCONCELOS, C. Pelo 14º ano, Brasil é país que mais mata pessoas trans. São Paulo: UOL, 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/01/26/mortes-pessoas-trans-brasil-2022.htm?cmpid=copiaecola> Acessado em 03/08/2023.

VIANA, M. Coletivo Tibira – LGBTQIQA+. Em Blog Marô Viana (2022). Disponível em: <https://maroviana.com.br/coletivo-tibira-lgbtqipa/> Acessado no dia 06/08/2023.

WALSH, C. apud ALVES, K. Em 'A queda do céu': o pensar decolonial na obra de Kopenawa Yanomami. Goiânia: UFG, 2019. Disponível em: [https://ds.saudeindigena.iciet.fiocruz.br/bitstream/bvs/4988/1/A\\_QUEDA\\_DO\\_CEU\\_O\\_PENSAR\\_DECOLONIAL\\_N\\_A\\_O.pdf](https://ds.saudeindigena.iciet.fiocruz.br/bitstream/bvs/4988/1/A_QUEDA_DO_CEU_O_PENSAR_DECOLONIAL_N_A_O.pdf) Acessado no dia 05/08/2023.





NILO YBYRAPORÃ  
DE SOUSA

pieta.poeta@gmail.com

Pi Eta Poeta (Nilo Nūhatê Ybyraporã de Sousa) é transmasculino, autista, professor, arte-educador, músico, artesão, artista cênico e escritor de Belo Horizonte, campeão mundial de poesia falada (Slam). Filho só de mãe, favelado em essência, semente da retomada indígena. Caminha atualmente junto aos coletivos Banca Transcestral, Trans Slam Abya Yala e Comitê Indígena Mineiro nas lutas por igualdade racial e de gênero. Na música transita entre gêneros da música negra e as nuances da tradição musical originária através de sua pesquisa com percussão arcaica, trazendo texturas e sonoridades como berimbau, apitos e flautas tradicionais, maracá e tambores, pra ornamentar narrativas de afeto, resistência e ancestralidade em suas canções. Tem dois livros e duas antologias publicados pela editora Venas Abiertas, um livro infanto-juvenil pela editora Terê, 22 Zines de produção independente, atua em 4 cenas curtas, e um espetáculo autoral até o momento.



## NILO YBYRAPORÃ DE SOUSA



# TRANSVIADO VIDRO

Nilo Ybyraporã  
de Sousa

Tenho visto  
muito o nascer  
do sol  
ultimamente  
porque eu tô  
ruim de dormir.  
Ralando igual  
una perra,  
Cansado pra  
cacete sem  
entender minha  
rotina,  
Tento compensar  
na esfoliação e  
no hidratante o  
que a insônia  
me resseca.



Essa semana  
a frase que eu mais  
disse foi "eu tô numa  
fase muito estranha da  
minha transição".

Botei um cabelo  
parecido com o que a  
falecida usava

Amei;  
Odiei;  
Quis tirar;  
Quis deixar;  
Achei uó.

Me machuquei com as  
merda que eu mesmo  
disse,  
Briguei com o espelho.  
Ganhei uma espinha  
interna.



O cabelo não me deixa  
disfórico não.

Igual as unhas que eu fiz,  
O piercing que eu pus,  
Eu tô de boas com tudo,  
mas eu sou sensível.  
E aí eu sei que cês tão  
me vendo mapoa,  
Me entendendo tudo  
errado depois dessa  
caminhada toda.  
E eu me sinto muito  
masculino o tempo todo  
Mas cês não conseguem  
entender que não é só os  
homens cis que podem  
ser muito afeminados



Homem não me atende,  
mas se simplifica  
procês, então,  
Um homem muito  
macio,  
Com textura de cetim  
vagabundo  
Liso e cintilante demais  
pra ser elegante,

Um homem costurado  
em tecido vulgar,  
Transparente e curto.  
Uma gíngã sem vergonha  
que me brota e eu não  
controlo,  
Um balanço de fruta  
madura no pé, pronta  
pra cair.



Cês fala que acredita  
em gênero fluido mas é  
só até o gênero fluir.  
Aí começa a coçar a  
cabeça e se perguntar  
se eu tô  
destransicionando.  
Eu tô.

Me desfazendo de novo  
do casulo hiper  
masculino que eu fiz de  
escudo a uns anos atrás.  
Eu gosto muito quando  
vejo um boyceta nessa  
fase que eu tô,  
A T batendo, mas de  
leve, o rosto ainda liso  
mas já masculino



É de uma androginia  
angelical  
Esmalte cintilante,  
Perfume amadeirado.

Não entendo então  
porque tanta pedra na  
mão do mundo quando  
eu saio na rua. A  
leitura social mudou de  
mulher preta pra  
homem preto e eu  
ganhei a violência.

Mas assim que o  
homem chegou aqui,  
chegou junto a bixa  
preta e eu ganhei o  
desprezo.



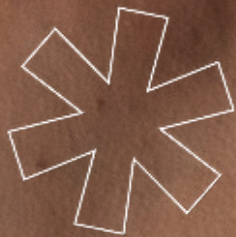
Um ser angelical  
e felpudo  
Que só recebe  
pedrada  
Oferta de sigilo  
no Grindr,  
Quer me consumir  
igual produto  
E descartar o que  
sobrar de mim.  
Cês acha bonito  
mas ama ferir.

Cês adoram  
O contraste do  
sangue no pelo da  
lebre,  
É linda a natureza  
morta da presa  
na neve.



Me recuso a servir  
meu drama tão frio.  
Me quero inteiro,  
Mesmo  
TRANSVIADO VIDRO.





# MIKA KALIANDREA



mikakaliandrea@gmail.com

Nacido da encruzilhada Américo Latina, Perú y Brasil. Indígena, trans, latino. Artista independente, compositor, músico, poeta, com formação em artes visuais, design y produção musical. Minha pesquisa são os atravessamentos do cotidiano sendo o corpo que sou no mundo que habito ou sentimientos momentâneos, em linguagens y estilos múltiplos de arte.

#### SOBRE O MATERIAL:

Foi escrita na volta para casa do trabalho de madrugada, uma ideia ou frase que se desdobrava, em associação livre. "Cara" assim como todas as minhas músicas, também vem desse descobrimento de tema y sentimientos, mais dias cantarolando.



# Mika Kaliandrea

ISSN 2764-8133

p. 110



## CARA

Mika Kaliandrea

É tanto a se  
querer,  
Que só se pode  
se viver,  
Ao se jogar no  
que pode ser,  
No escuro do  
amanhecer.  
Um batalhão  
colonial  
Esta sempre a  
espreitar,  
De como eu devo  
parecer  
Y o formato da  
genital.



Gritos  
ecoaram,  
Dos cantos  
revolta em  
saudação.  
Esse ódio  
que não  
passa,  
Não será em  
vão.  
Esse ódio  
que não  
passa,  
Não será em  
vão.



É tanto a se  
querer,  
Que só se pode  
se viver,  
Ao se jogar no  
que pode ser,  
No escuro do  
amanhecer.  
Se ainda não  
sabe de onde  
vem,  
Essa lástima  
que vem antes  
do seu nascer,  
Aprofunde-se  
na sua imersão  
Y encontre sua  
imensidão.



Eu vou  
Com a cara,  
o medo ou  
a coragem,  
eu não sei.  
Mas, eu vou  
Com a cara,  
o medo ou  
a coragem,  
eu não sei.  
Eu vou  
Com a cara,  
o medo ou  
a coragem,  
eu não sei.  
Mas, eu vou  
Com a cara,  
o medo ou  
a coragem,  
eu não sei.



REVISTA  
ESTUDOS  
TRANSVIADES

2023  
V. 4  
N. 9

# DAYO DO NASCIMENTO

ISSN 2764-8133

p. 115

nascimentododayo@gmail.com

Dayo do Nascimento é transmasculino, multiartista, educador e produtor cultural. Nascido na periferia de Manaus/AM, graduação em Fotografia e formação na área da Música, é integrante do projeto de extensão e coletivo artístico Campo Experimental da Imagem, UERJ. Sua pesquisa artística tem abordagem nas relações dissidentes de raça, gênero, territórios e tem interesse em experimentações artísticas a partir das relações de memória, temporalidade, onde utiliza como suporte os álbuns de família, memórias orais e ficções decolonias. Destaque recentes para as participações na residência artística Pemba - Dos Brasis, 2022; Programa de Orientação em Artes Visuais - POPAV, SESC SP, 2022 e concepção da exposição coletiva Transe Manaus, 2023 que dialoga sobre as transgeneridades e as relações ambientais na cidade e teve apoio do Minigrants Megafone.



## DAYO DO NASCIMENTO

ISSN 2764-8133

p. 116



**TECNOLOGIA É INDÍGENA  
TECNOLOGIA É PRETA  
TECNOLOGIA É TRANS  
TECNOLOGIA É TRAVESTI  
TECNOLOGIA É BOYCETA  
TECNOLOGIA É NÃO-BINÁRIE**

**PAREM DE  
NOS MATAR**

# Caminhos do Norte

Dayo Do Nascimento

*“Caminhos do Norte é uma uma série de placas de reivindicações das memórias, da presença e da vida no Norte. Contra o silenciamento de transmasculinidades e do etnocídio dos povos originários eu continuo vivo.”*

Caminhos do Norte surgiu de inquietações que atravessam a minha vivência enquanto boyceta originário e foi preciso criar placas para que me entendessem. Quais são os caminhos que corporeidades transmasculinas originárias percorrem? Vocês nem imaginam o que me custou e o quão difícil foi me reconhecer até aqui, sendo boyceta originário, da periferia da cidade de Manaus/Amazonas. Eu precisei cavar, rastejar, percorrer entre as águas, furos e becos somente para existir.

(...)

**EU EXISTO PORQUE FUI  
SONHADO E MEU CORPO  
CONTINUA SENDO PARIDO TODOS OS  
DIAS JUNTO DOS MEUS ANCESTRAIS,  
QUE ME ENSINARAM A SONHAR  
E ME REINVENTAR”**



E quais são os caminhos que vocês, pessoas brancas, cisgêneras têm feito até aqui? Será que você é aliade? Ou, só postou a nossa foto pra render likes e jurar que até conhece uma pessoa trans? Será que vai render somente no mês do orgulho?

Ou mais uma vez a pauta transmasculina vai ser silenciada? Será que a sua pesquisa sobre pessoas trans é apenas fetiche de branco cis salvador? Será que é medo do desejo sobre mim?

Será que vai ter espaço para me contratar na sua empresa? Quero condições mínimas de dignidade para mim e para os meus. Paguem nosso cachê, nos convidem pra pesquisar e ser co-autor, se coloquem na linha de frente para nos proteger.

Eu e os meus estamos aqui, vivos em Abya Yala. E, para que chegássemos nesse ponto foi preciso coletividade, invenções, memórias e a ancestralidade para continuar abrindo os caminhos, sendo somente nós o próprio Norte. A nossa masculinidade não é cis, o nosso padrão não é cis, não esperem de nós uma cismasculinidade, não fui forjado dessa forma.

(...) NA CONTRAMÃO  
DO CANSAÇO, DA  
INVISIBILIDADE E  
DO SILENCIAMENTO  
DA VIVÊNCIA  
TRANSMASCULINA  
ORIGINÁRIA DESSA  
VEZ RESOLVI  
FINCAR PLACAS  
PARA QUE VOCÊS  
NÃO ESQUEÇAM  
QUE EXISTIMOS.

REVISTA  
ESTUDOS  
TRANSVIADES

2023  
V. 4  
N. 9

# BOYCETAS VIVOS

# ABYA YALA

ISSN 2764-8133

p. 121



# RÉ CYBORG



[maregoncalves22@gmail.com](mailto:maregoncalves22@gmail.com)

Sou artista, grafiteiro, atualmente na área de educação, toco coco tbm kk. Gosto da área acadêmica em relação a escrever artigos e participar desses lugares, com pautas indígenas e sobre pessoas trans. Também participo da cena da Ballrom aqui de recife, mas muito pouco, comecei a pouco tempo.

## Ré Cyborg















A person with white body paint and a feather headdress stands in a grassy field. The person is wearing a blue and red patterned skirt and a necklace with red and black beads. A small yellow tag with the word "VOCE" is visible on their waist. The background is a lush green field with trees.

# ALIENDIGEnu



samm.universo@gmail.com

Sambla Universo é nordestinho de Salvador/BA, indígena em retomada e transmasculino não binário. Aliendígenu multiartista de manufaturas, desenvolve sua essência através de esculturas, desenhos, tatuagens, cortes de cabelo, comidas veganas com foco em suas vivências e ancestralidade.



A convite do coletivo serpyente, experimenta imergir em seu eu afim de encontrar sua alta tecnologia cyborgue, participando da residência artística Filhas do Apocalypse. Partindo de uma materialidade os artistas desenvolvem uma foto performance com intuito de TRANSpassar essa Transmutação ser Cyborg, em busca de suas tecnologias ancestrais e futuristas.

## ALIENDIGEnu

ISSN 2764-8133

p. 128

A partir dessa imersão estimulante vivida na residência artística Filhas do Apocalypse, trago Daruê<sup>1</sup> como minha materialidade íntima. Tal escultura nascida em minhas mãos, me conecta com seus poderes de auto conhecimento, produtividade y prosperidade, absorvendo magias e sabedorias da natureza.

Faço nascer em mim o Aliendigenu em frequente busca de conexão com sua ancestralidade!

Em estado híbrido de um mafará da perifa do helipa, migrante baiano em processo de retomada nesse contexto urbanoide.

Sigo me descobrindo como uma grande floresta, reapossando de camadas, de pele, pano y texturas me TRANSformando em um ser que nunca deixei de ser!

---

<sup>1</sup>Daruê: Entidade híbrida meio sapo, meio vagina, protetor de pessoas trans.  
<sup>2</sup>Cyborgue: Organismo animado que se mescla a um elemento inanimado conformando um sistema. Deste modo, podem existir ciborgues humanos ou não-humanos, sendo necessário para isso possuírem parte natural e parte construída através de um direcionamento humano.  
<sup>3</sup>Aliendígenu: Nome artístico do ator da obra.







FICHA TÉCNICA:

## FILHAS DO APOCALIPSE

PERFORMER: **@OLHOSDELONTRA**

FOTOGRAFIA E DIREÇÃO CRIATIVA:  
**@OGIWA\_**

DIREÇÃO CRIATIVA E PEDAGÓGICA:  
**@QUEBRANTXY**

ASSISTÊNCIA DE FOTOGRAFIA E  
PRODUÇÃO EXECUTIVA: **@NCHLS\_RDC**

PRODUÇÃO GERAL: **@SIRIUS.IF**

APOIO: PROGRAMA VAI, BIBLIOTECA  
INFANTO JUVENIL MONTEIRO LOBATO,  
**@PERIFERIAPRETA**

REALIZAÇÃO: **@SERPYENTE**





Paprep  
Mlywayj Kanela

naomiribeiro063@gmail.com

Salvee babys, sou Paprep mywayj Kanela, pessoa multi-artista, artesão dos caminhos da vida enquanto vou andarilhando pelos estados levo minha arte junto comigo ✨ e autônomo, aprendendo tudo conforme os caminho se fazem, nascido no berço das águas que é o cerrado e eu faço parte dele enquanto seu filho. Raiz originária vinda do povo Kanela do Maranhão e retomando meus sentidos com os que vieram antes de mim. Sou uma pessoa Pcd autista e tdah, falo sobre neurodiversidade e trago essa pauta pros espaços e na minha própria vida com quem eu vou vivendo ✨ Transmasculino, não binário, tybyra, kontracolonial, e seja o que for que usem pra me definir enquanto um corpo existente, me entendo desde cedo como uma pessoa não cis e cada vez que fui fazendo meus caminhos de olhar pra como realmente foi a história dos meus mais velhos eu percebi ainda mais que não existe uma forma de me definir. Que as corujas do portão dos encruzamentos guiem sempre nossos caminhos 🦉



## Paprep Mywayj Kanela

ISSN 2764-8133

p. 133



## Qual o sentido do gênero?

Paprep Mywayj Ifanela

Qual o sentido dessas atribuições que foram colocadas de forma violenta a nossos corpos?

Desses termos que os colonizadores trouxeram pra violentar mais ainda nossa vivência, motivados por um livro que chamam de Bíblia, por um Deus que odeia nossas vivências?

Qual o sentido dessa dualidade, dessa “binariedade” que trouxeram pra prender corpos livres em caixinhas que não os cabe?

Como Tybyra, que morreu por ser apenas quem era, todo dia um de nós morre pelas ruas da cidade, comunidades, quilombos.

Afinal, o ódio contra quem não se contenta com o que impuseram para nós continua infiltrado nesses espaços todos os dias.

Então, qual o sentido de até mesmo nas tentativas de sairmos desse lugar que a colonização trouxe pra nós, acabarmos ainda caindo nessa binariedade? Ter esses termos binários, polarizados entre homem e mulher?

Ignorando tudo que aconteceu no passado ou nem mesmo sabendo como aconteceu diversos processos. Então, qual o sentido de até mesmo nas tentativas de sairmos desse lugar que a colonização trouxe pra nós, acabarmos ainda caindo nessa binariedade? Ter esses termos binários, polarizados entre homem e mulher? Ignorando tudo que aconteceu no passado ou nem mesmo sabendo como aconteceu diversos processos.

Todos os processos de violência se ligam de alguma forma, a invasão dos kúpê<sup>1</sup> aqui nessa terra trouxe a ideia de gênero e modificou a organização social de diversos povos.

Como já vi várias pessoas que se acham mais transicionadas, nesse termo, que outras, dizendo que não tem como não ser homem e mulher.

E além desse tipo de pensamento ser extremamente ignorante, também é sobre fingir que os processos de apagamento, que os processos de massacre de identidades culturais de povos não aconteceram.

---

<sup>1</sup>“homem branco” na língua Macro-Jê Kanela.



Quantas identidades existiam e não sabemos hoje pois essas pessoas desapareceram? Quantas pessoas foram mortas, enterradas porque o deus dos kúpê dizia que “homem não pode se deitar com outro homem como se fosse mulher”?

Identidade, gênero, expressão de gênero e as palavras que hoje usamos para falar sobre nossas vivências são termos que foram tiradas de quem vivia a seu próprio modo, em suas próprias terras.

Geralmente se usa exemplo como dois espíritos, de povos de fora de Pindorama mas eu trago uma pergunta: E os povos daqui? Quais eram as identidades que tinham aqui? Quais eram as pessoas que morreram aqui além de Tybyra por serem quem são? Quem são as pessoas que hoje se enquadrariam nesse aspecto de transgeneridade que não tiveram chance de continuar suas vidas em prol de um Jesus Cristo?



Quem foram?

Então quando me perguntam se eu me pauto enquanto transmasculino, enquanto homem trans, enquanto qualquer uma dessas identidades, apesar de me contemplarem de certa forma, estou tanto nesse lugar - quanto estou no lugar de apenas um ser indígena, tanto no ser humano quanto no ser não humano, até porque quem trouxe essas identidades foram também os kúpê, então sim e não.

Tybyra, a primeira vítima de assassinato por transfobia registrada no Brasil. Desenho do missionário capuchinho francês Claude Abbeville, que participou da invasão à colônia portuguesa que executou Tybyra do Maranhão, cujos registros usam o nome de Francois Carypyra. (Gravura de livro de Claude Abbeville/Biblioteca Nacional).



Eu apenas sou eu, sou uma pessoa indígena, um corpo da terra, um corpo adoecido e mazelado que carrega dores ancestrais de centenas de anos e eu sinto isso em cada passo que eu dou, meu corpo é a terra, é o rio.

Essa é minha identidade, tudo que pode ser visto ainda e está sendo destruído.

Existe muito além do que sabemos e poderíamos imaginar que foi massacrado e apagado há muito tempo atrás e que continua sendo apagado ainda hoje.

Como muitas formas de ser e viver, sem necessariamente seguir o padrão do homem e mulher, pelos diversos lugares de Pindorama, no nordeste, no norte, no centro-oeste.

É verdade quando dizem que pessoas “trans” estão aqui muito antes de tudo, mas não da forma embranquecida e colonizada que pauta tudo em roupa, em aparências, é muito mais sobre espiritualidade

Sobre gente bicho, sobre gente planta, sobre pessoas que não são pessoas humanas, mas existem e residem nesses corpos e são presas por noções de colonialidade sobre o gênero que não contemplam a vivência.

A luta é sobre território e o território também somos nós e nossas identidades.

O que é mais originário que pessoas que são apagadas e mortas todos os dias por não cederem a cultura do colonizador? O que é mais da terra que ser o que não querem que sejamos, o que o cristianismo não quer que nós sejamos?

A retomada é sobre retomar nossa liberdade de existir também.

Em muitos territórios e comunidades onde o cristianismo invadiu e assolou o espaço hoje não se permite que nós existamos nesses lugares.

A discussão sobre a transfobia e o preconceito em aldeias, quilombos tem avançado muito ultimamente e é algo que me faz pensar.



Se os lugares de onde viemos e as pessoas de onde viemos estão iludidas e perdidas em conceitos que a bíblia trouxe de ódio a corpos dissidentes onde pessoas “trans” indígenas, caboclas - ou qualquer que seja o termo a ser usado - pertencem?

Se nem mesmo voltar pra nossas raízes pode ser feito, quando o contato com os mais velhos e até com pessoas novas é tão dificultado por essas questões de violências que nos mazelam.

Não tem como falar de gênero sem falar de ancestralidade e não tem como falar de ancestralidade sem levar em conta que nem mesmo nossas famílias de sangue e mais próximos nos querem por perto

Quando sempre somos jogados de canto, ignorados, violentados, espancados e mortos por conta de um deus que nem mesmo veio dessa terra, e sim bem de longe, trazidos pelos küpê.

Se em povos com divisão de gênero não existe espaço pra nossa existência e onde com certeza tem pessoas que não se enquadram ali, mas se escondem, onde há medo, onde não se pode revidar.

O que é mais amedrontador que estar cercado em um espaço delimitado por um órgão público que é onde você pode viver?

E as pessoas originárias da cidade? Que vivem pela selva de pedras e não tem dinheiro, não consegue emprego, não tem onde morar direito? Como essas pessoas podem resgatar suas culturas e fazer valer sua resistência com tantos discursos de regras sobre processos de retomada que não levam em conta quem não é aceito nos espaços?

Um discurso de purismo racial que não se enquadra na nossa realidade de vivência.

Enquanto a terra está sendo comida de cima a baixo nossos corpos mazelados estão tentando sobreviver nas ruas da cidade todo dia, sem oportunidades e com abutres esperando só um momento pra poder acabar com mais um de nós.



Quanto pode ser cobrado de quem não tem nada?

Então eu digo que ser uma pessoa trans e indígena e ainda mais em contexto urbano leva em conta muitos fatores que a maioria das pessoas finge que não vê, tanto no meio trans, tanto no meio indígena.

Quando se está no meio, não se é aceito nem em um espaço, nem no outro.

Principalmente sobre questões de leitura social onde impõem que temos que mudar nossos corpos, se importar com roupas, ter certa expressão de gênero pra ser uma pessoa trans de verdade.

Até quando vão fazer o papel do colonizador?

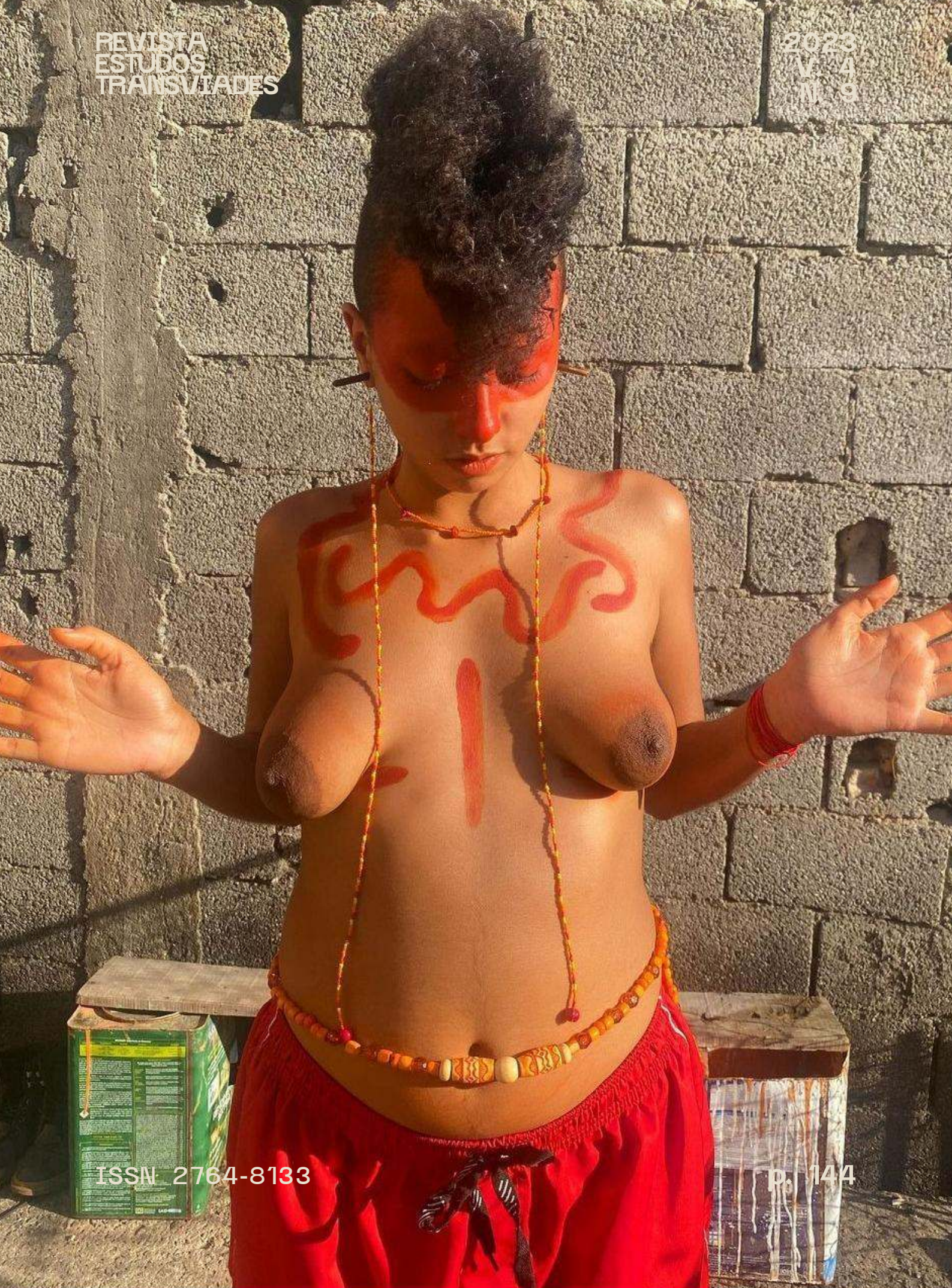
O modo como eu vejo meu corpo não está dentro dos padrões da cisgeneridade, das igrejas, de até mesmo muitos conceitos trans, que sabemos que tem uma grande quantidade de pessoas que repudiam quem não se modifica “transexualmente”.

Sobre leitura social e como isso influencia na nossa vivência, vale lembrar que ela é criada a partir de etnocídio e massacre de pessoas indígenas há centenas de anos. Então como confiar num conceito que ignora tudo de que viemos?

Como botar fé que o que eu vejo sobre o corpo de alguém define o que a pessoa é? Pertencimento de identidade se faz com coletivo, com vivência, e não apenas aparência, isso é o que a cisgeneridade quer pra nós, um conceito que independente do contexto reverbera em tudo que vivemos.









Ensaio artístico do coletivo Olho da serpente com as lojas Buritizinho do cerrado e Mamaacadela mostrando adorno de cintura, colar e brincos no tema laranja como nossos corpos.

## SOBRE O MATERIAL:

A fotografia em questão retrata nossa pele alaranjada, amarelada que se forma pela miscigenação do indígena com etnias de pele mais clara, no meu caso, com minha ancestralidade cigana paterna. O urucum simboliza a proteção espiritual que esse objeto sagrado nos traz e o grafismo no rosto, é em simbolização as corujas que andam ao meu lado, sendo eu elas e elas fazendo parte de mim também Quem me conhece sabe que eu sempre deixo meus seios a mostra e trabalho essa relação com eles também como uma afronta a imposição do que deveria ser um corpo trans, um corpo dissidente, mas como me vejo nas mais velhas do meu povo não de forma igualitária de gênero, mas sim de forma ancestral de ver de onde eu venho enquanto ser. A liberdade e espontaneidade de fazer as pinturas, as identidades visuais são coisas que eu prezo sempre botar nos meus trabalhos como um jeito de prezar a criatividade e a vida em si no que faço, de ser coisas que vem de dentro de mim e que a espiritualidade me diz ao invés de ser algo pré programado.



Eu me pergunto  
até quando vão querer  
engolir meu corpo  
Me forçar num lugar de  
mulheridade onde não pertenço  
Mataram minha cultura  
Meu sagrado  
Meu propósito  
Me deixar vazio de alma  
Eu me pergunto até quando  
vão desmatar o cerrado  
Até quando o fogo  
que deveria nos aquecer  
Vai destruir nossas vidas  
inteiras  
A cidade é difícil e o corre  
não para  
Tentam me dominar  
Dizem que meu corpo é de  
mulher  
Que tudo que eu sou é uma  
genitália  
O que importa mesmo é o que  
a igreja quer?  
Que eu preciso tirar meus seios  
E não ser afeminado  
Trazem conceitos de colonização  
e me vomitam isso

Dizem que não binário não  
existe porque cê não sabe do  
passado  
Dos nossos antepassados que  
foram massacrados  
Mortos na mão de jesuítas  
Pra dezenas depois dizerem que  
nois não existe?  
Fala sério  
Sua mente é a manutenção da  
colonização  
Causando sua própria destruição  
Com essas suas cisforias que cê  
impõe nos outros  
Cuide de si pra não perder o  
jogo  
Retomada é hoje  
Nossas vidas não cabem nas suas  
caixinhas  
Eu, fi de coruja, no berço do  
cerrado  
Onde nois aqui não é nada mais  
do que mais um pardo apagado  
Identidade própria?  
Ninguém sabe direito a própria  
história

Paprep Mlywayj Kanela





Pyxuaá



Pyxuá é cria da Vila, professor, historiador, multi-artista cerratense originária em diáspora tupi, pessoa com deficiência TEA e não binário que flui entre a terra e a mulheridade originária periférica, das lavadeiras e de muitas mais "Marias Machos". É aliendigena raiz, produtora cultural que compõem o coletivo dissidente em sexualidade e gênero com enfoque em arte-educação a partir das identidades dessa terra O Olho da Serpente, slammer, stylist e artesão desenvolvendo trabalhos na moda a partir da Menino Feminino criada pela multi-artista e seus irmãos, já levantando sua perspectiva familiar sobre gênero há muitos anos e a Mama Cadela trabalho na moda com enfoque na perspectiva UPCYCLING realizado com sua companheira Sé da Rua. Pesquisadore das diásporas de Abya Yala, da gestão ambiental e da moda, questionador dos questionadores de vivencias, contador de histórias e cantador de canções desde o coco pelo qual se apaixonou familiarmente ao hip hop vivenciado nas ruas. Pyxuá também desenvolve trabalhos audiovisuais e planta enquanto membro da Casa Pina Cadela a cultura de baile em Goiás, vivência cotidianamente o rasgo de sua existência pela colônia, defende com unhas e dentes a caminhança de suas avós e denuncia em suas rimas a invasão e instalação da colônia em nossos cotidianos.



# Pyxuá



NÃO RESPEITA NEM A TERRA  
VAI RESPEITAR O MEU PRONOME?  
Por PYXUÁ

1.

tempo sempre me atravessa e eu percebo que  
ali estou de novo agora. Meu espírito já não  
consegue carregar os trilhos nem os pavios  
das bombas de outros então se eu decidir fluir,  
não chora. A cidade é dor e desespero, mas as  
vez pra não surtar memo a gente ignora ...

arrancam as árvores, nos tornam “segredos” e  
nos acusam do medo do agora

querem me resumir a violência e me culpar  
pela ferida histórica

O tempo é gira então meu corpo também  
balança e vivo comemora

Cada vida originária e não binária que tá viva  
agora!

Saravá! caminhos  
abertos, a nossa  
ancestral  
história!

2.

A vulgaridade que muitos enxerga no que tá a mostra  
é criada quando a roupa vira obrigatória  
ou o corpo tem exigência de forma  
“Todos pardos nus, com suas vergonhas a mostra”

Disse o escrivão do rei,  
A fetichização do meu corpo desde criança  
eu vivenciei

E sempre que a gente gira a gira

E reocupa esse território que é o corpo  
vão agir como escrivão ou rei

Suas regras de comportamento não salvam inúmeras pessoas de ser estupradas todos os dias, não salvam nossas crianças que nem sequer tem essa noção de sexualidade *-que inclusive existem várias-* seu estereótipo e sua putofobia que afasta as putas e a rua até mesmo das identidades de gênero paridas nela, não alimentam milhares de filhos de putas que existem no Brasil, sua regra de movimento social/racial que vê a vida alheia de longe e inventa regras de com quem se relacionar como se sua realidade fosse a única, não sustenta inúmeros corpos que todos os dias tem que se prostituir independente das regras coloniais que invisibilizam a ferida e apontam como o certo a limpeza de movimentos políticos.



Quanto mais vocês apontam nossos corpos mais vários  
corpos em vários contextos  
vivenciam abusos. Num mundo branco e preto,  
como ficam corpos transfronteiriços,  
corpos aterrados?

Sempre que as pessoas tentaram abusar do meu corpo e eu tentei comunicar isso/denunciar, logo após buscaram diminuir tudo que sou inclusive minhas identidades eis aqui a invasão, a procura sempre do “bom selvagem” ou em busca da comprovação de que não somos nós, então se necessário sou uma “mulher” sou “branca” na língua afiada do etnocídio transfóbico e daí a tentativa de abuso não importa né? Se uma pessoa trans consegue replantar seu cotidiano, o ódio de muitos transborda né?

Usam até apagamento étnico um bagulho histórico pra nos culpabilizar pela violência que corpos não binários sofrem, na tentativa de fingir não serem racistas o que é uma “estratégia perfeita” dos moral e socialmente aceitos em algum grupo social, afinal, quem é que gosta de corpos Trans que estão a margem até mesmo da aceitação da própria comunidade Trans?

Muitos seguem bebendo das armadilhas coloniais pra negar quem somos, usando nossa pobreza e abusos sofridos para apagar nossas identidades incluindo a de gênero.

Quanto mais vocês esperam discursos “apenas de  
mulher ou de homem” de pessoas  
não binárias ou discursos que plenamente concordam  
com noções “femininas ou  
masculinas” de corpos dessa terra, sobre essas fitas de  
maneira geral

*Vocês também estão abusando*

Quanto mais vocês negam nossa existência

Vocês seguem alimentando o discurso de escrivão do rei

Quantos corpos aqui tem uma vivência limpa? Na  
sociedade colonizada quem sabe se comportar?  
Quantos aqui somos autistas e neurodiversos de  
inúmeras formas e nem sequer entendemos certos  
padrões e estéticas que “deveríamos ter” para sermos  
“suficientemente trans” ou originários? A quantos de nós  
a voz é negada, quando além de já existir a violência cis  
elegem “ícones trans inquestionáveis” em espaços de  
todos nós sem escutarmos corpos PCD e outros  
marginalizados?

Quantos de nós acessa padrões estéticos impostos  
pelos grandes centros urbanos?

E mais simples ainda,  
Como sobreviver no calor desse jeito que muitos  
querem?



A monocultura seca o solo e resseca a pele

Vão te apontar o dedo  
Te mandar memo pro sanatório

tem que se comportar  
Fechar as perna, não pode mostrar

Que existimos pra além da lei, que existimos feras

Existimos sementes muito além da guerra

O meu corpo é território autônomo  
O meu corre é sagrado

E eu respeito geral que tá no corre pra sobreviver  
independente de como.

523 anos de invasão

BAGULHO É NÃO  
ATRASAR OZOTRO

3.

A cisgenereidade

Não quer ser explanada

Mas quer continuar imitando a nossa arte

Que nunca é paga!!!!

E ainda dizem:

- “Eu não caibo nessa caixa”

Famoso truque de baralho!

Enquanto isso quem bota a cara tá morrendo sem  
espera

e o problema é só o Bolsonaro?

Na esfera

Dos CIS

O mesmo binarismo

Monocultura

Nasce da sua costela e morre no seu cinismo

Eu sei o que você está fazendo...

Mas toma cuidado que soro pra mim é igual veneno

Meu corpo

é uma intervenção cirúrgica  
original



Buceta sem gênero antifúngica!  
Nascer e correr igual rio do cerrado que deságua doce  
Descansar nas margens todas nossas dores  
Vocês não são nossos senhores!!!  
Atmosfera é rio celeste  
Sou cobra rasteira mas eu sinto  
Muito mais que seu mau de agora  
e sua necessidade ridícula de saber quem tem pinto  
As vezes transmuto e pouco mudo admito  
Só que ver o mundo daqui é muito mais bonito  
Admitir o movimento do atrito  
Se sentir vivo  
Transcendente, gigante!  
Como o primeiro corpo dissidente aqui a ser morto  
por seu comportamento “desviante”  
Memória de elefante,  
não me esqueço das raízes dessa terra  
Quando fecho os olhos vejo os que vieram antes e cultivaram nela  
Quer falar de racismo e de desigualdade  
Ignorando as travesti que tão morrendo na cidade ?!

E quantas famílias dos centros as ilhas  
Não aceitam filhes e filhas?

E quanto tempo a parada  
Foi mesmo cardíaca

Quando pros boyceta não deram tempo de fala?  
Debaixo da língua navalha

Tô pronta pra briga  
Pronto briga

Muitos ainda me chamam de “aliendigena”

Mas de fora memo é essas ideia de colônia

De gênero nacicista

# MONOCULTURA É PROJETO DE MORTE

Se liga!

(POESIA ESCRITA EM 2021)

ISSN 2764-8133

p. 157

4.

Corpo  
BI

E nunca binário

Corpo  
BI

Que flui mas não passa

Corpo  
BI

Que se interessa por sorriso de gente massa

Corpo  
BI

E não monocultural

Corpo  
BI

Não monogâmico, contra colônia e ancestral!

Corpo parido por raizes milenares  
Por zé marias e marias milhares

Não surgimos do nada  
E seu olhar de coerção até um pouco me mata

Mas não faz meu plantio acabar

Eu sou quem eu sou, esse corpo mundo é o meu lugar

Nem mais nem menos independente do parceiro



Nem mais nem menos independente do parceiro  
Parceira, parceire, parça ou companheiro  
E pra melhorar pode ser plural  
Singular é a experiência de cada corpo ou corpa bi  
Que nos orgulhemos de nossa história  
e

CELEBREMOS A  
DIVERSIDADE DE  
FORMAS DE AMOR DA  
NOSSA FLORA QUE  
SÓ AFLORA

(POESIA ESCRITA EM 2021)

5.

Raiz é galho, rio que nasce e corre

Minha identidade na minha terra  
está sempre em metamorfose

E é também por isso que escrevo hoje sobre a  
invisibilização de identidades

Ou seja vivências memo que não cabem num lado  
apenas da história,

Nem estão aqui pra reinventar masculinidade nem  
feminilidade

Vivências que de fato não colocam  
essas fita como algo central em como existe

Eu boto muita fé que existências  
são que nem gota de chuva,

Sente tantos quando a gente  
se permite tomar um banho né?

(POESIA ESCRITA EM 2021)

6.

Quando eu comia semente de abóbora  
 O cimento já rachava e tinha até cana  
 Talvez eu detalhe demais e de muita significância  
 Identidade pobre: Tarde demais  
 Dizem que a fome existe  
 por que seu ancestral sofreu vários bagulhos  
 Mas só de uns, de outros tratam como irreais  
 Desigual, desiguais  
 Nunca te vi no corre da rua nem nos sinais

Me ensinaram memo assim a ser diferente  
 Mais calmo se pá  
 mas sempre estranha pá mta gente.  
 Não me ensinaram a ter arma  
 mas a pexera tá sempre afiada,  
 ce me entende?

Zé povim não arruma nada  
 Palavra é flecha, se mal lançada deixa oce doente  
 É que exu matou o pássaro com a pedra  
 E o hoje sempre tem uma história,  
 ce me entende?  
 Fala sério, eu vi arrancarem as árvore e a autoestima de  
 ser a gente,  
 imagina isso secularmente?

SE CU LAR M E N T E



Palavra difícil, mas é que o cabelo imenso  
Era cultura, eu não sou “crente”  
Descrente  
As veiz até do caminho  
Deslizo  
Derrapo, empino, faço gato no mei de redemoinho  
Moinhos que aqui não determinam o tempo  
Mas que moeram grãos e rios  
Mãos e trilhos  
É que mais de vinte dias andando me fazem  
Pensar nos caminho  
Difícil isso  
De contar a própria história e ainda levar prejuízo

Do fim ao início  
Todo Pcd sabe Pdc  
Que nos afastar dos espaços é naturalizado  
Não só pro estado Pode crê?!

A minha memória  
Num tá dentro de você

Identidade pobre: Tarde demais  
Nois lá pode chamar de cultura a vivência dos nossos  
ancestrais?  
Cultura de não existir graças as privadas e estatais?  
Qual o lugar dos sem nome  
Daqueles que não palestram em universidade

Dos quais nunca se acertam os pronome?

Codinome e imaginação forte  
Pá desviar da bala e do corte da realidade  
Pardalidade fabricada pela universidade  
É mais aceita que a cabokaji malandraji vê se reagi  
523 e ce ainda sente o corte que arde  
Não pode fazer alarde, da nome pra suas vivência  
Chamar de parente é invenção

Do interior memo, não do que ceis pensa  
A gente sempre costurou nossas vivências  
Fez chinela de miçanga  
Muitos rouba e faz tendência  
E quer ver os meus na sombra

Servindo eles e o estado  
Sim senhor, continência tá batida  
Entre o dedo apontado  
Os exército de vida  
Sempre ali ditando os dado  
O compasso da batida, quem se aterra onde pisa  
Não fica cuidando dos outro a vida

E as vezes eu me toco que dei nome pros bagulho  
Entre a tinta do spray e o correr do pixo no muro  
Muitos nunca nem deu oi,  
Mas fala do nome alheio  
Eu te rogo uma praga,  
Teu coro vai rasgar no meio

A verdade é  
disputada na invasão  
Então identidade  
muito aceita é meio  
feio  
sem freio  
Memo

Nasci pra  
incomodar

É na higienização  
Que eles te chama  
de sujo e ainda  
bota pá limpar  
O chão O saguão a  
satisfação  
Mas "Fértil como a  
terra preta é a  
mente do vilão"



7.

Filha de Oxóssi  
Se escuto  
É por que meu pai me chama  
Filho largue a vaidade  
Teu corpo veio da lama

Teus passos ainda sinto e vejo  
pela mata branca

Até as universidades brancas  
já falam de Pindorama

Interlúdio proibitorio  
Aqui ainda escuto

Proibiram nossas línguas,  
chamaram culturas de surtos  
Um corpo território  
Não vive só de interlúdio  
Melodias inteiras  
Renascem em submundos

Aquilombamentos de fuga  
Pra sobrevivência coletiva  
Roda de prosa na periferia  
Pá reflorestar consciência nativa

De uma gameleira gigante sou muda

Semente  
Grito  
nativa

Tão sagrada quanta a terra  
a história das mais velha

Soprando de maneira coletiva

sagrada filha da terra  
Nela piso com respeito

É que entre o meio e o ambiente  
Ceis esqueceram de dar um  
Jet pelo gueto

Nem tudo nesse mundo é branco ou preto  
Eu amo que as cores vem da luz  
E a natureza é todo esse encanto que sinto e vejo

Energia que jogo no mundo é como pedra que ascende  
fogo  
Movimento pelo desejo  
Manejo  
Meu próprio caminho  
É que daqui de onde veio  
Passarim eu voo e volto pro ninho  
Sete erva me curando enquanto a ferida estanca  
E eu não tô sozinho

Eu sei que eles criaram senzalas  
Se fugimos delas  
Abram os caminhos  
Ocupações, Favelas, Quilombos, Ribeirinhos  
Muito além das suas políticas de café e moinhos  
Bamburramos e fugimos  
Lendo as carta de alforria

eu não aceito mais domínios  
Quando entende a história diamante deixa de ser bonito  
Preferimos afundar navios

Quantos dos meus até compraram sua liberdade  
Mas foram acorrentado em cana?

Se mudamo a forma de pensar  
É por que a história é uma dança

Não existe não lugar  
Não romantiza as andança

Ainda sinto e vejo ela  
como criança  
Andando pela mata branca..  
pela mata branca

Homem mulher  
Cabeça mata branca

Homem mulher  
E a energia das planta



Entre nomeações que me dão e meu retorno a  
Pindorama

Devolução do que é nosso

Regulado  
Vendem como remédio as ervas que os nossos

plantavam  
Plantavam

Eu tô no corre louco  
e eles proibindo as planta  
Botando asfalto  
onde meus pisaro pra apagar  
os rastro

Eu sigo meus caminho memo que as vezes cansado  
É que as florestas são rezas que memo de  
Longe  
mantém meu corpo fechado

Respiro encantado

Awery aos caboco que não abandona  
Os que tão sendo de si desterrado

(POESIA ESCRITA EM 2023)

8.

Muitos caminhos tortos  
Assim como galhos

Cê acha que eu tô mentindo  
acreditou no papim

do bom selvagem ou pardo

Regra da existência alheia  
Não vai derruba o estado

Mais de nois  
menos cobranças

Olha a redução dos fatos  
Dos dados

Assim como o ibge  
Discute com os parente  
dizendo quem que nois é

Fugindo das estatísticas  
E das ideias superficiais e taxativas

Pá além das histórias aqui mentidas  
Cê sabe bem que a diferença  
manteve culturas vivas

Eu piso no chão e estremeço a terra  
Por que respiro a energia  
que as mais velha plantaram nela

Fala da minha família  
Não devia gerar guerra

Na beira do rio poluído  
Eu vejo que é isso  
Que acaba com ela

Culturas diaspóricas  
São andanças dessa terra

Quer fala que nois não existe?

Da um jet pela favela

Já falava minha ancestral

Travestis vivas na quebra

Quem bota fé em apagamento

Não quer nois suave nela

Milhões aqui passam fome  
E se tu sabe seu nome  
Se orgulhe disso e não de um sobrenome  
Colonizatorio



Cidades  
sob os nossos  
velórios

Quem bota fé nisso  
coloniza  
Os nosso  
A distância entre o  
guizo e a ferida  
É a minha narrativa

Eu toco, balanço e  
reinvindico  
meu direito a vida

Encabulando os  
apagadores

Sendo o veneno que  
cura a própria  
ferida

(POESIA ESCRITA EM 2023)

ISSN 2764-8133

p. 171

9.

“Todos pardos nus  
Com suas vergonha a mostra”

Fala de Jesus mas continua  
botando numa cruz as nossas

Suas ideia moralista eu já sei de onde vem  
Adora um turista,  
vender a diferença quando convém

Acha que sofre mais violência  
Pra colônia fala amém

Não existe hierarquia  
Corpo mais importante

Se cê se acha no direito de apontar pá uma vida  
Precisa descer do palanque

Nas carta pero Vaz já falava  
Moralismo e purismo

Eles trouxeram em navios  
e ainda hoje sangue nas água

Se cê tá repetindo as ideia de escrivão de rei  
Então concorda com as bala

E quantos de nós desnutridos  
por terem que construir estradas?  
Quantos dos meus também pularam de navios?  
E aqui nada se fala

Escravização morte de rios  
Nós também tava nas senzalas  
Foi em 1500 mas ainda avisto

Os capitão do mato que ajuda a espalhar a praga

A lógica de validação do outro  
Consumindo gente

É que ceis não usa a rede social  
Deixam ela comer mentes

É óbvio que vai apontar pra artista  
Guarda chuva na mão de sobrevivente  
Pá quem tem medo é armamento

E assim se foi mais uma vida  
Riu quem não sabe o que é tá preso no cimento

Fala mal de branco mas pa acessar os banco até zoa a  
dor e a história de várias pessoa

Engraçado que quem mais odeia nosso corpo  
Quer sempre sexualiza-lo

De novo purista rindo dentro da bolha

Mc que pede postura mas abusa das pessoa

Transfobia, mate ou morra!

Tem quem fecha com o estado



Muitos não quer autonomia  
quer memo é entrar pra casa grande

Vive do próprio umbigo então ignora

Estupro e morte das que vieram antes  
Quem tem vivência de brazil sabe que  
aqui a globo fala antes

Adora uma fake news pá  
manter os berrante  
Afinal o agro é pop  
E é tudo que se espalha fácil

Tá cheio de grupo nazista saindo do ralo  
Twitter acha que sua vida menos do que merda no  
vaso  
Cê persegue a vida de quem não conhece por que  
aqui já se tornou um gado  
o discurso que eles produz  
já comeu até o talo

Advinha quem queria ditar a narrativa alheia?

Hitler, seu otário!

E ele nem era um ariano só era um perseguidor das  
diferenças nos seus iguais  
encubado

As vezes seu ódio do outro é pá se odiar  
Um atestado

Deve ser tipo um “tá desculpado”  
por gostar mais da historia branca  
do que a de um favelado

Sabe das invasão de terra  
Digo, de territórios e favelas

E acha massa ver o outro apagado  
Como estrelinha da tia da escola no caderno  
Ser especial pá aqueles que usa terno e é obvio

Que quem vai ficar de fora  
são os corpos trans que não passam  
Mas fica ligeiro pa não perder o compasso  
Do aquilombamento de várias “Maria Macho”  
Meu salve aqui é te lembrar que a vida humana também  
é da terra bioma

E é por várias  
dessas merda que  
vive ela  
tá esse inferno na  
colônia

(POESIA ESCRITA EM 2022)

ISSN 2764-8133

p. 175

10.

Eu não tô aqui  
Pelas suas verdadi

Ser o que sempre fui depende  
de sagacidade

O fogo trocado nem sempre arde  
Como um candomba aqui jaz

O fogo trocado nem sempre arde  
Como um candomba aqui jaz

mata renasce

Todo dia correndo no eixao  
Ceis fala tipo o pernalonga  
Se é mestiço é só metade então

Não importa as morte

vaidade e invasão

E os “pardinho” só serve pá contar caixão

Silêncio é patuá em terra de invasão

Coloque suas guia, pra andar na Anhanguera

Goiânia diáspora nordestina que tem vergonha  
dela

Vaidade e  
Invasão por toda parte



O Centro Oeste Em busca de uma falsa  
propaganda do Sudeste  
desconhece a sua identidade

Pá lá meu povo foi

eu subi  
Morro

Re- Ocupações de terra  
Matas virando parque enquanto eu morro

E no desaforo  
Elas quer me ver fora da pista  
Chama de vadia mas vai, não desacredita

Eu já disse  
Eu não sou feminista

Eu saúdo as matriarca que por  
nois pula na frente da bala  
E eu tô na pista

Fugiram das senzala  
Um salve pás que  
não foram laçada  
Eu volto pela ancestral  
soterrada

Ceis vão pá universidade contar ou apagar as  
bala?

Você “parece tanto Índia” eles me falam

No meio do cerrado caboca incendiária de onde  
me internaram

Cá boca revoltada até umas hora

Originário que não deixa comédia  
contar a própria história

Autonomia ocupações de terra  
pelas quebra, pelas erva  
Pelas roça

Arte vivência não  
cabe sua ignorância  
capacitista  
Já sei o que é  
violência histórica...

vejo no seu ego o  
medo e como cê se  
esconde,  
Não respeita nem a  
terra vai respeitar  
o meu pronome?

(POESIA ESCRITA EM 2022)





# Marin Maciel



m4rinmm@gmail.com

Marin Maciel é multiartista transmasculino não-binário movido pelas imagens e sons. Originário das terras do Siará, atualmente tem 24 anos e trabalha em Fortaleza como designer gráfico, ilustrador, tatuador e animador. Se interessa pelos processos criativos e desdobramentos do desenho, experimentando diferentes suportes (telas, papéis, peles e muros) e linguagens visuais. Tem seus dias permeados pela musicalidade, enquanto batuqueiro e capoeirista. É produtor do coletivo TransTcholagi, onde promove ações culturais para a comunidade transmasculina e não-binária de Fortaleza. É produtor e puxador do BatuQdelUs, coletivo transcêntrico voltado para vivências percussivas de cultura popular. Está em processo de pré-produção dos curtas de animação Marimbã Está Acontecendo e SOPROS, os quais é diretor, roteirista e animador. É bacharel em Design Gráfico e de Produto pela Universidade Federal do Ceará. Fez sua primeira publicação “corpo-bicho-tatuado” em formato de zine, resultado da sua pesquisa de TCC. Foi ator, produtor e instrumentista no espetáculo transcêntrico TextoTrúqui, em Fortaleza. Sua arte é atravessada pela vivência cotidiana de um corpo dissidente e imaginário, contemporâneo e ancestral.

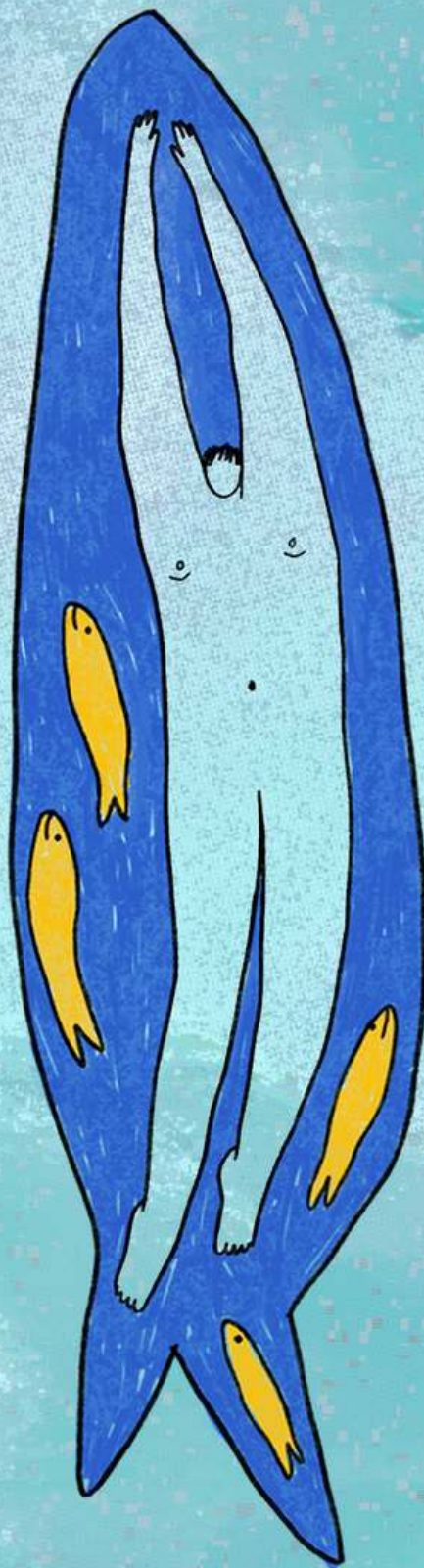


## Marin Maciel

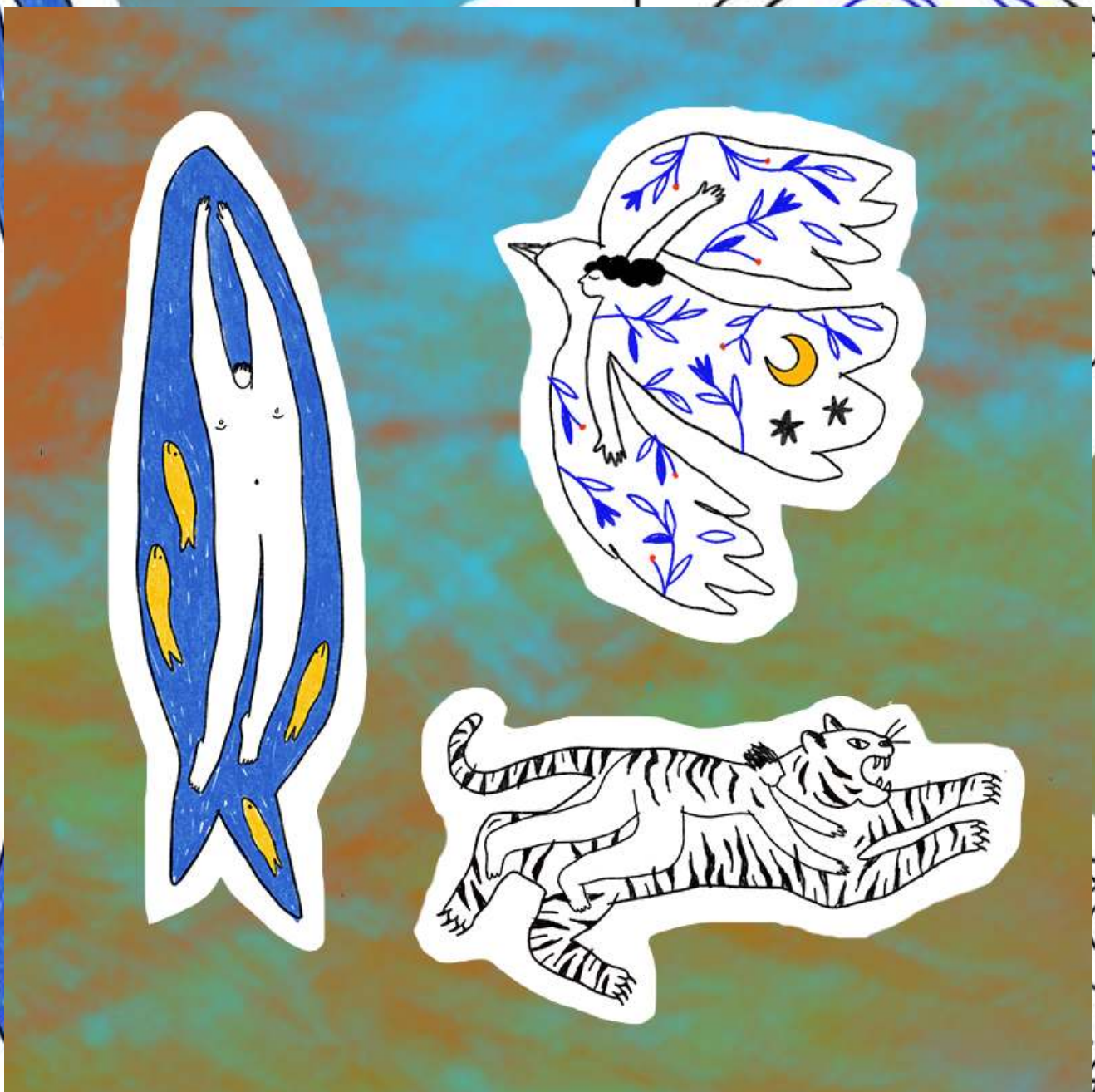
ISSN 2764-8133

p. 180

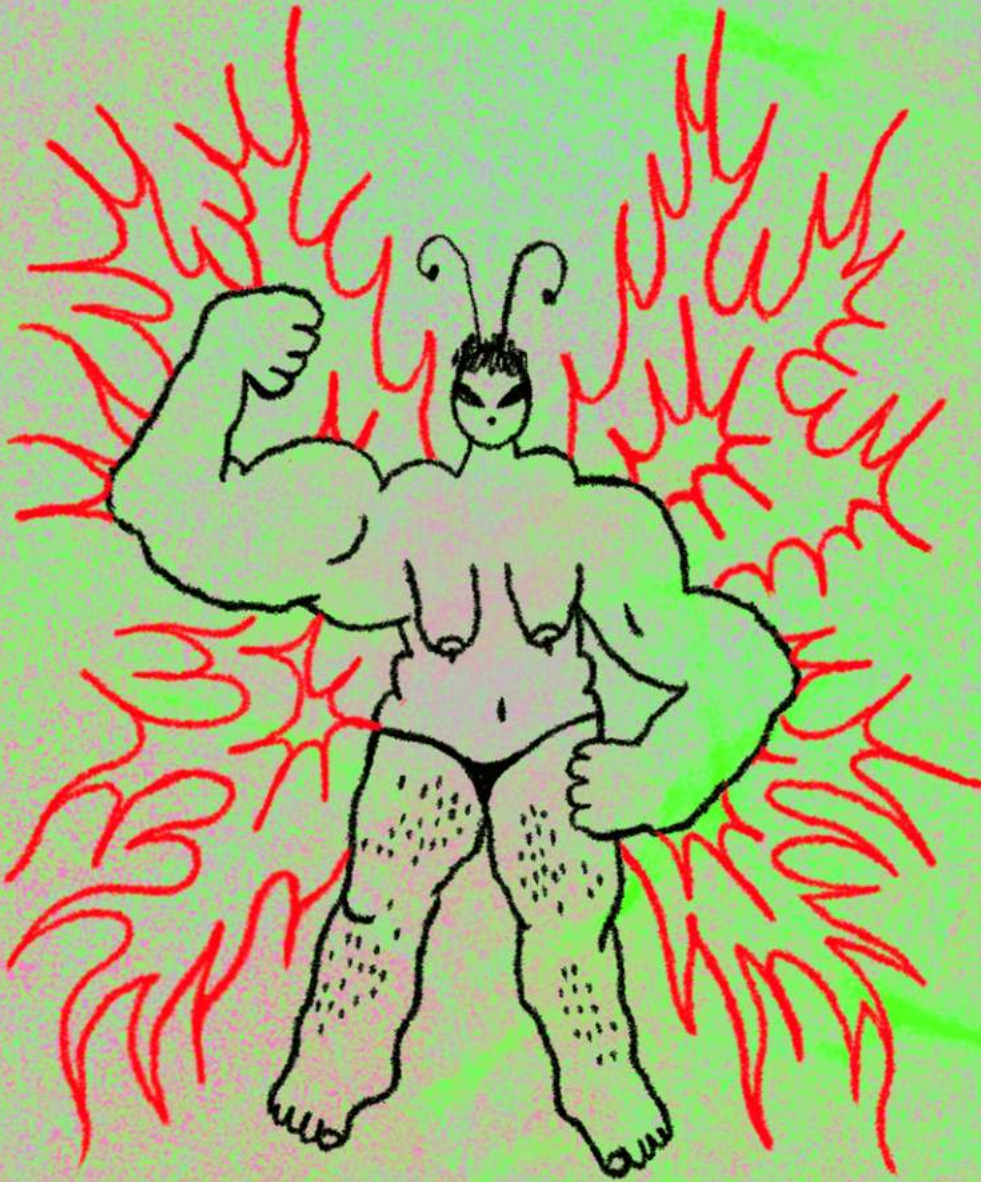
















# Cruzar o invisível até que o vazio esteja tão cheio que se escute o barulho do silêncio.

Marin Maciel

Diante de uma obra de Jaider Esbell, fecho os olhos para lembrar de muita coisa que não vivi. Registro um sopro:

*Pelos punhos da minha rede eles desceram até mim. Cantavam e dançavam ao som dos maracás no silêncio da mata escura. De olhos fechados eu via suas cores e texturas me atravessando, meio a camadas e recortes da memória. "Diga a eles que sonhem! Para além do que imaginam ou desejam na vigília...", sussurrou um espírito com forma de tartaruga, enquanto pousava seu casco-casa na terra, abrigando meu corpo. "...assim podemos mostrar o caminho de volta", sussurra.*

Em um movimento para trás, me vejo diante de mais um esquecimento. O que estou preservando a partir dele? Da dormência é onde retomo para criar o caminho.



fPra frente, trás, pra baixo, pra frente e cima. Exu vai abrindo. Como confluir memórias de um sangue apagado após tantos rastros? Sangue-seiva, árvore familiar, semente originária. Raiz seca e arrancada. Meu avô calou-se cedo. Seus olhos me diziam muito do que não pude saber. Meu povo foi convertido para findar a colheita. Renegando o que hoje me mata de sede, ainda que do meu tronco jorre tanta água, ainda que eu só fale através dela. Tenho sede. E quero ficar tão molhado que minhas raízes cresçam firmes, agarrem esta terra e se nutram de seus encantos. Apenas fico por muito tempo na água, por isso às vezes me sinto imensidão.

Uma vez um Velho Peixe de Milhares de Histórias me lembrou que eu também já vivi várias. São muitos os segredos diante de corpos insaciados. Pelos passos que me sopram, a guiança presenteia meu espírito. A intuição é o que me calça. Estou acontecendo pele descamada. Por baixo de tantas outras ela brota, não tão clara nem escura. Artificialmente declarada em lugar-algum. Não-lugar de canto nenhum. Uma história que não tem palavras, é só ouvir. A pisada no chão, a pisa do tambor, os conselhos da fumaça. Viver a ancestralidade na prática. Desaprender o que foi imposto.

Pensar o mundo a partir de outras cosmovisões. Cruzar o invisível. Sonhar outros corpos possíveis de habitar. Encontrar abismos inconscientes. Ser tragado pelo mistério.

Tem coisa que só eu vejo. Tem coisa em mim que só o outro vê. A disforia diante do espelho vem muito antes dessa imagem. Pelo reflexo, roubaram memória, essência, alma. Aplico T para transbordar o que me deixaram. Para criar cascas, pelos, raízes e escamas. A passagem de ar da garganta já não é a mesma, da boca já não sai o mesmo tom. Quero tirar do peito um som, que estranhamente agoniza e de felicidade expande. Experimentando morte em vida, como restos e rastros de uma cobra, tudo vira colagem de mim mesmo. Transmutação é fronteira que transborda. Transição é movimento circular. Tal hora retornei para onde eu sempre estive, que alinha com o desejo de me sentir vivo e até um pouco inteiro. Eu tinha outro pensamento antes de ser assim. Incertamente reescrevo, perdidamente me assumo.





THÁRCILO LUIZ DA  
SILVA HENTZY



[hentzytharcilo@gmail.com](mailto:hentzytharcilo@gmail.com)

Transmasculine, 27 anos, pessoa indígena em retomada do povo Pataxó Hae-hae-haes. Sou frequentemente atraído pelas multi-linguagens das artes, já tive meus dias de poeta, mas ando um tanto distante dessa escrita (desejo voltar). Curso graduação em psicologia na UFRJ. E estou como coordenador da Revista Estudos Transviades.



# Thárcilo Luiz

## RETOMADA NA BALLROOM: PRIMEIRA E SEGUNDA BALL IDÍGENAS DO BRASIL

Thárcilo Luiz da Silva Hentzy  
(Com participação de Ramona Juca,  
Dani Maresia, May Marinho e Ravi Carvalho)

As Ballrooms vêm sendo parte importante da cultura LGBTQIAPN+, e surgiu nos Estados Unidos, mais propriamente na cidade de Nova York, a partir dos anos 1970. A precursora desse movimento foi Crystal LaBeija, uma travesti latina que se tornou figura importante nesse contexto tendo fundado a House of LaBeija em 1968. As Ball's ou bailes são eventos onde pessoas LGBTQIAPN+, em especial pessoas racializadas, se reúnem para se expressar, voguear<sup>1</sup>, competir, e celebrar suas identidades. A comunidade formada através das Ball's têm uma relevância que é histórica pois, durante o período mais extremo da eclosão da epidemia de HIV, na década de 80, que afetou tremendamente as pessoas LGBTQIAPN+, causando inclusive a perda de membros preciosos, a comunidade Ballroom teve papel crucial no apoio e na educação sobre o HIV, auxiliando na luta contra o estigma e a difundir informações sobre a prevenção e cuidados.

Dentro da cultura Ballroom são formadas “casas” ou Houses, lideradas por figuras pioneiras que recebem os títulos de “mães” e “pais”, e possuem o papel de dar suporte aos seus filhas, que geralmente são pessoas que estão em uma trajetória menos longínqua que as delas, mas estão construindo seus legados com muito talento e empenho.

Além disso, as casas promovem a criação de vínculos, relações afetivas, e suporte emocional, tanto no quesito das performances e da arte propriamente, quanto em diferentes âmbitos da vida. O que proporciona um sentido de pertencimento e proteção entre pessoas que diariamente enfrentam diversas formas de discriminação e violência por parte da sociedade. Na cena do Rio de Janeiro, por exemplo, todos os meses acontece a ação Suporte T, que é uma parceria da Ballroom Rio com a Kuzinha Nem - Local de empreendedorismo social e economia solidária que trabalha com culinária vegana - , e são distribuídos legumes para pessoas da comunidade Ballroom em situação de vulnerabilidade social e, conseqüentemente, vulnerabilidade alimentar. O espaço em que encontramos na Ballroom alimentam, além do corpo, o imaginário de beleza e de potencialidades de movimentos quando são encontradas ali referências nas quais é possível se reconhecer, onde se pode competir em categorias que reflitam e reconheçam suas próprias expressões de gênero e corporalidades como admiráveis, válidas e dignas de um Grand Prize (assim são chamados os prêmios quando se ganha a competição em uma categoria).

É fundante o protagonismo negro e travesti, não podemos esquecer disso quando falamos sobre essa cultura, pois desde sua formação são as que estão fortalecendo o movimento, apesar de todas as dificuldades que o racismo e a transfobia as submete.



No entanto, outras identidades marginalizadas, que há muito tempo também estão presentes, vêm buscando construir visibilidade, como é o caso das transmasculinidades e não-binariedades. Se hoje é possível assistir a um RollCall de transmasculines é porque houveram aqueles que insistiram em demarcar que ali também era seu lugar, proporcionando um acolhimento e fortalecimento dos que vieram e virão em seguida. Do mesmo modo, as identidades indígenas, na direção dos processos de retomada que os povos que foram dispersos no contexto urbano pela colonização, têm feito, há um notável movimento de automafirmação destes dentro da Ballroom que também precisa ser visto e aclamado, pois a existência de pessoas indígenas destaca a interseccionalidade e a importância de reconhecer a diversidade das pessoas LGBTQIAPN+. Cada participante trás uma perspectiva única, contribuindo com a riqueza e vitalidade da cena.

Esse ano, 2023, durante o Acampamento Terra Livre em sua 19ª edição, que aconteceu em Brasília, evento que ocorre todos os anos e reúne vários parentes indígenas durante da demarcação de terras no Brasil, foi feito, pela primeira vez, uma Ballroom de pessoas indígenas, organizada a partir de uma parceria entre a Casa de Onijá e o Coletivo Tybyra.

## Vogue é ancestralidade: Um relato sobre a primeira edição indígena da Ballroom no 19º Acampamento Terra Livre por Ramona Onija

Sou Ramona, tenho 24 anos, nascida em Brasília, pertencço ao povo potiguara, cujo território fica no Rio Grande do Norte, de onde a minha mãe vem. Ela nasceu em uma comunidade potiguara localizada em Rio dos Índios e se mudou para cá ainda criança. Eu fui criada uma parte na periferia de Samambaia, e outra parte em Taguatinga, dentro de um espaço cultural - onde ainda moro - que se chama Mercado Sul. Dentro desse espaço a gente tem a Ocupação Cultural Mercado Sul Vive (@mercadosulvive), que compõe grande parte da caminhada de me construir politicamente a partir das vivências que eu tenho aqui no Distrito Federal. Me formei em audiovisual e trabalho hoje dentro do território como social media, no Estúdio Molotov (@estudio.molotov). Sou, então, uma comunicadora indígena que atua principalmente no movimento LGBTQIAPN+, sendo também uma pessoa não binária. E faço parte da comunidade Ballroom integrando a Casa de Onijá (@casadeonija).

Na Ocupação Cultural Mercado Sul Vive fazemos diversas aulas e oficinas, desde capoeira, artesanatos, e também o vogue, que chega na quebrada como oficina de dança. É a partir dessa oficina que vou me juntando com outras gatinhas, fazendo parte deste Coletivo/House, a Casa de Onija, inspirado em toda uma cultura que vem historicamente lá dos Estados Unidos, movimento que é composto por várias casas e pessoas LGBTQIAPN+ se organizando, se fortalecendo, ao meu ver, como uma tática de sobrevivência. A Ballroom tem origem numa época de epidemia do HIV/Aids, epidemia esta que, de forma preconceituosa, foi vinculada à população LGBTQIAPN+. Aqui no Brasil, portanto, a gente utiliza essa linguagem de várias formas, realizamos as competições de dança, mas estamos ali não somente pela competição em si, estamos também para contemplar os corpos dissidentes, corpos marginalizados, nos reconhecendo dentro dessa ancestralidade que é a cultura Ballroom.

Esse ano, em Abril, surge a possibilidade da realização de uma Ball de vogue dentro do Acampamento Terra Livre, que é o maior acampamento indígena do mundo. Eu fui, a partir de toda uma vivência enquanto pessoa indígena não-binária, periférica, uma das pessoas que, dentro da minha House, articulei, propus e também fui jurada nessa Ball, que foi uma participação da comunidade Ballroom já composta em Brasília com a comunidade LGBTQIAPN+ e a comunidade Indígena dentro do acampamento Terra Livre.



Este momento teve extrema importância para conseguirmos demarcar mais ainda a cultura LGBTQIAPN+ em todas as lutas. E também demarcar a luta originária, a luta indígena, dentro do movimento LGBTQIAPN+ como um todo. Minha participação foi nesse intuito e também de afirmar a presença de Tybyra, levar a história de Tybyra, primeira pessoa morta por homofobia no Brasil, que é uma pessoa originária, tupinambá, morta na boca de um canhão no Maranhão. Ao assistir desde nossos anciãos, as crianças, a juventude, participando das categorias, batendo palma, interagindo ali com toda a comunidade, a gente percebeu quão potente o vogue é, por que o vogue é também essa dança que trás toda a ancestralidade da nossa comunidade, das femme queens, das buth queens, que aqui é traduzido como as travestis, as pessoas não binárias, as pessoas trans, os transmasculinos, as gays, as lésbicas. É nesse sentido, de a gente unir a luta que é de todos, tanto a luta LGBTQIAPN+ quanto a luta originária indígena, a luta por terra, a luta por acesso à nossa ancestralidade mesmo, que não é sobre só viver, mas viver com qualidade de vida no Brasil, de que se tratou esse momento.

Como uma pessoa indígena que contribuiu para seu acontecimento e esteve presente, posso dizer que o Acampamento Terra Livre e tudo que se passou lá formou cada vez mais a minha identidade, e não só a minha, mas acredito que de muitos parentes, pois muitos laços foram feitos, muitas pessoas indígenas que talvez não se conhecessem, se conheceram naquele encontro.

Afinal, o Acampamento Terra Livre é para isso, né, para que consigamos, enquanto lideranças, Coletivos, Organizações, pessoas indígenas, pessoas quilombolas que vêm à Brasília lutar pelos seus direitos, poder estabelecer essas pontes, e enxergar que não estão isoladas e sim que elas vivem e existem como pessoa indígena, existem no seu Estado, na sua quebrada, na sua aldeia, mas também existem pessoas indígenas em todo o Brasil lutando junto, sabe, por que todo o projeto da colonização ainda está por aí, produzindo invisibilidades.

É muito essencial, portanto, para a cena Ballroom, enxergar a presença indígena como construção do que é a luta LGBTQIAPN+, porque quando a gente fala que a cultura Ballroom é iniciada nas periferias dos Estados Unidos, a gente tá falando de um movimento feito por pessoas negras e latinas, e quando menciono pessoas latinas é muito pensando num apagamento histórico. Muitos povos originários também existem e resistem até hoje nas terras dos Estados Unidos, e o mesmo se dá aqui no Brasil. Então, cada vez mais, nós, que estamos inseridos em diversos contextos, pessoas indígenas LGBTQIAPN+, precisamos demarcar os espaços de lutas da nossa comunidade. Ballroom é esse espaço de vivência, é um espaço onde o nosso corpo não deve ser só julgado pelos jurados e demais pessoas, mas um espaço onde a gente afirma toda a diversidade dos nossos corpos.

Ver várias pessoas indígenas, LGBTQIAPN+, caminhando, vivas, no país que mais mata pessoas originárias, pessoas militantes pela terra, o país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+, é uma vitória. Nós continuaremos ocupando esses espaços. Seja enquanto Ramona, seja enquanto pessoa indígena, enquanto Casa de Onijá, enquanto povo Potiguara, eu continuarei.

ENSAIO ORIGEM ONIJÁ  
COM RAMONA JUCÁ  
pg. 198

(Disponível no Instagram da Casa  
de Onijá - @casadeonija)

#### FICHA TÉCNICA

Direção de arte: Guajá Onijá,  
Webert Vieira, Ramona Jucá e  
Paris Suwika

Fotografia: Webert Vieira

Figurino: Rick Paz e Ave Fufy

Maquiagem: Ramona Onijá

Cenografia: Fêtxawewe Tapuya  
Guajajara e Werick Mendes

ISSN 2764-8133

p. 197





## Segunda Ball Indígena do Brasil: Espíritos Ancestrais

Após as repercussões da Ball ocorrida no ATL, em 17 de Novembro deste ano foi realizada a segunda Ball Indígena do Brasil, sendo a primeira na Amazônia, ocorrida no galpão circular na praça do Largo de São Sebastião, em Manaus. A Ball deu destaque para a diversidade cultural e artística, com ênfase nas práticas de ancestralidade e em expressões da cultura manauara, cidade com maior população étnica originária do país, segundo dados disponibilizados pelo Censo demográfico de 2022 do IBGE, seguida de São Gabriel da Cachoeira e Tabatinga, respectivamente, todas no Estado da Amazônia.

O número de pessoas indígenas no Brasil hoje é de 1.693.535 pessoas, apresentando um crescimento de 88,82% em relação ao censo anterior, que em 2010 fez a contagem de 896.917 mil pessoas. Porém, há que se ter atenção ao interpretar esse novo dado, não se tratando de um aumento da natalidade de pessoas indígenas nestes doze anos, e sim considerando que houve uma importante mudança de abordagem e método adotada pelo Censo do IBGE em 2022, tendo contado com a participação de lideranças dos povos originários e da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) durante o processo de concepção das entrevistas, bem como a busca ativa para o recenseamento em territórios indígenas demarcados e não demarcados, e o fortalecimento fundamental do debate acerca da autodeclaração de pessoas indígenas residentes em domicílios nos contextos urbanos e rurais.

É possível relacionar, deste modo, também os diversos movimentos de retomada indígena em contexto urbano, com os novos números sobre a população indígena brasileira e com o fortalecimento das identidades originárias nos mais diversos espaços. Dani Mresia, por exemplo, que é multiartista e estudante do curso de dança na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), contou que pertencendo a comunidade Ballroom teve acesso às discussões étnico-raciais e encontrou referências para pensar sobre sua própria história, como nos relata neste trecho:

“foi na Ball que eu descobri que poderia iniciar o meu processo de retomada, entende? Foi através da Uýra Sodoma. (...) Uma artista gigantesca daqui do Norte, ela faz parte da cena Ballroom aqui de Manaus, ela me ajudou, me colocou numa exposição dela. Nesse processo a gente acabou entrando numa parte bem profunda da minha história, da minha vivência. E foi a partir daí que eu fui me realocando, me encontrando e me identificando cada vez mais com as minhas raízes.”



A multiartista disse, além disso, que a ideia de uma Ball indígena na Amazônia surgiu em um momento de interação entre pessoas indígenas da cena, pessoas que também compõem o Coletivo Miriã Manhã, coletivo LGBTQIAPNB+ de Manaus que, despretensiosamente estavam, segundo ela, “geral, assim, na mesa do bar, um povo de ballroom, um povo do coletivo, um povo ali da Universidade Federal daqui do Amazonas, e viraram pra gente e falaram isso [sobre fazer uma Balroom indígena] e a gente fez uma ball.” Maresia ressalta:

“A gente conversou, a gente falou sobre categorias, a gente tem a nossa filha que é a Kuenan (@kuenantikuna), ela é filha da casa Onijá também, que é uma casa indígena, se não me engano é uma mainstream. (...) Primeiramente a gente ia fazer no Parque das Tribos, que é uma comunidade indígena dentro da cidade. É a maior comunidade indígena daqui de dentro da cidade de Manaus. E a gente ia fazer lá, só que existia toda uma problemática de localização. É um local muito distante de todas as gatas que fazem parte da cena e de outras pessoas, seria de difícil locomoção. E a gente desistiu desse plano e acabou encontrando um lugar no centro de Manaus, assim, onde facilitaria para todo mundo.”

Pode-se observar o cuidado com o qual foi pensada essa Ball, na forma com que foi decidido o local, preferenciando um espaço que se localiza no coração da cidade, bem como nos detalhes mais primordiais como as artes de divulgação e títulos das categorias, referenciando e reverenciando a linguagem e atividades ancestrais.

Da mesma forma que ocorreu no Acampamento em Brasília, na Ball amazônica houve um diálogo geracional através da participação incentivada de pessoas anciãs pertencentes a povos indígenas, propiciada especialmente, neste caso, pela categoria de artesanato, como enfatiza Maresia: “Nessa categoria de rainha tecelã a gente teve a entrada de uma anciã na categoria. Ela é uma anciã que trabalha com artesanato há muito tempo, ela é Sateré. A filha dela entrou na categoria do nada e todo mundo já saiu gritando, vai ganhar, vai ganhar. É a Carla, o nome dela, e ela é Sateré também”. Isso se dá pela busca em tornar presente a cultura originária brasileira dentro da cena Ballroom, movimento este que é bem explicitado na fala de Maresia sobre a organização das categorias do evento.

“A gente se reuniu no Centro de Medicina Indígena (Bahserikowi - @centrodemedicinaindigena), que a gente tem aqui em Manaus. A gente reuniu o Coletivo e algumas pessoas da casa Jabuti. E a gente sentou com pessoas de vários povos diferentes. A gente tinha Tucano, Munduruku, Tikuna e Satere. Satere e que mais? É, acho que foram esses povos. A gente fez essa montagem de oito categorias, a gente foi juntando várias informações que a gente tinha sobre culturas e tudo que existe dentro da casa, dos povos originários daqui. (...)”

**BURM  
MBO**

**CATEGORIAS**

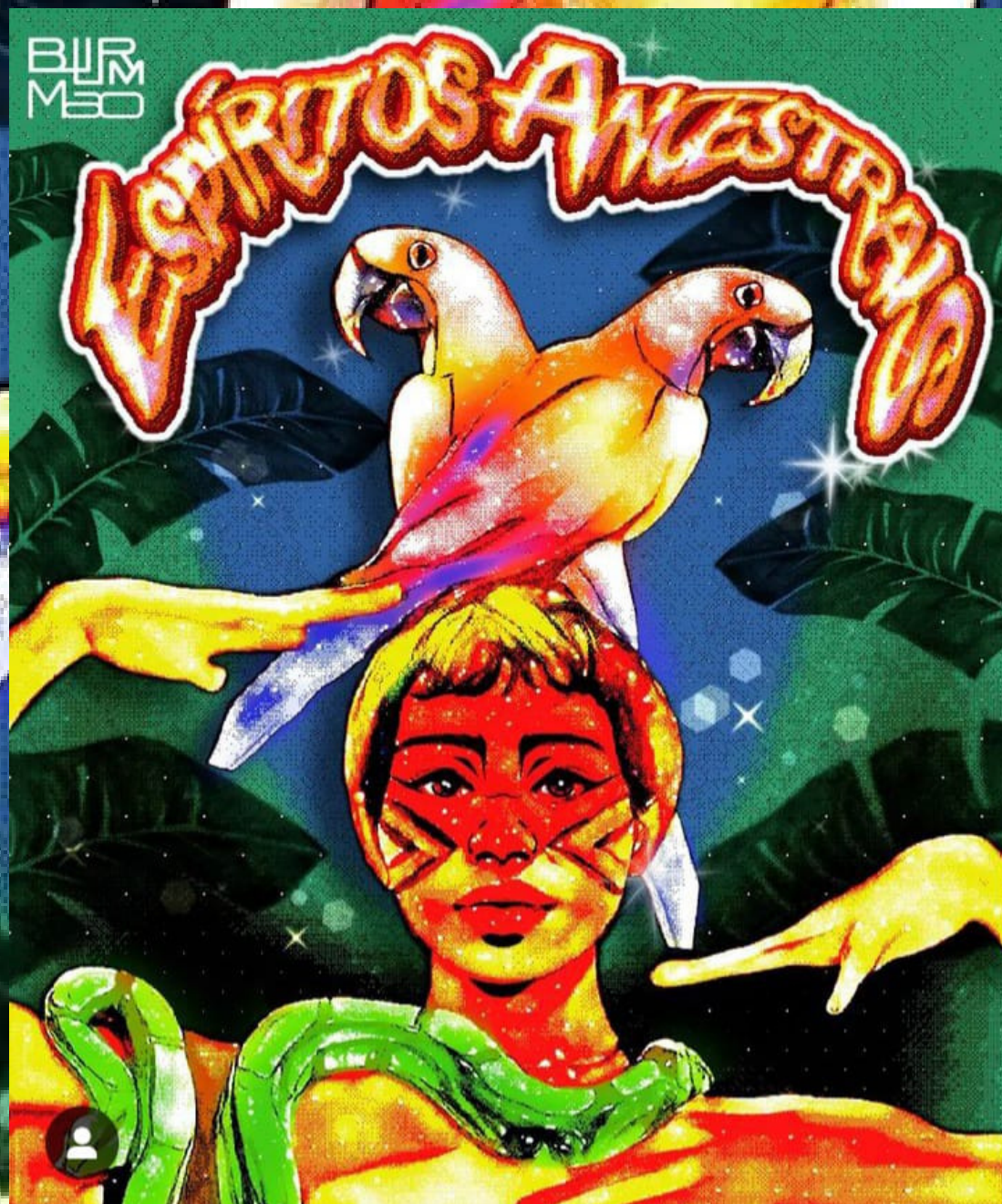
- 1-Vogue Inicriante: CUNT de curumin
- 2-Rosto Ancestral: Face do Sol
- 3-Rainha Tecelã: Categoria de Artesanato
- 4-Caminhos da Floresta: Categoria de Caminhada
- 5-Moda Ancestral: CUNT Originário
- 6-Vogue das Velhas: Performance aberta
- 7-Mãos de Potoroca: performance das mãos
- 8-Dublagem: boca de Jambú

**MIRIA MAHSA**

**JABU**



"A gente tinha Canto Ancestral, a gente tinha Face do Sol, rainha tecelã, tínhamos também a Boca de Jambu, que era a categoria de lip-sync, Mãos de Pororoca. A gente tentou ao máximo manter não só a questão regional do nosso Estado, mas de alguma forma, brasilizar as categorias, porque sempre é essa coisa muito americanizada"



A Ball “Espíritos Ancestrais” teve como DJ o Ravi Muc On, artista transmasculino morador da cidade de Manaus, que conheceu a Cultura Ballroom a partir da Simas Zion, dançarina, pesquisadora e pioneira em Manaus-AM. Que o convidou, ainda em 2019, para participar como DJ nas suas futuras ações. Para ele, participar dessa Ball, significou muito por ele também estar em busca da história de seus antepassados, de sua ancestralidade indígena. Além disso, afirmou: “ter participado da segunda Ball Indígena foi um momento único para minha vivência como DJ/Producer LGBTQIAPN+ (...). Ver pessoas indígenas fazendo suas performances na ball, mostrando seus looks, seus acessórios feitos por elas mesmas, foi um momento de muita resistência e troca de culturas.” Ravi pontua ainda que:

“Realizar uma ball indígena, no Brasil, que além de ser um país de terceiro mundo, xenofóbico, transfóbico e LGBTfóbico, e que possui uma população que é resultado de uma miscigenação cultural e étnica, é de extrema importância, pois estamos falando de um movimento que é político, que celebra a sexualidade, a raça e a diversidade de gênero. “ (...) (...) “Além de podermos ser o que realmente somos, estamos também desenvolvendo nosso senso político, quebrando padrões. Que nos vejam de forma humanizada, que nos respeitem também. Tenho como exemplo fortíssimo, o Nathan, rei das durags. Sensacional sua performance na Kiki Ball Afrodiaspórica, seu estilo, acessórios. Saia, bolsas, brincos. Uma verdadeira quebra de padrões, até mesmo dentro da cena ballroom. Por que uma pessoa transmasculina não pode utilizar acessórios que são utilizados por mulheres trans, mulheres cis?”



May Marinho, que conheceu a Ballroom através de uma amiga em 2019 e se apaixonou pela cena após estar presente na Ball “Animal Print”. Marinho é transmasculine e também estava na “Espíritos Ancestrais”, evento sobre o qual ele diz que “a sensação de pertencimento foi simplesmente sensacional, essa foi a segunda ball indígena e ela aconteceu aqui na região norte, onde temos o maior número de população indígena do país. Espíritos Ancestrais não só fortaleceu nossas origens como também foi um grito de (r)existência dentro do movimento e para fora dele.” Para Marinho ver outras pessoas trans, travestis, não binárias participando da organização e categorias da Ball “é sentir que você não está sozinho nessa construção”. Ele afirma: “O que mais me chamou atenção [Na Ball Espíritos Ancestrais] foi a quebra desse olhar estereotipado que nos foi colocado por muito tempo, um padrão criado pelo colonizador.” Argumentando que as expectativas de gênero refletem padrões culturais e sociais que evoluíram historicamente, possuindo, assim, raízes intrínsecas ao processo de formação da sociedade.

A fala de Ravi e Marinho evidenciam que a cena Ball tem se destacado como uma forma poderosa de expressão, desafiando as normas de gênero e proporcionando um espaço formado por diversas identidades. Apresentando, claro, características próprias em cada território em que é vivenciado. Embora hajam passos a serem dados em conjunto, a partir das pessoas que fazem a cultura permanecer viva, no sentido de combate às discriminações oriundas da estrutura social e acabam sendo reproduzidas internamente, é notável a capacidade da Ballroom de ser formadora de novos imaginários e referências, sua potencialidade de quebrar estereótipos de gênero, de racialidade, de corporalidades, e criar narrativas contra-hegemônicas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMBRÓSIO, Nicolay. Manaus é palco da primeira ball indígena da Amazônia. Site Amazônia Real. Acesso em 26 de novembro de 2023. <https://amazoniareal.com.br/ballroom-indigena/>

DA AMAZÔNIA, Coordenação das Organizações Indígenas et al. Apib orienta a participação de indígenas na seleção do Censo Demográfico 2022 para o IBGE. 2022.

ESTEVAM, Aleson Lima Gomes. Balbúrdia: o barulho do entre corpos. Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2021

















INFORMAÇÕES DAS IMAGENS:

ARTE DE  
DIVULGAÇÃO DAS  
DAS CATEGORIAS  
FEITA POR JAU  
RIBEIRO E DANI  
MAREZIA  
pg. 203

Fonte: Instagram Casa  
Jabutt - @jabutttttt

ARTE DE  
DIVULGAÇÃO DAS  
BALL FEITA POR  
JAU RIBEIRO E  
DANI MAREZIA  
pg. 205

Fonte: Instagram Casa  
Jabutt - @jabutttttt

JAU RIBEIRO  
NA PRIMEIRA BALL  
INDÍGENA FEITA  
NA AMAZÔNIA  
pg. 211

Foto: Alberto César  
Araújo/Amazônia Real

RAVI COMO DJ  
NA PRIMEIRA BALL  
INDÍGENA FEITA  
NA AMAZÔNIA  
pg. 209

Foto: Juliana Pesqueira

UYRA SODOMA  
NA PRIMEIRA BALL  
INDÍGENA FEITA  
NA AMAZÔNIA  
pg. 210

Foto: Alberto César  
Araújo/Amazônia Real

DANI MAREZIA  
DURANTE A  
APRESENTAÇÃO  
NA CATEGORIA "FACE"  
pg. 213

Foto: Alberto  
César Araújo/  
Amazônia Real

A ARTESÃ E LIDERANÇA  
SATERÉ-MAVWÉ, MOY É  
O SEU FILHO ADOLFO  
TAPAIUNA.  
pg. 212

Foto: Alberto César  
Araújo/Amazônia Real

**RAVI CARVALHO  
VEIGA**



raviveigaam@gmail.com



DJ/Producer, Gestor e Produtor Cultural na cidade de Manaus-AM, produz músicas e sons para espetáculos de dança, teatro e audiovisual. Fundador do projeto DUDA - Centro de Cultura, Cidadania e Economia Criativa LGBTI+ da Amazônia. Pós-graduando da Escola Itaú Cultural (EIC) em Gestão Cultural Contemporânea. Autor do livro "Amznia On Stage: Palco da Música LGBTQIAPN+ de Manaus". Pesquisador em Economia Criativa LGBTQIAPN+ e mapeador das Indústrias Criativas e atual coordenador do IBRAT Amazonas. Instagram: @ravimusicon

# Ravi Carvalho Veiga

ISSN 2764-8133

p. 216

# ECONOMIA CRIATIVA LGBTQIAPN+ E TRANSMASCULINIDADES NO ESTADO DO AMAZONAS

Ravi Carvalho Veiga

## Resumo

A pesquisa realizada para elaborar este artigo, teve origem no artigo sobre “Economia Criativa LGBTQIAPN+ e Políticas Culturais para o Estado do Amazonas”, o qual foi selecionado para ser apresentado no XII Seminário Internacional de Políticas Culturais na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, em outubro de 2023, com a realização do Ministério da Cultura e Unesco. Outra pesquisa também foi realizada para destacar a vivência de três artistas transmasculinos que moram na cidade de Manaus - AM. O objetivo geral foi pesquisar sobre os profissionais criativos LGBTQIAPN+ na cidade de Manaus – AM, construir o mapeamento da Indústria Criativa LGBTQIAPN+ e destacar três artistas transmasculinos no Estado do Amazonas. Como metodologia, definiu-se as exploratória, descritiva e bibliográfica. Como procedimento metodológico utilizou-se formulário eletrônico via *Google Forms* para facilitar a coleta de dados. A análise foi realizada a partir da classificação da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas Sobre o Comércio e Desenvolvimento).

## Palavras-chave

Indústria Criativa, LGBTQIAPN+, Economia Criativa, Amazonas, Transmasculinidades.

## INTRODUÇÃO

A cidade de Manaus possui uma diversidade nos mais amplos cenários. É possível observar que, ao longo dos anos, tem crescido o número de pessoas, projetos, serviços LGBTQIAPN+ no setor cultural no Estado do Amazonas, especialmente na cidade de Manaus, ou seja, aos poucos vem crescendo a Indústria Criativa LGBTQIAPN+.

O objetivo geral da pesquisa sobre Economia Criativa LGBTQIAPN+ é mapear os profissionais criativos na Cidade de Manaus-AM, para implementar políticas culturais para o segmento, utilizando a classificação da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento), a partir da sua profissão criativa, Identidade de Gênero e Orientação Sexual. Os objetivos específicos são mapear a Indústria Criativa LGBTQIAPN+, mapear projetos de dança, música, teatro, festivais, audiovisuais, filmes, TV, rádio, conteúdo digital, serviços criativos, culturais, Design gráfico, Design Industrial, de moda, livros, revistas, fotografia, exposições, entre outros. Contribuir para o processo cultural da comunidade, população manauara, amazonense, combater a LGBTfobia, Transfobia, Racismo e destacar três artistas transmasculinos que moram na cidade de Manaus-AM.



O Amazonas está entre os 10 Estados que mais assassinaram pessoas trans em 2022, tendo o total de 31 homicídios, segundo a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), associação fundada em 1992, no Rio de Janeiro. Em meio a falta de políticas públicas voltadas à segurança, saúde, educação, cultura e empregabilidade, realizar este mapeamento com foco em profissionais criativos LGBTQIAPN+, desenvolvendo a Economia Criativa, destacando três artistas e profissionais transmasculinos é dar mais um passo para a história da população LGBTQIAPN+ no Estado do Amazonas. Sem estatísticas, dados, não podemos comprovar nossa existência perante o governo, a prefeitura, assim como emplacar políticas públicas e culturais para o segmento.

**“Não quero ser artista intocável, pelo contrário, eu vim tocar o inexplicável, ser tão humano a ponto de mostrar que todo humano pode fazer arte e arte é indispensável”.**

Jupi77ter, 2022

## ECONOMIA CRIATIVA LGBTQIAPN+ NO ESTADO DO AMAZONAS

A Economia Criativa LGBTQIAPN+ no Estado do Amazonas é a economia liderada por profissionais criativos como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias, a qual segue o processo da Indústria Criativa segundo a classificação da UNCTAD 2010 (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento), assim, respeitando os pilares da Economia Criativa, e, iniciando com o processo criativo, produção e distribuição do seu projeto, arte, bens e serviços.

Alguns setores e profissionais criativos, nunca imaginaram que suas ideias, serviços, projetos, fizessem parte da indústria criativa. Outros não assumem ou não falam sobre sua orientação sexual, identidade de gênero, o que interfere na realização de um mapeamento mais preciso de profissionais criativos LGBTQIAPN+. “Economia Criativa”, “Indústria Criativa”, são termos que poucas pessoas conhecem seu significado, sua história. Por isso, há a importância de assumir sua Identidade de Gênero e Orientação Sexual, para se ter caminhos para estatísticas, mapeamento, números, para além de tudo, combater a LGBTfobia, TRANSfobia, racismo e desenvolver a inclusão social.

Há quem diga que a Economia Criativa LGBTQIAPN+ começou por esses anos no Amazonas. Mas, na verdade, ela existe registrada por uma história que iniciou na década de 60. A Boate TS, Turbo Seven, TS Club, Club TS ou simplesmente Boate dos Ingleses, foi a primeira e mais antiga boate gay da cidade de Manaus-AM, localizada no Centro Histórico, na zona portuária, a boate ficava na área do Museu do Porto e da Praça Dom Pedro II, marco zero da cidade. Segundo o empreendedor, sócio-proprietário Zeca Couto, seu pai Nuno Coutinho, resolveu investir em uma boate aqui em Manaus com a mesma estrutura das boates da Espanha. Aos poucos, as pessoas GLS (sigla que identificava gays, lésbicas e simpatizantes nos anos 80), passaram a procurar a boate para ser um local de entretenimento. A alta sociedade frequentou a TS CLUB durante anos. A programação da Boate TS era formada por apresentações de DJ's e shows performáticos de Drag Queens. Quem apresentava os shows era a Andréa Brazil. Além disso, existiram em Manaus-AM nas décadas de 80, 90 e 2000, diversas outras boates em que o público GLS frequentou, como a boate Zolt, Enigma e Zoom.

Em 2000, surgiu a boate A2. Ela era moderna com ponte metálica, estilo boate gay friendly de São Paulo. Os DJ's residentes eram Heliton Saraiva e Pássaro, outros DJ's de fora também se apresentaram, seguidos de shows de Drag Queens e mais música após as apresentações.



O promotor da casa era o Dorley Silva, conhecido na cena GLS (Gay, Lésbicas e Simpatizantes), sigla falada na época, e a apresentadora dos shows era Andréa Brazil, que até hoje, em 2023, é apresentadora de diversos eventos LGBTQIAPN+ na cidade. Assim como a boate TS, Club A2 também realizava concursos de Drag Queens. Creio que tenham sido os anos mais bafônicos da cena GLS em Manaus-AM. Muitas Drag Queens se apresentaram tanto no TS Club, quanto no Club A2.

Em 2006, Jéssica Theissy, ganhou o concurso Transforgay da boate TS. No mesmo ano, no evento de novos talentos do Planeta A2, foi condecorada na noite Hollywood como drag revelação e assim seguiu com o título por 2 anos. Em 2008, foi escolhida pelo público como a melhor Drag Queen de Manaus. E em 2009, ganhou o Manaus Drag Show, e em São Paulo, na boate Blue Space, ficou em 2º lugar, no Brazilian Drag Show.

Analisando a cena GLS na época, sendo LGBTQIAPN+ atualmente, podemos ver que o segmento moda, artes cênicas e a música são as que mais se destacam. A moda que marca a idealização e produção dos estilos das roupas que as Drags se apresentavam, seguido das artes cênicas como teatro e dança ao construir uma performance, e a música tanto da apresentação, quanto das boates, pois tudo era e continua sendo a música, o principal e maior fator do entretenimento.

Conforme a classificação da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento), a moda estaria no quarto eixo, seguido das artes cênicas, no segundo eixo.

Em 2017, com o surgimento do projeto e festival de Artes Integradas LGBTQIAPN+ “Miga Sua Lôca” na cidade de Manaus-Am, o mapeamento informal começou a ser realizado, conseguindo identificar uma nova geração de artistas dos mais diversos setores, assim como identificar os mais antigos. Hoje, em 2023, o projeto chama-se DUDA - Centro de Cultura, Cidadania e Economia Criativa LGBTQIAPN+ da Amazônia.

No processo de pesquisa sobre Economia Criativa e Profissionais Criativos LGBTQIAPN+ no Estado do Amazonas, identificou-se Bosco Fonseca, estilista de moda desde a década de 70, o qual lançou no dia 16 de dezembro de 2022 a obra literária “Um Bar Chamado Patrícia”, bar este que funcionava na avenida Constantino Nery, bairro Chapada, no período da ditadura militar e que foi local do início do Movimento Gay em Manaus.

Bosco Fonseca conheceu o decorador famoso na cena manauara Roberto Carreira no Bar Patrícia, quando o mesmo o chamou para fazer parte do primeiro baile gay de Manaus chamado “Noite dos Andrógenos”, em 1973. A sociedade marcou presença e coroou Bosco, de apelido “Arroz”, como a Primeira Rainha Gay de Manaus.

Por que não falar sobre a possibilidade também de nascimento e/ou desenvolvimento de uma nova forma de se ganhar dinheiro em Manaus? O estilista cria roupas que possam atender às necessidades específicas dos clientes e às tendências da moda. Pode gerenciar projetos de moda, procurar tecidos e acessórios, para as coleções e desenhar roupas, assim nascendo de maneira criativa, uma forma de geração de renda.

Segundo Bosco Fonseca, O Miss Amazonas Gay, Miss Brasil Gay, Dez Mais Elegantes e Miss Caipira Gay foram realizados no Bar Patrícia, que mais tarde transformou-se em uma boate, realizando shows de transformistas, como a “La Miranda”, residente da boate Cabaré Casanova.

A obra literária “Um Bar Chamado Patrícia” está à venda pelo número do WhatsApp que está no Instagram de Bosco Fonseca.

Em 2010, nasceu o Casarão de Ideias. Um novo ponto e associação cultural sem fins lucrativos na cidade de Manaus-AM. Idealizado e gerido por João Fernandes, homem gay, gestor e produtor cultural, tem como objetivo a preservação do patrimônio histórico e artístico. Desenvolve diversas atividades culturais, como exposições fotográficas, debates, cinema, oficinas, espetáculos de dança e teatro.



Agrega em seus projetos, ações sociais, culturais, empreendedoras e de inovação. Hoje, em 2023, com seus 13 anos de existência, o Casarão de Ideias é marcado pelos eventos “ Te Encontro na Barroso”, “Lugares que o dia não me deixa ver”, ação em que se ilumina prédios no Centro Histórico de Manaus, e o mais recente Festival Literário do Centro (FLIC).

Em meados de 2011, foi inaugurado o “Atelier da Angel”, da designer industrial e mulher lésbica, Angélica Moraes. A empresa fica localizada na zona norte de Manaus. Cria, produz mobiliários exclusivos, móveis planejados e é especialista em Design Industrial. No Atelier são planejados móveis das mais variadas formas, utilizando madeira, MDF, ferro, transformando móveis, peças de ferro, peças de madeira descartados, em um novo móvel, mais atraente e sustentável. Pode-se dizer que em Manaus a área da marcenaria criativa, móveis planejados e Design Industrial, está sendo liderada por mulheres lésbicas e bissexuais.

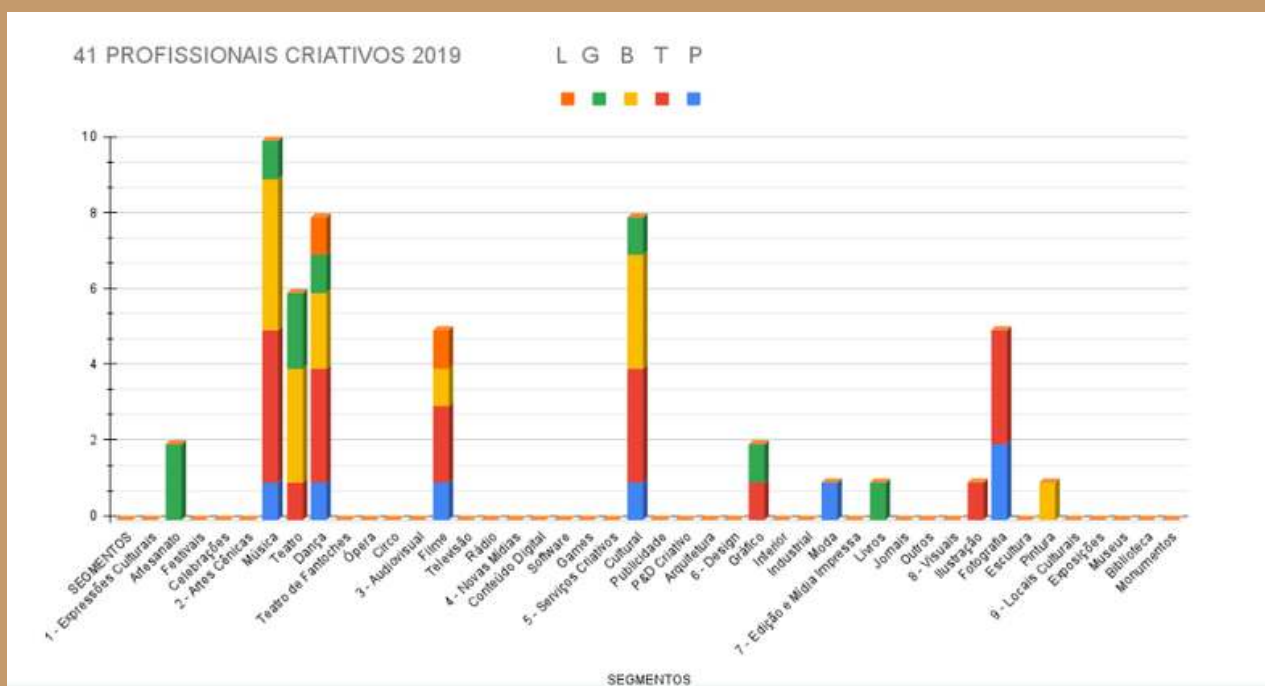
Em 2013, nasceu a ideia da empreendedora Fabiane Azevedo, “A Marcenaria Sustentável”, a qual transforma paletes em móveis funcionais e sustentáveis. A empresa funciona com uma gestão focada em Lixo Zero, não utilizando embalagens plásticas e resíduos de madeira são encaminhados para novos processos produtivos. Já chegaram no +100 toneladas de madeira reciclada, utilizam o bazar circular, plataforma para doação e/ou revenda dos seus itens de segunda mão, desenvolvem produtos circulares e utilizam energia solar em suas operações.

A Instituição Cultural Arte Sem Fronteiras, a qual tem como fundador o bailarino, coreógrafo e homem gay, Wilson Júnior, nasceu em 2008, com aulas sendo ministradas nos mais diversos locais na cidade de Manaus-AM. Com o tempo, Arte Sem Fronteiras foi conquistando seu espaço no mundo da dança, fazendo parte de vários eventos como Brazil Toronto Fest, no Canadá, Festival de Dança de Joinville, Festival Amazonas de Dança e XI Festival Cultural do Brasil. Arte Sem Fronteiras faz parte da Economia Criativa do Terceiro Setor, transformando vidas de adolescentes, jovens e adultos por meio da dança e da inclusão social. O Terceiro Setor é representado por associações, fundações, ONGs e pessoas jurídicas com finalidades de prestação de serviço.

Conforme a classificação da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento), foram formatados três gráficos da Indústria Criativa LGBTQIAPN+ do Amazonas com os dados coletados na pesquisa com formulário eletrônico via Google Forms e pesquisa de campo, entre os anos de 2019, 2020 e 2023.

O primeiro gráfico foi construído baseado nos dados coletados em 2019, por números de profissionais criativos distribuídos por segmento, área Criativa, orientação sexual e identidade de gênero.

Figura 1: Gráfico - 41 de Profissionais Criativos LGBTQIAPN+ em 2019



Fonte: Elaborado pelo autor Ravi Carvalho Veiga, 2023.

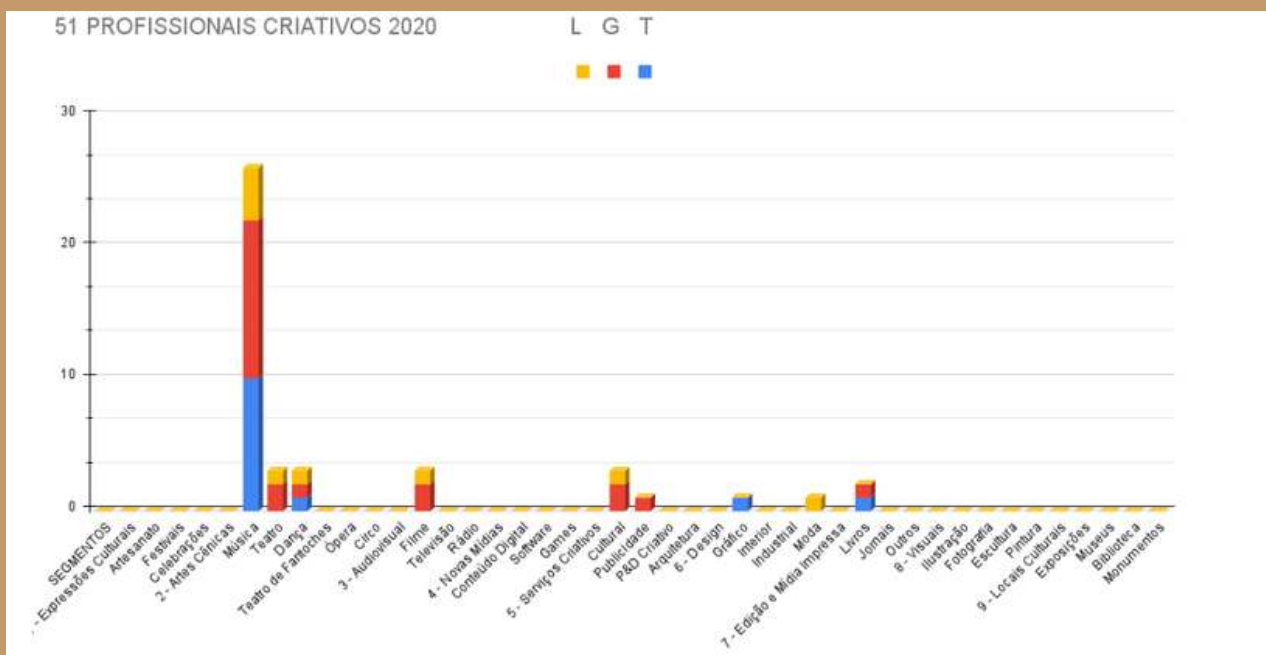
Em 2019 foram mapeados 41 Profissionais Criativos LGBTQIAPN+ em Manaus-AM. Entre eles, DJ's, compositores, produtores musicais, cantores, designers de moda, fotógrafos, ilustradores, designers gráficos, produtores culturais, atores e atrizes, bailarinos e vogueur's. Todos incluídos nos segmentos da classificação da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento), localizados na parte inferior do gráfico. De acordo com a orientação sexual e identidade de gênero, que estão localizados no sentido inferior para superior, através das cores nos cubos que o gráfico determinou. Quanto maior o cubo, maior o número de profissionais.



Em 2019 foram mapeados 41 Profissionais Criativos LGBTQIAPN+ em Manaus-AM. Entre eles, DJ's, compositores, produtores musicais, cantores, designers de moda, fotógrafos, ilustradores, designers gráficos, produtores culturais, atores e atrizes, bailarinos e vogueur's. Todos incluídos nos segmentos da classificação da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento), localizados na parte inferior do gráfico. De acordo com a orientação sexual e identidade de gênero, que estão localizados no sentido inferior para superior, através das cores nos cubos que o gráfico determinou. Quanto maior o cubo, maior o número de profissionais.

O segundo gráfico está baseado no ano de 2020. A pesquisa iniciou-se em Janeiro e se desenvolveu ao longo da pandemia COVID-19. Foram mapeados 51 Profissionais Criativos LGBTQIAPN+ em Manaus-Am. Analisando o segmento de Artes Cênicas como a música, houve uma crescente notável entre mulheres lésbicas, homens gays e pessoas trans.

Figura 2: Gráfico - 51 Profissionais Criativos LGBTQIAPN+ em 2020



Fonte: Elaborado pelo autor Ravi Carvalho Veiga, 2023.

O terceiro gráfico está baseado no mapeamento de 93 profissionais criativos LGBTQIAPN+, o qual foi realizado entre os meses de janeiro, fevereiro e março de 2023, por questionário eletrônico via Google Forms e pesquisa de campo presencial na cidade de Manaus-AM. Neste terceiro gráfico, nota-se um número expressivo em comparação aos anos de 2019 e 2020. Praticamente os números cresceram em quase 40% em 2023. Somando os profissionais criativos LGBTQIAPN+ mapeados entre os anos de 2019, 2020 e 2023, temos o total de 185 profissionais no Estado do Amazonas.





O projeto, ao longo dos anos, ocupou e continua ocupando diversos locais, como Teatros, Casa de Artes e Cultura, ruas no Centro Histórico de Manaus, faculdades e universidades. Gerou e gera rendas diretas para profissionais criativos LGBTQIAPN+ na cidade de Manaus-AM. Hoje, em 2023, o projeto passou a se chamar DUDA - Centro de Cultura, Cidadania e Economia Criativa LGBTQI+ da Amazônia.

## A ARTE E AS TRANSMASCULINIDADES NO ESTADO DO AMAZONAS

Investir em pesquisas de campo com metodologia exploratória, descritiva e bibliográfica, é o início da trajetória para emplacar políticas públicas e culturais para determinado grupo, comunidade, população.

Sabemos que a população LGBTQIAPN+ sofre três vezes mais vulnerabilidades por conta da sua sexualidade e identidade de gênero.

Pessoas transmasculinas permanecem invisíveis social e culturalmente. A nossa invisibilidade está ligada diretamente à construção de uma masculinidade hegemônica cisheteronormativa, que insiste no determinismo biológico das corporalidades e que legitima somente uma identidade/corporalidade a partir da lógica binária, branca, cisgênera e heterossexual.

Seguindo pelos resultados do mapeamento, compreendemos que as práticas e experiências de etnia/raça/cor vivenciam a total invisibilização, silenciamento e não-acesso. Recebemos respostas padronizadas e outras de autoria discursiva inferindo sobre a autoidentificação de etnia/raça/cor. Foi observado que a grande maioria que respondeu é branca (59,2%), subsequentemente parda (23,2%), preta (13,6%), indígena (1,9%) e amarela (1%). (Relatório “A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: das invisibilidades às demandas”, 2021).

**Ravi Carvalho Veiga**, de nome artístico Ravi Music On a.ka. Batucazônia, manauara, indígena em retomada, perdeu suas referências étnicas e de sua história, buscando hoje o resgate do que lhe foi tirado. Gestor, produtor cultural no segmento LGBTQIAPN+ e de música eletrônica, há mais de 10 anos na cidade de Manaus-AM, é DJ, criador e produtor de música eletrônica para espetáculos, performances de dança, teatro e audiovisual. Pesquisador da economia criativa, economia criativa LGBTQIAPN+ e mapeador da Indústria Criativa, é fundador do antigo projeto Miga Sua Lôca, que hoje chama-se Duda - Centro de Cultura, Cidadania e Economia Criativa LGBTI+ da Amazônia. Pós-graduando da Escola Itaú Cultural (EIC), em Gestão Cultural Contemporânea, transita entre a música e seu corpo-território. Escrevivências. Seu artigo sobre “Economia Criativa LGBTQIAPN+ e Políticas Culturais para o Estado do Amazonas” foi selecionado para ser apresentado e publicado no XII Seminário Internacional de Políticas Culturais, uma realização do Ministério da Cultura e Unesco.

Único artigo falando sobre Economia Criativa e políticas culturais voltadas à população LGBTQIAPN+ no Brasil. Ganhador do prêmio Latinidades Pretas (2021) com o “Batucazônia”, que significa batuque vindo da Amazônia, e é um projeto musical que mistura música eletrônica experimental com sons da Amazônia, Floresta Amazônica, batuques nagô, capoeira, orixás.

Apoiador do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, localizado no marco zero da Cidade de Manaus-AM, Centro Histórico, também faz parte do Coletivo de Indígenas LGBTQIA+ do Amazonas.

Na pandemia de Covid-19, escreveu o livro “Amznia On Stage: Palco da Música LGBTQIAPN+ de Manaus”, relatando sobre 30 artistas da música na cidade de Manaus-AM, como DJ’s, compositores, cantores e produtores de música eletrônica.

Ravi é capricorniano. Sua transição iniciou antes do seu nascimento, alinhando-se ao longo dos anos no não-binarismo. Foi numa jogada de búzios e tarô, em 2022, após o falecimento de sua mãe de santo, a lalorixá Mãe Nonata, que a espiritualidade convocou-lhe a sair do armário de vez. E assim, veio Ravi, que significa “O Sol”, o “Deus do Sol”, pessoa transmasculina, pansexual.



Criador do primeiro guia de bolso de música eletrônica de Manaus, foi o primeiro DJ a tocar na primeira Ball no Estado do Amazonas, junto da Mother Simas Zion, pioneira e líder do Ballroom MAO, coletivo responsável pelas ações Ballroom Manaus.

**Dayo Nascimento**, multi-artista, arte-educador, transmasculino. Idealizador do projeto TransEManus, que narra as vivências das transgeneridades e as relações ambientais com a cidade de Manaus-AM. Desenvolve trabalhos de múltiplas linguagens, como audiovisual e fotografia. Desenvolveu o projeto TRANS.IMAGENS, que documentou artistas trans, com a aceleração do Impacto TODXS e Dos Brasis-PEMBA. No momento, Dayo está representando o Estado do Amazonas nas gravações do documentário “Pajubá” sobre pessoas trans no Brasil, com direção de de Gautier Lee, de autoria e roteiro de Hela Santana.

**Bernardo Zahid**, orgulho e referência para todes nós, comunidade e artistas trans. Foi o primeiro homem trans a retificar a certidão de nascimento pela Defensoria Pública do Estado do Amazonas e ter direito a carteira de nome social pela SSP-AM. Além de Designer gráfico, Bernardo é produtor formado pelo Conservatório de Música Souza Lima/CD áudio - SP, diretor de arte e compositor. Ama viajar por vários estilos musicais nacionais e internacionais, mas sua paixão mesmo é pelo “folk”. Seu primeiro single, “Prisioneiro de mim”, foi lançado em 2021.

Nas suas músicas aborda temas baseados em sua vivência pessoal, como bullying, identidade de gênero, saúde mental e autoaceitação. Bernardo Zahid é expert em fazer covers de grandes sucessos do rock pop internacional e nacional, como Bon Jovi, The Cranberries, Roxette, Guns n' Roses, Legião Urbana, Capital Inicial, Barão Vermelho, entre outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Economia Criativa LGBTQIAPN+ no Estado do Amazonas existe, com profissionais criativos com mais de quarenta anos de experiência, empresas do setor criativo com mais de dez anos de existência. Analisando a classificação da UNCTAD para as indústrias criativas e colocando toda a pesquisa em cada campo, vê-se que existe uma diversidade de profissionais criativos nos segmentos da Indústria Criativa amazonense, o qual é propício para implementar políticas culturais para a população LGBTQIAPN+.

Não esquecendo que a Economia Criativa LGBTQIAPN+ está em desenvolvimento, o mapeamento irá continuar ao longo dos anos para se ter estatísticas crescentes da nossa existência, da ocupação de nossos corpos em diversos locais da cidade de Manaus-AM, atuação e profissionalismo no mundo criativo, assim fortalecendo nossa população, tão violentada, assassinada por conta da identidade de gênero e sexualidade, criando um banco de dados para implementar políticas públicas e culturais.

Sendo um Estado totalmente violento, com políticos aprovando projetos de lei inconstitucionais contra nossos corpos trans, somos força e orgulho de sermos artistas transmasculinos no Amazonas. Nossa história está escrita, e ninguém poderá apagar essa construção.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

PFEIL, Bruno; LEMOS, Kaio, org). A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: das invisibilidades às demandas. Rio de Janeiro: Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos; Revista Estudos Transviades, 2021.

UNCTAD. Relatório de economia criativa-2010. 2010.



# Juão Augusto Rodríguez Kyntynu

joao.rodriguez23@hotmail.com

Mbaraká Miri, bioma Nhe;ery. Geração Z. ancestralidade apicultora de migrantes Tupy-Guarany, e de tecidos imigrantes de Galícia, tenta práxis de cidadão brasileiro das leis 10.639/2003, 11.645/2008, e Convenção 169 OIT. Racializado branco em Pyndorama, é ladine-amefricana em Abya Yala, transfeminista, Tybyra, pan-demissexual e de classe média da zona sul dos territórios paulistanos. Awêre, caminhando como afrobudingena, pertence pelas ecologias de manifestações cristãs sincréticas, Nhandewa, gwyrá e além. Atravessade com o rap em Pyratynynga, com 10 anos nos movimentos de rua, é graduada em jornalismo. Embaixadore na ONG TODXS em 22, com projetos de memórias desracializadas e coletivas com, das e para as populações LGBTQIAPNB+, Tybyra e além. Está discente regular no mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA-USP), orientande da Profa. Dra. Cláudia Lago e do Grupo de Pesquisa Alteridades, Subjetividades, Estudos de Gêneros e Performances nas Comunicações e Artes (AlterGen). Em meio à crises e emergências climática, tenta dissertar, aprender, interseccionar, e ensinar com tecnologias, gêneros e estudos latino-americanos, ladyno-amefricanos e afro-pindorâmicos. Documenta com pedagogias reflorestais no insta (@juaor.kyn) e youtube (juão r k), é apaixonada pelo rap e pelas linguagens e línguas plurais da cultura Hip Hop, e acredita nas demarcações reeducadoras pelas políticas públicas afirmativas transversais e interseccionais.



Juão agosto  
Rodríguez Kyntynu

ISSN 2764-8133

p. 238

# Nóyz: ORÍgynarys Akylobano Rap para ReflorestAR o Jeito de Amar

juão augusto Rodriguez Kyntynu [1]

## **Resumo**

Tecemo raps transmetodológicos onde escutamo com us corpus que a Terra está rimando, nos dizem que não temos mais tempo, é tudo pra onSy.

## **Palavras-chave**

rap; reflorestar; quilombismos; artes; consciências



## 1.1 INTRODUÇÕES

"Com meu velho jeans sagrado, Napalm metralhadora/ Eu vi os índio derrubando Harry Potter da vassoura/ Os aluno nota 7 é o terrorzin da professora/ Buarque em construção, nóyz que somo a construtora" (ATENTADO NAPALM, 2017). Assim termina as linhas do Mestre de Cerimônia Xamã, cantando no vale do Anhangabaú, centro da cidade de são paulo (Pyratynynga).

De-mente, com anticapacitismo como grafismo espiritual, lembramos de Deus Lhe Pague, de Chico Buarque: "por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir/ Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir/ E pelo grito demente que nos ajuda a fugir/ Deus lhe pague" (CINEGRAR, 2009).

Você é daqui? Estrangeiro dentro e parte de sua Terra?  
Sempre existimos.

Da rima de Xamã, o rapper retoma as perguntas do começo da música Cypher Effect parte 2: "Nós não lemos e escrevemos poesia porque é bonito/ Nós lemos e escrevemos poesia porque pertencemos a raça humana/ Que a poderosa peça continue/ Você pode escrever um verso/ Qual seria o seu verso?" (ATENTADO NAPALM, 2017). Essa é uma das perguntas que nos questionam a mover o presente artigo-ensaio que compõe algumas reflexões de pesquisa com o rap indígena paulistano, e além. Qual seriam os versos dos Donos da Mata se os saberes, as histórias, supostamente "ficou pra trás" (DJ CAIQUE, 2015)?



Giramos por Sankofa (SILVA, 2021, p. 52; THAMANI, 2020, p. 140). Se tivesse de partir de algum lugar, partiu de Kindala (agora, presente, em bantu): "Que amanhã não seja só um ontem com um novo nome", onde desfilaram a deputada estadual Leci Brandão e a rapper Karol Conká, de Zé do Carçoço ao Urucum (KAROLCONKA, 2023; KAROL CONKÁ, 2022) lembro, feito AmarElo (EMICIDA, 2019). Como ecoou no Anyemby ((Anhembi, rio das ave anhamby): "O Amor está em cada um de nóyz, vamos juntos semear a paz" (GLOBOPLAY, 2023).



Figura 1 - Print do desfile da Rosas de Ouro, mostra 3 personalidades reconhecidas pela autora, das 4 pintadas pelo artista Tiozão: Elza Soares, Lélia Gonzalez e Abdias Nascimento. Fonte: (GLOBOPLAY, 2023)





Figura 2 - Prynt do desfile da Rosas de Ouro, exaltando o carro com o título "Vocês existem e são valiosos pra nós", parafraseando o discurso de posse do Ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida. Fonte: (GLOBOPLAY, 2023)

## 1.2 ORÍGINARYS

Ouvindo Xamã no Anhangá-bau (rio-cabeça de Anhangá, encantaria de encruzilhadas), esse foi um dos primeiro rap que me evidenciou a retomada afro-indígena no rap. Nesses territórios do rap, reina o cocar e o turbante em desracialização (APIBOFICIAL, 2023a), e para além deles, os maracás que variam em mais de 800 etnias só em Abya Yala (CINECAMPUSUNESP, 2023).



Nessas encruzilhadas, lembramos da necessária pontuação das especificidades que nos coletivam além do racismo de negros da Terra, lembramos do que fala Tamikuã Txihi junto ao Feminismo Comunitário, que a terra tem várias camadas de cor, inclusive a branca (MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS, 2023a). Assim, longe da mineração, transplantamos pedras reflexivas (AMBRA, 2021) a partir de encruzilhadas com lugares de fala e interseccionalidades no 7º Fazendo e Desfazendo Gênero na ECA de 2023. Nas transmetodologia de reflorestar o jeito de amar com plantas mestras (DIVERSIDADE NA ECA, 2023), retomamos "MemÓria", por nós, apresentado por Manuela Thamani (THAMANI, 2020, p. 77-8), enquanto uma das bases da radicalização não-bynária dos afetos educacionais racionais, tecnologia afrodiaspórica.

Reimaginamos o nós, o nóiz e o nóyz, daí, onde reterritorializamos bios e diversidade para Aquilombar o Grande Aldeamento (NASCIMENTO, 2019; APIBOFICIAL, 2021).

A partir das transmetodologias de Kaê Guajajara, de "Reflorestar o Jeito de Amar" (AZURUHU, 2023d), Nos interessa pensar coexistências, confluências e pertencimentos cosmoperceptivos, com essas confluências do rap ancestral, como música popular originária (OLIVEIRA, 2023), afro-brasileire(y), ancestral, indígena futurysta (KATU MIRIM, 2021b).

**Figura 3 - Mestre do Saber Tamikuã Txihi Pataxó, na Escola Panapaná, Pinacoteca Pyratynynga, diz "Não Ao Marco Temporal" com a Pantera-Onça diante da Bandeira Wiphala da União de Povos Indígena e Mulheres Bioma**





Nós, incorporadas pelas mulheres indígenas, pelas dissidências de gêneros, pelas ageneridades, transvestigeneridades, corpys Tybyra (NYN, 2021) e suas transmutações (AZURUHU, 2023e) trancestrays, somos parte da base da Terra para interseccionarmos sexualidades e ORÍentações sexuais não-binárias, sem bifobia, mas, sobretudo, sem pan-transfobia.

Assim, questionamos racializações, pertencemos e nos autodeclaramos pelas Rayzes Tybyra, retomamos ancestralidades étnicas não-etnocêntricas e não-bináry com responsabilidade, buscamos compor territórios críticos dentro do sudeste, para além de sua hegemonia homogeneizadora da branquitude narcísica com os cultivos transmetodológicos afrocêntricos e diáspóricos de mulheres negras, pretas e indígenas, porque cultivarmos tecnologias com demais seres e entidades que nos atravessam além das monocultura de reino, filo, classe, ordem, família, gênero e espécie. Lembramos a transversalidade de Sueli Carneiro, "entre esquerda e direita, continuo preta", sem perder a luta, o antirracismo das mulheres empurra a esquerda pra revolução epistemológica das consciências (PENSAR AFRICANAMENTE, 2022).





Figura 4 - Prynt da capa do EP "Nós", da rapper indígena futurista Katu Mirim, pryntada pela abertura "Aguyjevete". Fonte: (KATU MIRIM, 2020)



Figura 5 - Prynnt do carro Kindala no desfile da Rosas de Ouro, destaca retrato de Pelé com a frase "Acreditar", acompanhado dos retratos de Mc Dricka e Conceição Evaristo. Fonte: (GLOBOPLAY, 2023)

Na contemporaneidade, apresentam sua expressão de contra-cultura anti-racista, além, como expressão cultural e científica própria de Aldeya e Kylombo afro-brasileiro (NASCIMENTO, 2019), como o olhar anti-epistemicida (CANAL GNT, 2022b) para quilombismos originários em Abya Yala e Pyndorama-Brasil (CARVAJAL, 2020; CARVAJAL, 2023; TV TAMUYA, 2023b).

Ressignificando direitos indígenas como políticas públicas de autodeclaração em coleções de luta (TV TAMUYA, 2023a), mobilizamos territórios de reconstrução, transformação e retomada de modos de vida sintonizados com a Terra, de ORÍ (GERBER; NASCIMENTO, 1989), tecendo biomas que rompem as correntes e prisões mentais que acham justo que lutemos "por um centímetro de Terra" (AZURUHU, 2022b), para além das bandeiras.



Figura 6 - Prynt da releitura da bandeira brasileira confeccionada e postada por Ribs à Oxóssi e Pyndorama no insta. A arte de Matheus Ribs relembra também o sambanredo da Mangueira em 2019, à Conceição Evaristo, "História para ninar gente grande", para contar as histórias que a história única não conta além dos olhos d'água. Fonte: (RIBS, 2022).



### 1.3 Akylombanu

É importante, também, fazermos adendos das limitações da sujeita-corpa-agente-coletivv que vos escreve e que naturalmente aceita as finitudes e atravessamentos das vidas e passagens na Terra. Minha racialização como corpo individual, branco, e generificado como cis da periferia Jabaquara. Não nasci na favela nem na aldeia, apesar de despertencer e me restringir de diversos privilégios, vivências e eivas de corpus no cercamento da cidade que invadiu a Floresta. Busco ecoar do Sul das árvores da costa, das andanças cordilheiras e pacíficas ao pantanal meso-atlântico que pertenço também nas aulas com parentys Potyguara, Guajajara, Boe-Bororo, Guarany-Mbyá, Nhandewa, Mapuche, Pataxó e Tupinambá que atravessam mais de nossos 6 biomas nacionais. Essa conexão Tupy busca cicatrizar dores da invasão monocultural na costa, e também, nos interiores (ANARANDÀ GUARANI kaiowa, 2023). Entretanto, pontuamos a urgência e a emergência de respeitar os passos de quem veio antes, com diversos troncos, de muito longe, e porque queremos políticas públicas para as nossas e nossos em qualquer contexto, contra a escravização moderna (TUPAN, 2023).

Pedimos licença para tecer algumas das reflexões, no lugar onde a sociedade rotula meu corpo como branco hétero e cis-racializado, tenho-temos tentado aprender a se (e nos) enegrecer, laranja sem ser dono (WESCRITOR, 2019; DJ CAIQUE, 2015; WESCRITOR, 2022c), pintar de urucum, indigenizar, pertencer, lesbificar, demissexualizar, pan-demi e trans-não-binarizar vivências e atravessamentos com as Escolas Vivas (SELVAGEM, 2022a) que são parte do movimento de memória do Hip Hop como aquilombamento urbano e suas vocalização da memória (FURTADO; CORREA, 2018) também pelo rap ancestral.



Figura 7 - Prynt do carro "Kindala", no desfile da Rosas de Ouro, saúda o punho cerrado, os grafismos de rua, a igualdade, o respeito, a dignidade, os direitos, a consciência e a justiça. Fonte: (GLOBOPLAY, 2023)



A binariedade, nesse sentido, nos apresenta um não-lugar porque desterritorialização étnica-sexo-gêneros-desejos, que precisa ser retomado e reflorestada pra transformar-se a partir dos biomas que se intercomunicam (RAIZDOMATO, 2022d; GONZALEZ, 2020, p. 90-3), principalmente, presente nas multi-danças nos shows com as parentas, parentes, e parentys - "transcestralidade" na prátyca da abundância das lnygua e orallydade com *Mbaraká* e contra a *xawara* (YANOMAMI; ALBERT, 2023, p. 168-9;); o tal do Katymbó com e pra além do *Petyngua* (TV TAMUYA, 2023a).



Figura 8 - Foto de algumas das personalidades pintadas pelo artista Tiozão no desfile da Rosas de Ouro em 2023. Destacamos Carolina Maria de Jesus, Lewis Hamilton, Malcolm X, Nelson Mandela, Martin Luther King, Angela Davis, Usain Bolt, Luís Gama, Leci Brandão, Esperança Garcia, Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro. Fonte: MARTINS, 2023.



## 1.4 Futuro (Trans)Ancestral, Nóyz

"Eu não sei o que será de nós/ Eu só sei que estaremos lá/ Eu aprendo com o passado/ Sobrevivi, e não fico calado/ Então, dance, dance, dance/ Não fique parado" (KATU MIRIM, 2023).

O que é nóiz? "Futuro se faz com a história, e história como povo dentro" (THAMANI, 2020). Nessa perspectiva, são múltiplas as referências de futuro ancestral (KRENAK, 2022), Afrofuturismo (CANAL GNT, 2022b), Indígena Futurista (KATU MIRIM, 2021b), Brasil Futurista (CORUJA BC1, 2021). Mas e em desterro e diáspora? Ser expulsa (o,e,y,u) de casa? Mas e em Pindorama? Em Abya Yala? E com África? Trancestral? O que seria estar compartilhando essa miríade de territórios e biomas futuros dançáveis, possíveis, contemporâneos e impossíveis?

Ninguém vai nos parar. Tudo aquilo que já foi falado sobre nóiz, tudo vai mudar. Preparem-se, é hora de acordar. Esses livros tão velhos, sujos, nada a ver com nada. A gente tem tudo a ver com a Terra. Ela sobra, ela prospera. Ela não espera. Faremos o possível para mostrar para vocês que somos a Natureza pura, o mais simples. É o que interessa. Sempre foi assim. A humanidade burra se deixou levar, mas não entende, não entende. A gente tá aqui pra salvar, pra curar. A gente vai mostrar pra todos vocês, venham com a gente. Venham com a gente. Salve, Tupinambá de Olivença. Um salve a todos os meus parentes. Seremos felizes, livres, leves, soltos, a-gente (WESCRITOR, 2019).

Awêrê! Salve! Como nos lembra as previsões de parente Wescritor, o grito ancestral de uma nova era nos acalma, porque nóiz lembramos que futuro é estar presente com os ensinamentos do passado.



Sim, sabemos que "quem não quer dinheiro, é porque nunca viu a barriga roncar mais alto do que um 'eu te amo'" (EMICIDA, 2018). Mas, também, lembramos que num contexto do antropoceno é "ficção afirmar que se a economia não estiver funcionando plenamente nós morreremos. Nós poderíamos colocar todos os dirigentes do Banco Central em um cofre gigante e deixá-los vivendo lá, com a economia deles. Ninguém come dinheiro" (KRENAK, 2021, p. 12). Ancestralidade não se paga com moeda. E como fala Emicida em "Sonha Junto": "Sabe o que eu disse pros meu? Motivo do brinde tem que valer mais que o drink, nem todos entendeu" (EMICIDA, 2022). Então, como nos alimentar além do dinheiro? Para além de Lobo Guará, ou "botar a cara de Zumbi em cada nota de duzentos [...] é nóiz por nóiz, se não for assim não funciona" (EMICIDA, 2013).

A-gente, também, em Casa Amarela, com Ian Wapichana, Oposto e Pedro Badke, wescritor pontua:

Bem estar/ Que só a Terra abençoada faz do índio a raiz mais delicada, e ao mesmo tempo a mais difícil de arrancar/ Seis acha memo que tá bom a mordomia?/ O ano é da Natureza, indígena, a epidemia/ Vai mostrar que o mundo volta e o jogo vira/ Retomando o que é tão nosso/ Extinguindo a covardia/ Fiz essa sob os pedido lá de cima/ Outra hora nóiz acerta nossa conta/ Eu tô nessa pelas onça, não por nota que tem onça/ Segue o espírito da mata, liderando a força (WESCRITOR, 2020) pensamos no amor como portal espiritual (POTIGUARA, 2019; POTIGUARA, 2023).



Quando falamos de povos indígenas em Pyndorama-Brasil, precisamos lembrar as diversas especificidades relacionais que atravessam ladynydades, aldeyas, corpes, corpys, terrytóryos e além das binariedades chacha-warmi (CARVAJAL, 2020b, p. 199-204), pensamos transfeminismos comunitários como tecnologias da vereadora paulistana e intersexo, Carolina Iara, nos lembrou ao rememorar Marielle Franco e os transfeminismos como combate ao lesbocídio e bifobia: "Diversas, mas não dispersas" (ACAROLINA IARA, 2023).

Nesse sonho de coletividade, a realidade atravessa os mitos de democracia racial, e das ideologias do branqueamento, da meritocracia e da sustentabilidade diversity washing predatória do racismo ambiental, e nos encontramos nas complementariedades coloridas e coexistêntes entre bichos, bichas, faunas, floras, e as diversas formas de vida, luta, existência e passagem para além dos especismos e fenótipos, no cultivo da vida não narcísica para além das bandeiras. Essa vivência não é salvadora e não se identifica com privilégios da branquitude, porque pensa além da cumulação imagética salvacionista, cooperar com a Luta pela Mãe Terra, tenta evitar a 6ª extinção em massa além da autodestruição da espécie humana, e demais parentes e seres que convivem conosco nesse planeta.



Que resposta. How dare you? Faz sentido trabalhar pra um punhado de bilionários predam o planeta em nome da sociedade da mercadoria colono-capitalista, a mesma que têm acelerado a queda do céu, o retorno das epidemias e das xawara junto de capitães do mato patriarcais, antropocêntricas e capitalocêntricos? (YANOMAMI; ALBERT, 2023, p. 168-9).

Correlacionamos as transvestigeneridades com corpys Tybyra, nas não-binariidades transfeministas, transmasculinas, ancestrays e trancestrays. São medicinas epistêmicas curadoras e curandeiras, como a Terra e suas componentes enquanto equidade, portanto, transmutadora de agências nas declarações de uni e pluriversalidade das vidas. Dys Tupinambá, lembramos do "Tubarão", de Baiana System "Traga de Volta o Manto Tupinambá" (BAIANA SYSTEM, 2021), uma das pontes para pensarmos a apropriação dos sistemas tecnológicos da modernidade contemporânea - presente, também, no Museu das Culturas Indígenas (MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS, 2023b; SELVAGEM, 2023) - para compor sonhos junto da ancestralidade musical, mais uma conexão e cultivo com povos das diásporas e desterrados pelos tecidos-portais pelo ORÍ na copa das árvores: Terras de suas origens, o berço da humanidade em África (CANAL GNT, 2022b).



Empretecendo a não-binariedade de forma originária pela afrocentricidade, partimos da dança não como alie-nação, mas como um conjunto cerimonial de poder celebrar e RITUALizar a vida (BRISA FLOW, 2019; KRENAK, 2021, p. 108-14), inclusive, pelos que, e junto das, que não estão mais fisicamente presentes, mas sempre lembrando que "ancestral não morre", como grita uma das paredes do Escadão Marielle Franco, na Sumaré, em Pyratynynga. Sagrado e artístico não se dividem, porque espyRYTUAL é vida, mesmo quando só a morte parece nos cercar, delimitar, expulsar e vigiar. A parceria antirracista se torna escreviente e estilhaça a máscara do silêncio (THAMANI, 2020, p. 24; BIA FERREIRA, 2022f) pelo grave batendo também com o cultivo da língua nos territórios. Da linguística, como faz o parente Guarany Mbyá, Kunumi Mc, hoje Òwerá, destacamos também participação com Bia Ferreira na música "Festa e Fatura", no álbum "Ritual", da parenta Kariu-Kariri Souto Mc (SOUTO MC, 2019).

Raiando o Sol pela tempestade elétrica, Kunumi Mc, rebatizado junto de Criolo como Owerá (OWERÁ, 2021), "Trovão" em guarani, no álbum "Mbaraeté" (Resistência) nos emociona com a canção "Floresta Sagrada" (OWERÁ, 2022a) retomando o conceito de Tekoá Porã (A Bela Casa), aliando essa parceria com a amazônida Djuena Tikuna, compositora de um álbum intergeracional na língua ticuna: "TORÜ WIYAEGÜ", significa Nossos Cantos (DJUENA TIKUNA, 2022).



Djuena participou de um papo com Luana Genot, sobre retomada da identidade indígena, e emocionou nos convocando a assumir a autodeclaração étnica de forma responsável (CANAL GNT, 2021). Já Owerá, de Mbaraeté, transita dessa sensibilidade, apresentando em "Prontos pra Guerra", como não somos donos da Terra e da Mata (DJ CAIQUE, 2015), sendo parte dela, como espyrytos, somos a Terra (INDAIZ, 2020), guardiãs e guardiões, xondary kuery da aldeya "defendendo nossa Terra" (OWERÁ, 2022b), antes de reis, pajés, majés, cocar, como da fala da segunda deputada federal indígena a assumir a bancada do Cocar - Célia Xakriabá. Nesse som, assim nos encanta, coletivamente, a deputada:

Eu sou do canto da Terra/ Eu sou da Terra do canto/ Meu rap é ancestral/ Minha força é o reencanto/ [...] Nosso canto é flecha certa/ Nossa voz é à prova de bala/ Não cantamos só com a boca/ Nós cantamos é com a alma/ [...] Enquanto nega o território, projeta balas sobre nossos corpos, com o ataque estrutural/ Nós projetamos o canto de cura, a nossa imunidade espiritual/ [...] É necessário reacender a chama ancestral, pra aquecer o coração/ Porque não existe Floresta de pé, com sangue indígena no chão (OWERÁ, 2022b).

Longe das coroa de ouro, sem romantizar o barro, o giz e o jenipapo, nesse fazer epistemológico de encantaria Xakriabá (XAKRIABÁ, 2018), projetamos a posituação de um posicionamento antirracista nos grafismos, pelo contanto com o que as parenta Kaingang chama de "ga vi" a voz do barro (COMIN, 2022).



Essa chamada convida demais troncos para fortalecer a Luta. Como canta "Yasuke", de Emicida, o samurai que inspirou o enredo da Mocidade Alegre campeã do carnaval de 2023 em São Paulo: "As pessoas são como as palavras/ Só têm sentido se junto das outras/ Foi sonho, foi rima, hoje é fato pra palco/ Eu e você, juntos, somos nóiz/ E nóiz que ninguém desata (A rua é nóiz!)" (EMICIDA, 2017). Cria do Jardim Fontalis, conheci o rapper com a música "Triunfo", que me apresentou o conceito de "A Rua é Nóiz" como Ubuntu (MUNDODOSRAPPERS, 2012).



Figura 10 - Foto da descrição e entrada na exposição de Tiozão, em 2023. Em destaque, retrato de Marielle Franco, Frantz Fanon, Michael Jackson, Conceição Evaristo, Luíz Gama, Mc Kevin e Belchior. Fonte: Autory



Figura 9 - Foto do retrato de Emicida, pintado por Tiozão e exposto na Galeria Arte no Tuca, no Shopping Metrô Tucuruvy, em 2023. Fonte: Autory.

## 2. ReflorestAR: caminhando com parente, sem ouro

Caminhar. Guatá. "Levanta e Anda, vacilão, se não tu vai morrer na mesma" (MUNDODOSRAPPERS, 2012; EMICIDA, 2013), canta Emicida em "A Rua é Nós". Como Ubuntu (THAMANI, 2020, p. 28), povos-artistas, que nos reeducam em nosso cotidiano, com o cocar, o turbante e os mais diversos símbolos de resistência originária nas milhares de etnias indígenas da Terra.

É essencial a partir de uma relação de pedir licença, horizontalidade, permissão, humildade, gratidão e respeito aos nossos passos, povos, articulações, coalizões e nações, em guatá (caminhadas), que vieram de longe, pelo sangue e suor das nossas ancestrays (SILVA, 2021, p. 28-50). Essa originalidade ancestral tem sido uma descoberta não no sentido invasivo que nos doutrinaram bancariamente a pensar o conhecimento como mercadoria. Falamos de "nós-rio, nós montanha, nós Terra" (KRENAK, 2022, p. 14), nós como álbum (KATU MIRIM, 2020) pela harmonia com as religiões libertadoras, até em seus ateísmo, com responsabilidades a(e)fetivas com os territórios onde transitam e espiRITUALizam as tecnologias afrodiaspóricas:

"Eles também são nós/ Contra as mortes dos indígenas levante sua voz/ Se na sua veia corre sangue originário ou preto/ Se sofre com a opressão, racismo e desprezo/ Pela cor da pele ou sua classe social/ Lute se quiser mudança, anda! Hasta el final/ [...] juntas resiliência ancestral que nos guían con machete" (BIA FERREIRA, 2022a).





Figura 11 - Foto do retrato de Bia Ferreira, pintado por Tiozão e exposto na Galeria Arte no Tuca, no Shopping Metrô Tucuruvy, em 2023. Fonte: Autory.

Pela soberania de meu corpo-território, minhas regras pelas geopolíticas intersseccionais, Bia Ferreira nos convida a comunicar transmetodologias enquanto contra-golpe do paranauê, "RE-TO-MA-DA" (BIA FERREIRA, 2022c), citando algumas das passagens de Kaê Guajajara em seu "Interlúdio" no EP "Wiramiri" (AZURUHU, 2020a) e também na obra "Espelho, espelho meu", do EP "Hapohu" (AZURUHU, 2021). Assim compõe Kaê denunciando a tríade de empresários, garimpeiros e militarismo no garimpo e plano de interceptação de fornecimento e tratamento como massacre silencioso durante a pandemia:



[Eu tentei, me isolei, mas sempre ficam nessa de querer fazer contato/ Nume'e kwaw hehe, a'e rupi nuexak kwaw ima'eahy haw] / Esse [massacre silencioso] você não vai ver lá na sua TV/ Eu posso até sobreviver, mas sobreviver não é vida/ Espelho, espelho que é teu, não tira mais o que é meu/ Nem sinhá, nem sinhô, volta pra lá com o teu espelho/ Síndrome de capitão do mato sempre existiu, sempre, sempre, sempre existiu/ Fale a verdade e encontre com fortuna o dia/ O Sol irá subir e os sonhos reaparecer/ Você será você no final do seu dia? Quem pode garantir?/ I found the way, I found the way, to take away all the pain (AZURUHU, 2020-1).

Kaê nos convoca a pensar que a cultura Hip Hop não precisa reforçar ciclos de opressão. Mas como "sonhar com o topo se a missão cotidiana ainda é ficar vivo" (PINNEAPPLESTORMTV, 2019b)? Como ficar vyvy nesse país inventado que endossa terrorismo, infanticídio, lesbocídio, feminicídio (ANARANDÀ GUARANI KAIOWA, 2023), transfeminicídio, transmasculinicídio? Como ficar vyvy se nos exigem comprar pra tentar retomar a autoestima (BACO EXU DO BLUES, 2022) que roubaram de nós? Não podemos deixar de gritar nossas dores, "parem de nos matar, parem de ignorar o racismo anti-indígena" (RAIZDOMATO, 2022b; GAMBETTA; LIMA; 2020), parem de nos assassinar, de nos racializar, porque yndygena é rayz, coexistência e pertencimento, não é Américo, é Ladyne(y), e além, por vários feminismos e movimentos das mulheres, travestys, não binárys, e além, pois não somos de Américo.

Se você nasceu nessa Terra, você é yndygena, e por isso, tem responsas (JUPI77ER, 2023), tem missões pra cumprir pra garantir o ar pro teus parenty, sem oportunismo, qual oportunidade você tem passando fome na seca, sem o seguro à prova de guerra, crise e emergência climática?

Somos todys Guarany Kaiowá (OWERÁ, 2017). Sem racismo ambiental, largue o ouro, desracialize-nos, sonhe pra retomar (CULTURAS.CABOCLAS, 2023; ELLENLIMAWASSU, 2022; CEREJAMBO, 2023), não vacila pra não ser cobrady, e, ainda assim, vamos errar. Mas não podemos desistir de abrir caminhos, porque "rap é compromisso, não é viage" (SABOTAGE, 2014).

Também defende, Guajajara, como podemos pensar MCs sem os cordões de ouro, como "Filha da Terra" (AZURUHU, 2022a) sem as correntes e sim as penas dos pássaros, voando também como condor, e pisando descalço, voltando o caminho de retomada da autonomia espiritual (AZURUHU, 2023b) sem depender das droga que prensam nossas medicina, sem depender do bot, dos boot pisante e dos emboaba? Porque quando pessoas virão coisa, cabeças virão degrau, me contou passarinhos (EMICIDA, 2015).



Precisamos voltar pra casa coletiva Kylombysta, Pan-Afrykana e Escrevyvente. Pensamo numa Aldeya Global, Tekoá Porã, pra exercitar essa empatia, e se pintar em mais de um tronco linguístico possível, (r)existente e coexistente em Hutukara - a Terra-Floresta, em ianomâmi (SELVAGEM, 2021). *Newen*, Força, em Mapudungun (BRISA FLOW, 2016). Que força (AZURUHU, 2020a) sem jeito? Sabemos do que somos contra, anti, e não. Sabemos o que somos por, a favor, e sim? E/Ou? Além? Somos sujeitas e sujeitos, mas a o ques? Quais olhares relacionais nos compõem? Porque? Pague o que nos deve. Lei 11.645/2008. Lei 10.639/2003.

## 2.1. Deusa lhe pague: Pinturas que cicatrizam lutos

*Porque a Mãe do Brasil é Indígena. Na força da pintura, presente no pigmento, temperamos a comida, e as Mulheres, temperam a política, os ministérios, e o parlamento"*

Célia Xakriabá (APIBOFICIAL, 2023b)



Figura 12 - Foto do retrato de Sônia Guajajara, pintado por Tiozão e exposto na Galeria Arte no Tuca, no Shopping Metrô Tucuruvy, em 2023. Fonte: Autory.



Observamos que as categorias de “índio aculturado” e “índio integrado” têm sido aplicadas não apenas de forma genérica, como é típico do uso de categorias, mas, também, desatualizada e sem aprofundamento por parte dos magistrados, que parecem, por vezes, se esquivam de enfrentar causas complexas que demandem um deslocamento de sua zona de conforto. Assim, acabam por, apenas, repetir decisões de seus pares, por falta de compreensão. Num ciclo contínuo e atemporal, fecham-se a qualquer inovação normativa e doutrinária. É nesse contexto que se propõe ir além, divulgando os tímidos precedentes positivos, mas também inovando a epistemologia judicante ante a diversidade, a pluralidade e as dinâmicas culturais (GUAJAJARA; SANTANA; LUNELLI, 2023, p. 1276-8).

Aculturado não é o boy que sabe mais da vida dos ditadores gringo do que da história republicana de seu povo? O que ser girl? O que é ser mulher pra você? O que é indígena? O que é branco? O que é preto? O que é amarelo? O que é ser trans pra você? O que é ser cis? É relacional? Quem enquadra? O colorismo institucional e estrutural? Quem fabrica essa geografia e estatística? A racialização autodeclara? E a bioDiversidade? Quem preserva? O que nos define? Quem te limita? Quem te define? Porque? Se não somos aculturados, se não compactuamos com o racismo e sua monocultura, como podemos pensar o coletivo "nós" para além do que foi embalado para consumo identitário e narcísico na regulação algorítmica neocolonial que tenta justificar roubo de Terra e extinção em massa? Como podemos imaginar, narrar, retomar e centralizar as histórias que a história única não conta?



Como podemos nos mover além daComo podemos nos mover além da aculturação genocida do antropoceno cis-patriarcal, racista e falocêntrico? O que é periferia? O que é centro? Como afrontar a invisibilidade de corpos, dy corpys?

Percebo que as pessoas vivem em um coma colonial, reproduzindo e alimentando a cultura do colonizador, vendo com isso como o certo. Não se questionam sobre o estilo de vida, sobre como estamos construindo nosso viver neste território urbano. Quando falo em bem viver, imagino pessoas vivendo em coletividade, mantendo uma relação com a Terra. [...] Se a gente parte do pressuposto de que a Terra tudo nos dá, vemos que a nossa relação, enquanto sociedade, tem sido abusiva e de exploração [...] São muitas feridas abertas e a gente não tem as respostas. Precisamos nos fortalecer espiritualmente e pensar o que podemos fazer a partir da vivência corpo-território hoje (OLIVEIRA, 2023).

Nós, mulheres, travestys, e além (NASCIMENTO, 2022), nos movemos do centro às margens, para aldear e akylombar a política invertendo bússolas do CISTema. Nossas letras, nossa vózes, nossos cantos, nossos rezos, nossas benças, nossas sabedorias, não estão à venda, pois compõem nossos Território. Somos o ambiente (CINECAMPUS UNESP, 2023). "Parente, fique viva, como disse Brisa" (WESCRITOR, 2022c), não nos basta 'só' a desobediência de vida "num país pensado pra ser existido numa necropolítica" (BIA FERREIRA, 2022d).



Esse país não foi só pensado, foi inventado pra necropolítica, não é 'só' racista, é o próprio racismo. "Conhecimento é a saída, eu estou viva e vou honrar quem já se foi" (BIA FERREIRA, 2022b), prosperidade é isso. Tem que ser nóyz. E tem que ser contra o racismo ambiental-algorítmico-religioso-territorial. Somos a Terra, sem meio, sem fim. Despertamos para o bem viver além das fronteiras, conforme Brisa Flow, em *Marronas Libres*: "Pido buena sorte, salud para protegerme/ De la envidia que no va a detenerme/ Firmo a reza, foco, sucesso e bem viver, bebê" (BRISA FLOW, 2022c).

Deterner-nos. Estrela, Zahytata (AZURUHU, 2023e), que cai ao chão, chão de estrelas de nossas lideranças (onni alma versada, 2023) que ainda são assassinadas pelo racismo religioso como o casal Nhandesy Guarany Kaiowá, idosos queimados vivos (APIB, 2023), sem nenhuma manchete da mídia 'mainstream' que no dia, preferiu pautar traição de famosos monogâmicos no *Mais Você*. Ainda ritualizamos as dores do luto, também, à irmã e mãe Bernadete Pacífico, 72, quilombola guardiã da Floresta assassinada com 20 tiros por lutar contra a invasão do latifúndio (BORGES, 2023). Se nem igualdade existe no imaginário racial, como equidade vai existir em meio à emergência e crise climática (ACAMPAMENTO TERRA LIVRE, 2023)?



Chão de estrelas, quis tocar o céu, como Ismália (EMICIDA, 2019b). Como diz AmarElo, sem amarelitudes, mas com Yasuke, e até Hara da Revolta (KATU MIRIM, 2022c) Radical (YANNICK HARA, 2022): "Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência é roubar o pouco de bom que vivi/ Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes/ Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes/ É dar troféu pro nosso algoz e fazer nóyz sumir" (EMICIDA, 2019a).

Devolvendo o espelho, na cobrança, sobreviver não é vida. Queremos é viver, sentir o ar, o vento, Kuruf, el viento, baila que os racista pira (BRISA FLOW, 2022a). "Eu fico pensando se vão me olhar, se vão me respeitar, mas acima de tudo, se vamos ter coragem, de andar junte(y)s, sem eu ter que me modificar pra isso. Eu não vou me modificar pra isso. Eu vou ser eu mesma. Dá pra acreditar?" (AZURUHU, 2023a).



Figura 13 - Prynt de Davi Kopenawa Yanomami, pintado por Tiozão e postado em 2023 durante o Abril Indígena, no insta. Fonte: Autory.

Se vocês, brancos, matarem a Floresta, não serão capazes de criar outra, nova e limpa! Quando tiverem arrancado todas as coisas brilhantes do interior da terra: o ouro, os diamantes, os minérios, mas também os líquidos para fazer fogo de seus motores, quando tiverem derrubado todas as árvores e matado todos os animais; quando tudo tiver desaparecido, a Terra vai ficar morta. Nós, que vivemos na floresta, sabemos essas coisas. Vemos os dias que amanhecem e as auroras cheias de fumaça. [...] Mas quando todos os habitantes da Floresta tiverem desaparecido e todos os xamãs tiverem morrido, quando os brancos comedores de terra tiverem matado todas as árvores e os rios, reduzido seu chão a buracos lamacentos, vocês também sofrerão (YANOMAMI; ALBERT, 2023, p. 173-4).

Pague o que nos deve. Devolução como reparação, mas não queremos receber o pior do que podem nos dar (WESCRITOR, 2022a; IAN WAPICHANA, 2022; WESCRITOR, 2019), queremos ser escritorys, não queremos só fazer refrão, ou ser enquadradas como rap feminino, bancada feminina. Somos o rap, somos a bancada, carregamos o cocar na alma. Mulheres trans, negras e indígenas como universais porque parte do universo em nós. "Nóyz somos a Terra, estamos em guerra" (INDAIZ, 2020). Grafamos, se começamos com as pedras que derrubaram Harry Potter da vassoura, retomamos com os xamanismo que segura o céu.

Longe de traços finos (GONZALEZ, 2020, p. 86-8), lembramos que quando o tal do Américo chegou aqui, floresceu em feminismos negros e dos movimentos das mulheres indígenas.



E que América, empretecida em América "no es solo U.S.A., papá", esqueceu que sua Abya Yala é "de la Tierra del Fuego hasta Canadá" (RESIDENTE, 2022), parte de Pachamama, marrona, e além, afro-pindorâmicos (LUGARES DE MEMÓRIA NEGRO INDÍGENA, 2022). Deus Lhe Pague, lhe pague sem troco do jogo sujo (KATU MIRIM, 2022a) da colonização que tenta instalar o CISTema (NASCIMENTO, 2022) do mercado em nossos espyrytus e corpus. Para que não sejamos mercadoria, nossa raiva e nossa cosmosensação precisam ir além do papel-moeda como valor e a-preço (VARIOUS ARTISTS, 2021). Pague. Enquanto tentam nos queimar, como o atentado à Mãe Stella de Oxóssi, fênix não morre (WRM, 2019). Pague. O que está morrendo não é o velho, porque a tradição nunca nos deixou. Buscamos ekydade. Justyça. Abolicionismo (AKOTIRENE, 2019), de nóyz, ore (COELHO; MBYA, 2022), Nhandewa.

Não existe América. Existe Abya Yala. Não existe Brasil sem Pyndorama; não existe democracia sem a demarcação das terras indígena; não existe movimentos LGBTQIAPNB+ sem Tybyra; não existe despatriarcalização sem descolonização; não existe movimento(s) negro sem as mulheres negras; não existe coalizão e articulação por direitos dos povos e nações tradicionais sem a presença das mulheres indígenas;



Em Pyratynynga, não existe o bairro da Liberdade, a Rua dos Estudantes, o Memorial dos Aflitos e de Madrinha Eunice sem a luta negra, indígena, amarela e preta que simboliza Chaguinhas e o samba Saracura Vai-Vai (MAGALHÃES, 2022), seja, também nas ocupações nordestinas, e além, presente em Ururay, com o Coletivo Estopo Balaio (TV TAMUYA, 2023b). Se sonhamos com o bem viver, precisamos abrir espaços para a retomada de nossas raízes, para o conhecimento desafiador, autocrítico, e sábio da introspecção não-narcísica, coletiva e escrevente nos territórios que habitamos, e além. Vay vay.

Deus lhe pague (BISCOITO FINO, 2023), "Deusa me dybre, dos roba brisa" (BRISA FLOW, 2018). Ancestral não morre. Pague o que nos deve. Lei 11.645/2008. Lei 10.639/2003.

Então, daí a Cesar o que é de Cesar, e "devolve o que é nosso" (DJONGA, 2022), da "sensação sensacional, é fogo é fogo" (QUEBRADA QUEER, 2022). Pague. Diga sim à Deusys, Deusas, Deuses que são, eram e vão ser indígenas, "indio, negro, viado, trans e sapatão" (KATU MIRIM, 2020), sem essa coroa de diamante de sangue, sem esse boot emboaba, indigenividente, e além, nações, povos, coalizões (COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS, 2022), ART(y)E-culações que elejam quem representa nossas florestas-kylombos-aldeyas (ACAMPAMENTO TERRA LIVRE, 2023).



Lembro, também, que não nasci na favela, mesmo revisitando-a pelo rap da periferia de onde moro e caminho. De novo, "quem sempre tudo nunca vai entender, o que é cantar uma vida até você viver" (CEIA ENT, 2020). Mas o que é viver? O que é ter tudo? Como definimos privilégios se a essência da racialização é empobrecer nossas histórias pelo etnocídio? Como retomamos os múltiplos afetos não-violentos nos centros? Como voltar pra casa, que mesmo tendo tudo de ouro, "não tinha nada" (PINNEAPLESTORMTV, 2019a)? O que é meu na Terra que pertença? Buscamos redefinir empoderamento no rap longe do luxo fast-food, aquele sedento por nos assassinar de fome pra compor sua carência material garimpeira que nos divide e envenena. Kylombyvidente. Nóyzvidente. Florestyvidente. Prynt que Pynta, com e/ou sem útero. Sem rekalke. Sem dispersão. This is not Amérikkka. Neuro. Dyversa. Dyversão. Versu. Bio. DyversydadeS. Não pedimo. Demandamu. Decretamu. Somu. Nesse mundo dos grandes donos do poder, eu sou só uma gotinha, pequena ave-flor, em guarani. Gwyrá Poty Mirim.

O grande aldeamento (APIBOFICIAL, 2021). Re-ligião. Pague, porque a conta vai chegar, e a dívida da escravização de nossos povos, e a (r)existência e coexistência quilombista "teve início muito antes de Zumbi dos Palmares/ Povos Originários, já tavam aqui primeiro/ É melhor reconhecer, porque agora ficou feio/ Deve tá ruim, continuar aqui no meio/ Me responde, vai pagar no débito ou no dinheiro?" (BIA FERREIRA, 2022d).



Não competimos por quem sofre mays, quem sofreu pymeiro, quem foy ynvadidy primeiru, quem retomou pymeiro. Temos de tentar aprender com todys as vivências dispostas a ensinar aprendendo pela originalidade que atravessa gerações. A competição é coisa de juruá, "coisa de colono" (WESCRITOR, 2022c). Eu não quero validação, biscoito, atenção. Eu só quero viver, ver parentes viver como merecem sem meritocracia, minha aldeia, nossa, quero o fim dessa guerra antes da queda do céu. Eu não quero ver meu país bombardeado e invadido em guerra imperialista por água. Queremo justiça pra quem foi assassinada, queremo parar de ser assassinady (a,e,o) e de ver parenty no chão. Não queremos "um mundo novo de igualdade racial" (GLOBOPLAY, 2023). Nóyz queremos mundos de equidades entre nações e povos transfronteiriços e atlânticos em todos biomas e matas.

Paz é justiça (GABRIEL O PENSADOR, 2020), sem ladainha de novo mundo dos boy, somos os velhus amadure(s)ymenty de Abya Yala, Territórios Transcestral, Pan-Afrykano, Kylombysta. Florescendo e amadurecendo, queremo a desintrusão cultural, epistêmica, simbólica e física dos invasores.

"Justiça e Liberdade" (RACIONAIS TV, 2014). Não existe liberdade sem responsabilidade. Responsabilidade, e ancestralidades, não se paga com moeda.



Paz é equidade. Com racismo, não existe raciais, teoria prática de razão, nóyz rayz. É tudo pra onty.

Re-escrevemos,  
Re-esperançamos.

Deus lhe pague. Pague com as conscyêncya du amar sem romantizar. Lutar, por todys meios e fins necessários pra adyar o fym dos mundos, com o mínimo de mercadoria possível. Tentamo todo dia assassinar o colonizador em nóyz, cancelar o narcisismo miliciano e o rancor armamentista das redes sociais do jeito que dá. Não só por nóyz nesse plano. Pra honrar quem veio antes e deu seu sangue, suor e lágrimas. Pra que nossos filhos, nossas filhas - nossas krya de sangue e/ou não - que possam aprender e nos ensinar o viver bem, e com nossos erros, possam respirar, sobreviver, viver e bem viver, portanto, "que finde a espécie humana, pra dos bixo prosperá" (MULAMBA, 2022). Byxa. Travesty (LINN DA QUEBRADA, 2017). Essa rua é nóiz, é minha, é nossa, pra além do carnaval.

De Xamã: não escrevemos poesia porque somos da raça, nem da humana. "Nós somos a chave" (KAE GUAJAJARA, 2020), "abram-se os portões" (RINCON SAPIÊNCIA, 2016). Além da dor, não somos Nutella, somos rayz.

Hutukara em vários troncos, porque o maior exemplo de diversidade é a Floresta, que não pede seu gênero, não cobra teu RG, não te racializa, te envolve em pertencimento com suas várias flores e aves, te dá remédio e comida. Com originários, é a Bio responsável por mais de 80% da vida Diversidade.

A Floresta de nações  
e povos te  
radicalizam por  
dentro da Terra, nas  
cabeça das árvores  
do Ori,

Aguyjevete

Amém

Awerê

Axé



## NOTAS

[1] Pretuguês, "eu sou teatro e não drip/ eu deixo forte, e não rico/ quero ser forte, e não lindo/ é diferente a cor do porte/ eu sei, laranja, cor mais forte/ e se for íntimo pode chamar de índio" (WESCRITOR, 2022b). A partir da fala de wescritor, demarcamos uma intimidade que exige o respeito à atualização das Fundações Nacionais dos Povos Indígenas (FUNAI), destacando indígenas, povos originários, povos nativos e tradicionais como sinônimos dos coletivos vinculados à conexão com a Terra. Da mesma forma, não problematizamos a intimidade do termo, (presente de forma similar também em queer, bixa e puta), mas lembramos da responsabilidade de seus atravessamentos históricos. Essa, a priori generalização, implica pontuar que existem múltiplas tonalidades, colorismos, etnias, povos, nações, aldeamentos, quilombos e territórios aí implicados, mas que confluem nas escrevivências da oralidade em conexão ao grande planeta que habitamos, A Terra uma Só, Yvurupa (POPYGUA, 2022), e/ou Onilé, em iorubá (SELVAGEM, 2021).



**REFERÊNCIAS  
BIBLIOGRÁFICAS**

- ACAMPAMENTO TERRA LIVRE 2023. CARTA ABERTA DO ACAMPAMENTO TERRA LIVRE 2023. POVOS INDÍGENAS. DECRETAM EMERGENCIA CLIMÁTICA. 26 abr. 2023. Disponível em <<https://apiboficial.org/files/2023/04/Carta-Povos-Indi%CC%81genas-decretam-Emergencia-Clima%CC%81tica-.docx.pdf>> Acesso 2 ago.
- ACAROLINAIARA. Marielle Franco Gigante!!! Ela sempre trazia em suas falas como nós podemos ser diversas mas nunca dispersas. 14 mar. 2023. Instagram <<https://www.instagram.com/reel/CpxwirPuz9o/>> Acesso 3 out. 2023.
- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade: Feminismos Plurais. SP: Jandaíra, 2019.
- AMBRA, Pedro. As Pedras de Exu: A psicanálise em Frantz Fanon e Lélia Gonzalez. Revista Rosa, São Paulo, v. 3, n. 1, 1. sem. 2021. Disponível em: <https://revistarosa.com/3/as-pedras-de-exu> Acesso em: 6 out. 2023
- ANARANDÁ GUARANI KAIOWA. Rap Feminicídio MC Anarandá #rapnacional #rapnativo#mcanaranda. 18 abr. 2023. 1 vídeo: 3:33. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZPND6plG4Zo>>
- ANTOLOGIA TERRA. ellen lima [outro erro de português]. 31 mar. 2021. 1 vídeo: 0:35. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=SRVaM2tY3ks>> Acesso 2 out. 2023.
- APIB. Casal de rezadores Kaiowá e Guarani morrem carbonizados em incêndio criminoso. 19 set. 2023. Disponível em <<https://apiboficial.org/2023/09/19/casal-de-rezadores-kaiowa-e-guarani-morrem-carbonizados-em-incendio-criminoso/>> Acesso 3 out. 2023.
- APIBOFICIAL. Brasil do Cocar Remix. 30 ago. 2023a. 1 vídeo: 2:10. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V7JkBzfgVPI>> Acesso 2 out. 2023.
- APIBOFICIAL. Episódio 8 - O grande aldeamento | Maracá. 6 set. 2020. 1 vídeo: 11:38. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=dFrgNI--Aho&list=PLchh9Eb\\_8lo4Irdvqy3pZW6kkN7L00AqR&index=7](https://www.youtube.com/watch?v=dFrgNI--Aho&list=PLchh9Eb_8lo4Irdvqy3pZW6kkN7L00AqR&index=7)> Acesso 2 out. 2023.
- APIBOFICIAL. Projeção Congresso Nacional. 26 abr. 2023b. 1 vídeo: 34:15. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=03Jiy58SiZM&t=516s>> Acesso 2 out. 2023.
- ATENTADO NAPALM. The Cypher Respect Vol. 2 - Atentado Napalm, Coruja BC1, Rincon Sapiência, Xamã, Sant, Rashid. 14 jul. 2017. 1 vídeo: 7:48. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KwFIZ6WRt4>> Acesso 2 out. 2023.
- AZURUHU. Kaê - Filha da Terra ft. Mulheres Guajajara (prod.patrickzaun / Clipe Oficial). 26 ago. 2022a. 1 vídeo: 3:01. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=OkGHZdAtIBs>> Acesso 4 out. 2023.
- AZURUHU. Kaê - Guerreira. 22 abr. 2023a. 1 vídeo: 3:02. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6l1z1iy5e7Y>> Acesso 4 out. 2023.
- AZURUHU. Kaê - Hipnotizado. 22 abr. 2023b. 1 vídeo: 3:43. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=W5mw9jRllhA>> Acesso 4 out. 2023.
- AZURUHU. Kaê - Ka'e Hu. 22 abr. 2023c. 1 vídeo: 3:12. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HDds6Katv3M>> Acesso 4 out. 2023.
- AZURUHU. Kaê - Minha Missão (prod.patrickzaun / Clipe Oficial). 23 jul. 2022b. 1 vídeo: 3:37. Youtube. Disponível em <APIBOFICIAL. Brasil do Cocar Remix. 30 ago. 2023a. 1 vídeo: 2:10. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V7JkBzfgVPI>> Acesso 2 out. 2023.
- AZURUHU. Kaê - Nadar no Fogo. 22 abr. 2023d. 1 vídeo: 2:49. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BCG9YVgZhs>> Acesso 2 out. 2023.



AZURUHU. Kaê - Sol em Leão ft. Maynumi (prod.patrickzaun / Clipe Oficial). 12 ago. 2022c. 1 vídeo: 2:24. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BnZdFs-780M> > Acesso 2 out. 2023.

AZURUHU. Kaê - Supernova. 22 abr. 2023e. 1 vídeo: 3:25. Youtube. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=2EKxURJ-ic&list=PLnCeuZSe7ronK3-CBC9\\_5B7iGLIorpDmO&index=9](https://www.youtube.com/watch?v=2EKxURJ-ic&list=PLnCeuZSe7ronK3-CBC9_5B7iGLIorpDmO&index=9) > Acesso 4 out. 2023.

AZURUHU. Kaê Guajajara - EP WIRAMIRI (Completo 2020). 27 set. 2020a. 1 vídeo: 20:34. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Zv3J8ayMnoA&t=516s> > Acesso 3 out. 2023.

AZURUHU. RAP INDÍGENA TRILINGUÊ SOBRE A PANDEMIA DO CORONA VIRUS. 31 mar. 2020b. 1 vídeo: 2:39. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3NmY2F61GY8> > Acesso 2 out. 2023.

BACO EXU DO BLUES. 08. Baco Exu do Blues - Autoestima. 26 jan. 2022. 1 vídeo: 2:48. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5Zj9aef2AEE> > Acesso 2 out. 2023.

BAIANA SYSTEM. Tubarão. 12 mar. 2021. 1 vídeo: 2:21. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HK36tyvOy9I> > Acesso 2 out. 2023.

BIA FERREIRA. 10. Bia Ferreira feat. Luanda - Nós. 1 vídeo: 4:06. 30 nov. 2022a. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=Z1Z2eBw\\_jD0](https://www.youtube.com/watch?v=Z1Z2eBw_jD0) >. Acesso 2 out. 2023

BIA FERREIRA. 12. Bia Ferreira - Necropolítica. 1 vídeo: 3:19. 30 nov. 2022b. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=XzDbnie\\_u44](https://www.youtube.com/watch?v=XzDbnie_u44) >. Acesso 2 out. 2023

BIA FERREIRA. 13. Bia Ferreira - Desejo Inevitável. 30 nov. 2022d. 1 vídeo: 3:18. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=W7y9md722tY> > Acesso 2 out. 2023.

BIA FERREIRA. 16. Bia Ferreira feat. Bixarte - Doutrinação. 30 nov. 2022d. 1 vídeo: 6:02. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fFz8gs4KFAY> > Acesso 2 out. 2023.

BIA FERREIRA. 18. Bia Ferreira - A Conta Vai Chegar. 30 nov. 2022e. 1 vídeo: 4:04. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aEJifRncHLU> > Acesso 2 out. 2023.

BIA FERREIRA. 21. Bia Ferreira - Bênção da Prosperidade. 30 nov. 2022f. 1 vídeo: 3:58. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=M3aWpUM8ECY> > Acesso 2 out. 2023.

BISCOITO FINO. Deus Lhe Pague | Metá Metá, Bia Ferreira e Brisa Flow (Projeto Biscoito Fino). 26 mai. 2023. 1 vídeo: 5:00. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jGjy8B2jbNQ> > Acesso 2 out. 2023.

BORGES, Pedro. Depois do assassinato de Mãe Bernadete, quilombolas pedem investigação. Alma Preta. 18 ago. 2023. Disponível em <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/depois-do-assassinato-de-mae-bernardete-quilombolas-pedem-investigacao-do-caso/> > Acesso 3 out. 2023.

BRISA FLOW. Brisa Flow - Fique Viva (Clipe Oficial). Yvy Pora TI Jaragua. 16 jul. 2019. 1 vídeo: 4:09, Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wRUzUsTdW0o> Acesso 20 ago. 2023

BRISA FLOW. BRISA FLOW - NEWEN (Álbum Completo) - 2016. 24 nov. 2016. 1 vídeo: 28:52. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YCTRthjGo9k> > Acesso 12 out. 2023.

BRISA FLOW. Cerquita. 2 jun. 2022a. 1 vídeo: 1:57. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Qmyno3yzGrg> > Acesso 2 out. 2023.



BRISA FLOW. Deusa Me Livre. 9 out. 2018. 1 vídeo: 2:54. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2TmBsH6AgM8>> Acesso 12 out. 2023.

BRISA FLOW. Etnocídio. 2 jun. 2022b. 1 vídeo: 4:50. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lm89WvQRCMY>> Acesso 2 out. 2023.

BRISA FLOW. Marrona Livre. 2 jun. 2022c. 1 vídeo: 3:18. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=3of\\_ks7yGqY](https://www.youtube.com/watch?v=3of_ks7yGqY)> Acesso 2 out. 2023.

CANAL GNT. AUTOAFIRMAÇÃO: Quem é indígena no Brasil? | Sexta Black. 20 mai. 2022a. 1 vídeo: 23:46. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=s3SSjq5ldj8>> Acesso 2 out. 2023.

CANAL GNT. Katiúscia Ribeiro explica o conceito de epistemologia | O Futuro é Ancestral. 14 abr. 2022b. 1 vídeo: 6:35. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CxbYXOy0cIA>> Acesso 2 out. 2023.

CANAL GNT. Luana Genot e Djuena Tikuna falam sobre PL490, indígenas do Brasil e arte indígena | Sexta Black. 8 out. 2021. 1 vídeo: 22:33. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rLuKmw1IHBY>> Acesso 2 out. 2023.

CANAL GNT. Quem define QUEM É INDIGENA? Papo sobre etnia e violência com Kaê Guajajara | Luana Genot | Sexta Black. 20 mai. 2020. 1 vídeo: 13:08. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=AZURUHU>> Kaê - Minha Missão (prod.patrickzaun / Clipe Oficial). 23 jul. 2022b. 1 vídeo: 3:37. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=APIBOFICIAL>> Brasil do Cocar Remix. 30 ago. 2023a. 1 vídeo: 2:10. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V7JkBzfgVPI>> Acesso 2 out. 2023.

CARVAJAL, Julieta Paredes. 1492 Entronque Patriarcal y Feminismo Comunitario de Abya Yala. La Paz: Feminismo Comunitario, 2020a.

CARVAJAL, Julieta Paredes. Hilando Fino desde o Feminismo Comunitario. - Pindorama Brasil. La Paz: Feminismo Comunitario, 2023.

CARVAJAL, Julieta Paredes. Uma Ruptura Epistemológica com o Feminismo Ocidental. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais. são paulo: Bazar do Tempo, 2020b.

CEIA ENT. Tasha e Tracie - Agouro. 6 nov. 2020. 1 vídeo: 2:35. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pv5cZrZDKjs>> Acesso 5 out. 2023.

CEREJA.AMBO. Só pra quem vive de aparências existe alguma "vantagem" em se auto declarar. Na rua a coisa é muito diferente. 4 out. 2023. Instagram. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/Cx9E5NBPP2Y/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cx9E5NBPP2Y/?img_index=1)> Acesso 3 out. 2023.

CINECAMPUS UNESP. Conferência Nacional sobre Meio Ambiente e Mudanças Climáticas. 14 jun. 2023. 1 vídeo: 3:05:31. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9DB1NHVIPGc&t=1s>> Acesso 2 out. 2023.

CINEGRAR. 1971 - Chico Buarque de Hollanda - Deus Lhe Pague. 14 jul. 2009. 1 vídeo: 3:20. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PvN7nocb9kA>> Acesso 2 out. 2023.

COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS. Quilombo nos Paramentos | As pré-candidaturas do movimento negro #Eleições2022. 6 jun. 2022. 1 vídeo: 4:44:47. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3cbWSo0R-UE>> Acesso 6 out. 2023.

COELHO, Antônio Salvador. Sementes, palavras e florestas: Mbya Guarani compartilhando saberes. SP: Elcio Fonseca, 2022.

COMIN. Ga vi: a voz do barro. 22 fev. 2022. 1 vídeo: 10:46. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dFPR4HDd3IQ>> Acesso 2 out. 2023

CORUJA BC1. 08. Coruja BC1 - Lobo Guará. 17 nov. 2021. 1 vídeo: 2:50. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=wJJ7Q\\_Yyyl](https://www.youtube.com/watch?v=wJJ7Q_Yyyl)> Acesso 2 out. 2023.

CRISTAL. Cristal - KAWO (Prod. 808 Luke). 1 vídeo: 6:28. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2YPZkkMf2E>> Acesso 2 out. 2023.



CEIA ENT. Tasha e Tracie - Agouro. 6 nov. 2020. 1 vídeo: 2:35. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pv5czzrZDKjs>> Acesso 5 out. 2023.

CEREJA.AMBO. Só pra quem vive de aparências existe alguma "vantagem" em se auto declarar. Na rua a coisa é muito diferente. 4 out. 2023. Instagram. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/Cx9E5NBP2Y/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cx9E5NBP2Y/?img_index=1)> Acesso 3 out. 2023.

CINECAMPUS UNESP. Conferência Nacional sobre Meio Ambiente e Mudanças Climáticas. 14 jun. 2023. 1 vídeo: 3:05:31. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9DB1NHVIPGc&t=1s>> Acesso 2 out. 2023.

CINEGRAR. 1971 - Chico Buarque de Hollanda - Deus Lhe Pague. 14 jul. 2009. 1 vídeo: 3:20. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PvN7nocb9kA>> Acesso 2 out. 2023.

COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS. Quilombo nos Parlamentos | As pré-candidaturas do movimento negro #Eleições2022. 6 jun. 2022. 1 vídeo: 4:44:47. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3cbWSo0R-UE>> Acesso 6 out. 2023.

COELHO, Antônio Salvador. Sementes, palavras e florestas: Mbya Guarani compartilhando saberes. SP: Elcio Fonseca, 2022.

COMIN. Ga vi: a voz do barro. 22 fev. 2022. 1 vídeo: 10:46. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dFPR4HDd3IQ>> Acesso 2 out. 2023

CORUJA BC1. 08. Coruja BC1 - Lobo Guará. 17 nov. 2021. 1 vídeo: 2:50. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=wJ7Q\\_Yyyl](https://www.youtube.com/watch?v=wJ7Q_Yyyl)> Acesso 2 out. 2023.

CRISTAL. Cristal - KAWO (Prod. 808 Luke). 1 vídeo: 6:28. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2YPZkkMf2E>> Acesso 2 out. 2023.

CULTURAS.CABOCLAS. Reduzir as desigualdade não é sonho, é retomada! 5 out. 2023. Instagram. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/CyDsAUULD2U/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CyDsAUULD2U/?img_index=1)> Acesso 5 out. 2023.

DIVERSIDADE NA ECA. FZDZ Gênero na ECA 2023 - Interseccionalidade e lugares de fala. 31 ago. 2023. 1 vídeo: 1:30:04. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=LQFByV\\_YMk&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=LQFByV_YMk&t=1s)> Acesso 2 out. 2023.

DJONGA, 10. Djonga - até sua alma feat. Tasha e Tracie. 13 out. 2022. 1 vídeo: 5:06. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1jdrJsv-08>> Acesso 2 out. 2023.

DJ CAIQUE. Rincon Sapiência - Donos Da Mata (Prod. Dj Caique) #CE3. 5 mai. 2015. 1 vídeo: 3:31. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=YDv9bwzBwrA>> Acesso 3 out. 2023.

DJUENA TIKUNA. TORÜ WIYAEGÜ (Nossos Cantos). 29 out. 2022. 1 vídeo: 3:47. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=tlrxDXigRTY&list=OLAK5uy\\_kR7kQTMVZ59thMjwhiuR6amqnXPOCTvvg&index=16](https://www.youtube.com/watch?v=tlrxDXigRTY&list=OLAK5uy_kR7kQTMVZ59thMjwhiuR6amqnXPOCTvvg&index=16)> Acesso 2 out. 2023.

ELLENLIMAWASSU. Afirmar uma identidade é afirmar também um trauma e um compromisso de luta. 5 out. 2022. Instagram. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CjU7wCTtFWj/>> Acesso 2 out. 2023.

EMICIDA. Emicida - 10 anos de Triunfo - Oorra (Ao Vivo). 1 vídeo. 4:47. 2 mai. 2018. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=p9JHGj\\_AhVE](https://www.youtube.com/watch?v=p9JHGj_AhVE)> Acesso 4 out. 2023.

EMICIDA. Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablo Vittar. 1 vídeo. 8:53. 25 jun. 2019a. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>> Acesso 4 out. 2023.



CULTURAS.CABOCLAS. Reduzir as desigualdade não é sonho, é retomada! 5 out. 2023. Instagram. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/CyDsAUULD2U/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CyDsAUULD2U/?img_index=1)> Acesso 5 out. 2023.

DIVERSIDADE NA ECA. FZDZ Gênero na ECA 2023 - Interseccionalidade e lugares de fala. 31 ago. 2023. 1 vídeo: 1:30:04. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=LQFByV\\_YMk&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=LQFByV_YMk&t=1s)> Acesso 2 out. 2023.

DJONGA. 10. Djonga - até sua alma feat. Tasha e Tracie. 13 out. 2022. 1 vídeo: 5:06. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1jdrJjSV-o8>> Acesso 2 out. 2023.

DJ CAIQUE. Rincon Sapiência - Donos Da Mata (Prod. Dj Caique) #CE3. 5 mai. 2015. 1 vídeo: 3:31. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=YDv9bwzBwra>> Acesso 3 out. 2023.

DJUENA TIKUNA. TORÜ WIYAEGÜ (Nossos Cantos). 29 out. 2022. 1 vídeo: 3:47. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=tlrxdXigRTY&list=OLAK5uy\\_kR7kQTmVZ59thMJwhiuR6amgnXPOC1vvg&index=16](https://www.youtube.com/watch?v=tlrxdXigRTY&list=OLAK5uy_kR7kQTmVZ59thMJwhiuR6amgnXPOC1vvg&index=16)> Acesso 2 out. 2023.

ELLENLIMAWASSU. Afirmar uma identidade é afirmar também um trauma e um compromisso de luta. 5 out. 2022. Instagram. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CjU7wCTifWj/>> Acesso 2 out. 2023.

EMICIDA. Emicida - 10 anos de Triunfo - Oorra (Ao Vivo). 1 vídeo. 4:47. 2 mai. 2018. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=p9JHGj\\_AhVE](https://www.youtube.com/watch?v=p9JHGj_AhVE)> Acesso 4 out. 2023.

EMICIDA. Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablo Vittar. 1 vídeo. 8:53. 25 jun. 2019a. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>> Acesso 4 out. 2023.

EMICIDA. Emicida - É tudo pra ontem. 10 dez. 2020a. 1 vídeo: 6:11. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qbQC60p5eZk>> Acesso 24 ago. 2023.

EMICIDA. Emicida - Ismália part. Larissa Luz & Fernanda Montenegro. 1 vídeo. 5:57. 2 nov. 2019b. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynl>> Acesso 4 out. 2023.

EMICIDA. Emicida - Levanta e Anda. 1 vídeo. 2:49. 22 ago. 2013. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=GZgnl5OcuH8>> Acesso 4 out. 2023.

EMICIDA. Emicida, Matuê & Drik Barbosa - Sobe junto. 1 vídeo: 3:33. 10 mar. 2022. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=60ce3MZSJHU>> Acesso 4 out. 2023.

EMICIDA. Emicida - Nóiz. 1 vídeo. 5:21. 22 ago. 2013. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZsrHlbPtpZg>> Acesso 4 out. 2023.

EMICIDA. Emicida - Yasuke (Bendito, Louvado Seja). 1 vídeo. 5:51. 3 fev. 2017. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kvAWTrLUP0k>> Acesso 4 out. 2023.

EMICIDA. Podcast AmarElo Prisma - Movimento 1: Paz/Corpo. 19 jun. 2020a. 1 vídeo-podcast: 1:18:14. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wwLjFZk5Ugg>> Acesso 24 ago. 2023.

FURTADO, Lucianna; CORRÊA, Laura Guimarães. Mandume: O Rap como Movimento de Retomada e Construção da Memória Coletiva Negra. Contemporânea: Comunicação e Cultura, [S. l.], Salvador, v.16, n.1, p. 111-132, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.9771/contemporanea.v16i1.25857>. Acesso em: 2 ago. 2023.

GABRIEL, O PENSADOR. Gabriel O Pensador - Vamo Ai (feat Ponto de Equilíbrio e Gabz). 1 vídeo: 3:51. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2XLm9UqzHpU>> Acesso 29 out. 2023.

GLOBOPLAY. Rosas de Ouro. 17 fev. 2023. 1 vídeo: 1:16:48. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/11379926/>> Acesso 5 out. 2023.



GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. SP: Zahar, 2020.

GUAJAJARA, Kaê. Pyràng Ipo – Mãos Vermelhas. In: GUAJAJARA, Potyra; GUAJAJARA, Uritau; XAVANTE, Júlia Otomorinhori'ô; MUNDURUKU, Lucas; ICO, Lucas (org.). Em Nossas Artérias, Nossas Raízes: Teko Haw Maraka'nã. Rio de Janeiro: Universidade Indígena Aldeia Maraka'nã, 2023.

GUERBER, Raquel; NASCIMENTO, Maria Beatriz. Ori. 1 documentário: 1:40:33. Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/100068003666998/videos/document%C3%A1rio-or%C3%AD/677188599155700/>> Acesso 3 out. 2023.

IAN WAPICHANA. Ian Wapichana - Reparação Histórica.v1. 24 jan. 2022. 1 vídeo: 3:38. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2Hx9PbFD9Ac>> Acesso 3 out. 2023.

INDAIZ. Indaiz Jaraguá é Guarani Part: Elaine Alves & Oz Guarani (2020). 19 abr. 2020. 1 vídeo: 4:16. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ACkfeKvLOM4>> Acesso 3 out. 2023.

JUAONYN. Yndygena é Rayz. 20 jan. 2023. Instagram. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CnpavTqrHsL/>> Acesso 3 out. 2023.

juao r k. ReflorestAr - Ynterlúdyo Atemporal. 26 jul. 2023. 1 vídeo: 29:36. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9mox27wmeGI>> Acesso 3 out. 2023.

JUPI77ER. Legítimo. 24 abr. 2023. 1 vídeo: 2:29. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=YT29gbZFK-o>> Acesso 3 out. 2023.

KATU MIRIM. Diga Não. 2 abr. 2020. 1 vídeo: 3:12. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=rJ4JlemP\\_pw](https://www.youtube.com/watch?v=rJ4JlemP_pw)> Acesso 2 out. 2023.

KATU MIRIM. Jogo Sujo. 22 jan. 2022a. 1 vídeo: 3:03. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9h0lcyGdCWs>> Acesso 3 out. 2023.

KATU MIRIM. Katu Mirim - Indígena Futurista. 4 abr. 2021b. 1 vídeo: 4:25. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=R7Lz6L9Nzyc>> Acesso 2 out. 2023.

KAE GUAJAJARA. Acalanto. 1 vídeo: 3:14. 25 jun. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WQzYdGkvo0g>> Acesso 3 out. 2023.

KAROL CONKA. Karol Conká - Fuzue (Lyric Video). 1 vídeo: 2:13. Youtube Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=z1VO7AK2Fak&list=PLDhajrZgo0TJvarWxFQtcVTVohGMIg0DI>> Acesso 2 out. 2023.

KAROLCONKA. Desfile @rosasdeouro. Kindala | Que o amanhã não seja só um ontem com um novo nome. Instagram. 17 fev. 2023. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Coy0V8OtxdB/>> Acesso 2 out. 2023.

KATU MIRIM. A Busca. 16 mar. 2021a. 1 vídeo: 3:36. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=arOX7N8HIYg>> Acesso 2 out. 2023.

KATU MIRIM. De Volta para o Passado. 13 abr. 2023. 1 vídeo: 3:07. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=aREw0FddJlo>> Acesso 2 out. 2023.

KATU MIRIM. Originais. 22 jan. 2022b. 1 vídeo: 3:19. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=eSsruWMrioQ>> Acesso 2 out. 2023.

KATU MIRIM. REVOLTA - KATU MIRIM (álbum). 22 jan. 2022c. 1 vídeo: 35:23. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mxLKaNkiXQw>> Acesso 2 out. 2023.

LINN DA QUEBRADA. Linn da Quebrada - Bixa Travesty (Áudio-Video Oficial). 6 out. 2017. 1 vídeo: 2:38. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=re0ZRpQbhdI>> Acesso 2 out. 2022.



LORDE, Audre. As Ferramentas do senhor de engenho não vão dismantelar a casa grande. In: HERÉTICA. Audre Lorde: Textos Escolhidos. S.l.: Herética Difusão Lesbofeminista, 200?.

KRENAK, Ailton. A Vida não é Útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIMA, Fátima; GAMBETTA, Julia B. "Parem de nos matar": a bionecropolítica genderizada e a persistência de mulheres indígenas e negras na América Latina. Gênero, Niterói, v. 20, n. 2, p. 85-109, 1. sem. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/44570/25624>. Acesso em: 6 out. 2023.

LONGHINI, Geni Daniela Nunez. Nhande Ayyu é da Cor da Terra: Perspectivas Indígenas Guarani sobre Etnogenocídio, Raça, Etnia e Branquitude. 2022. Tese (Doutorado Interdisciplinar de Ciências Humanas) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

LUGARES DE MEMÓRIA NEGRO-INDÍGENA. Ciclo de Conversas Lugares do Brasil e de África. 15 set. 2022. Disponível em <https://memorianegroindigena.com.br/#:~:text=O%20Ciclo%20de%20Conversas%20Lugares,do%20Brasil%20e%20de%20%C3%81frica.>> Acesso 4 out. 2023.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. Arruando por uma São Paulo negra. 12 ago. 2022. Exporvisões. Disponível em <https://exporvisoes.com/2022/08/12/arruando-por-uma-sao-paulo-negra/> > Acesso 3 out. 2023.

MARTINS, Fábio. Rosas de Ouro 2023: Galeria de Fotos. 18 fev. 2023. Disponível em <https://www.carnavalesco.com.br/rosas-de-ouro-2023-galeria-de-fotos/> > Acesso 3 out. 2023.

MULAMBA OFICIAL. Mulamba - Barriga de Peixe feat. Kaê Guajajara (Visualizer). 15 set. 2022. 1 vídeo: 3:42. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IQzja5dBrAk> > Acesso 2 out. 2023.

MUNDODOSRAPPERS. Emicida - A rua é nois. 5 out. 2012. 1 vídeo: 4:04. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4JJXy-ZdTPc> > Acesso 2 out. 2023.

MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS. "Abya Yala: resistência, (re)existência e feminismo comunitário". 9 ago. 2023a. 1 vídeo: 1:23:00. Youtube Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CjKF9Ycjgqc> > Acesso 2 out. 2023.

MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS. PROJETO MANTO EM MOVIMENTO: EXPOSIÇÃO. 12 set. 2023b. Disponível em <https://museudasculturasindigenas.org.br/programacao/projeto-manto-em-movimento-exposicao/> > Acesso 2 out. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africana. SP: Editora Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Leticia. Transfeminismo: Feminismos Plurais. SP: Jandaira, 2022.

NYN, João. Tybyra: Uma Tragédia Indígena Brasileira. TePI Digital. 5 dez. 2021. Disponível em <https://tepi.digital/en/tybyra-brazil/> > Acesso 3 out. 2023.



NYN, João (SILVA, João Paulo Querino da). Tywyra: Ymã Mba'e Wai Nhandewa Regwa Pindó Reta-Re (Tybyra: *Uma Tragédia Indígena Brasileira*). SP: Selo doburro, 2020.

OLIVEIRA, Beatriz de. Kaê Guajajara Canta Vivências na Favela e Crítica a colonização. Nós, Mulheres da Periferia. 28 ago. 2023. Disponível em <<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/kae-guajajara-canta-vivencias-na-favela-e-criticas-a-colonizacao/>> Acesso 2 out. 2023.

onni alma versada. onni e asiri - Chão de Estrelas part. Brisa Flow. 18 set. 2023. 1 vídeo: 5:17. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CBHO98hBd1k>> Acesso 2 out. 2023.

OWERÁ. Floresta Sagrada - Owerá & Djuena Tikuna (oficial audio). 19 ago. 2022a. 1 vídeo: 5:31. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zX91GX2JNRg>> Acesso 2 out. 2023.

OWERÁ. OWERÁ feat Criolo - Demarcação Já - Terra Ar Mar (Official Video). 3 mai. 2021. 1 vídeo: 4:41. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6yIplJtfNVeg>> Acesso 2 out. 2023.

OWERÁ. OWERÁ - "Guarani Kaiowá" (Official Video). 20 out. 2017. 1 vídeo: 4:12. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qf93m-on65w>> Acesso 2 out. 2023.

OWERÁ. Prontos Pra Guerra - Owerá & Brô MC's + Célia Xakriabá (oficial audio). 19 ago. 2022b. 1 vídeo: 2:48. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yufKk03jPEE>> Acesso 2 out. 2023.

PENSAR AFRICANAMENTE. Pensar Africanamente com SUELI CARNEIRO. 25 mai. 2022. 1 vídeo: 1:48:59. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lkfOEaZX9U4>> Acesso 5 out. 2023.

PENSAR AFRICANAMENTE. Pensar Africanamente com SUELI CARNEIRO. 25 mai. 2022. 1 vídeo: 1:48:59. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lkfOEaZX9U4>> Acesso 5 out. 2023.

POPYGUA, Timóteo Verá Tupã. A Terra uma só. são paulo: Hedra, 2022.

POTIGUARA, Eliane. Metade Cara, Metade Máscara. RJ: Grumin, 2019.

POTIGUARA, Eliane. O Vento Espalha Minha Voz Originária. RJ: Grumin, 2023.

PINEAPPLESTORM TV. Cesar Mc "DAI A CESAR O QUE É DE CESAR" (Videoclipe Oficial). 8 set. 2021. 1 vídeo: 5:07. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Vx2QswxE1cg>> Acesso 2 out. 2023.

PINEAPPLESTORM TV. Cesar MC - Canção Infantil part. Cristal (VideoClipe Oficial). 27 jun. 2019ba 1 vídeo: 7:04. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=RieF5PJ2X0>> Acesso 2 out. 2023.

PINEAPPLESTORM TV. Poetas no Topo 3.3 - Ogi, Bob, Rod 3030, Rashid, Mc Cabelinho, L7NNON, Kayuá, Azzy, DK47, Mv Bill. 26 dez. 2019b. 1 vídeo: 19:25. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3YScGZy3wVs>> Acesso 2 out. 2023.

QUEBRADA QUEER. Quebrada Queer - METRALHADA (Clipe Oficial) (Prod. Apuke). 29 abr. 2022. 1 vídeo: 4:48. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Q5pinmXcAGM>> Acesso 2 out. 2023.

QUIXOTE. Quixote - DÓ. 12 dez. 2021. 1 vídeo: 1:59. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4GFQWBjIvS>> Acesso 3 out. 2023.

RACIONAIS TV. Vida Loka, Pt. 1. 6 nov. 2014. 1 vídeo: 5:03. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=2LGVenZ5\\_8s](https://www.youtube.com/watch?v=2LGVenZ5_8s)> Acesso 6 out. 2023.



RAIZDOMATO. IDEIAS PARA UM ANTIESPECISMO ORIGINÁRIO. 17 set. 2022a. Instagram. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CxTtkscv8ag/>>

RAIZDOMATO. PAREM DE NOS MATAR: PAREM DE IGNORAR O RACISMO ANTI-INDÍGENA. 19 set. 2022b. Instagram. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/CxZTmUxt\\_gj/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CxZTmUxt_gj/?img_index=1)>

RAIZDOMATO. POR UMA NÃO-MONOGAMIA ANTI-CAPACITISTA. 22 abr. 2022c. Instagram. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CrWO1nIOiZ/>>

RAIZDOMATO. TRANCESTRALIDADE INDÍGENA. 13 set. 2022d. Instagram. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/CxJQ3xxPml/?img\\_index=6](https://www.instagram.com/p/CxJQ3xxPml/?img_index=6)>

RESIDENTE. Residente - This is Not America (Official Video) ft. Ibeyi. 17 mar. 2022. 1 vídeo: 4:09. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=GK87AKIPyZY>> Acesso 2 out. 2023.

RIBS, 7 de Setembro, um golpe da elite para suprimir revoluções populares. Este é o dia da farsa que não conta nossa história, conta a deles. 7 set. 2022. Instagram. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CiNOQfw6MxZa/>> Acesso 4 out. 2023.

RINCON SAPIÊNCIA. Rincon Sapiência - Ponta de Lança (Verso Livre). 26 dez. 2016. 1 vídeo: 3:47. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vau8mq3KcRw>> Acesso 5 out. 2023.

SABOTAGE. Sabotage - "Rap é Compromisso" - Rap é Compromisso. 18 nov. 2014. 1 vídeo: 4:24. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rC9vmpQRR40>> Acesso 30 out. 2023.

SELVAGEM. 4 - MEMÓRIAS ANCESTRAIS - O manto e o sonho - Glicéria Tupinambá. 1 jun. 2023. 1 vídeo: 20:15. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=36HUTPYRNpE>> Acesso 2 out. 2023.

SELVAGEM. Conversa Escola Viva - GUARANI MBYA - Cris Takuá e Carlos Papá. 8 dez. 2022. 1 vídeo: 10:01. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-oSytZaDOnU>> Acesso 2 out. 2023.

SELVAGEM. FLECHA 2 - O SOL E A FLOR. 8 dez. 2021. 1 vídeo: 11:46. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jVxOs70hpO&list=PLYysvnBmz4S32JaJupR9X815Kp5OkK3YE&index=6>> Acesso 2 out. 2023.

SOUTO MC. 7. (RITUAL) SOUTO MC - FESTA E FARTURA - FEAT BIA FERREIRA & KUNUMI MC. 1 vídeo: 3:40. 10 dez. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=OyL3IWMjLY>>. Acesso 31 ago. 2023.

THAMANI, Manuela. "Futuro se faz com História, e História com o Povo Dentro": Movimentos Negros na Interface Comunicação e Educação. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2020.

TUPAN. Escravidão Moderna. 18 ago. 2023. 1 vídeo: 3:33. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=RSwK6ZyU5AA>> Acesso 3 out. 2023.

TV TAMUYA. Semana de Politização Indígena Urbanizada - Direitos indígenas e Políticas de Autodeclaração. 23 out. 2023a. 1 vídeo: 4:14:04. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=sEai7QsmzZA>> Acesso 28 out. 2023.

TV TAMUYA. Seminário Etnocídio Indígena - Dia 05. 1 set. 2023a. 1 vídeo: 2:08:33. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=t-IOhGh-PGA>> Acesso 2 out. 2023.



VARIOUS ARTISTS. A Sensação da Raiva. 18 nov. 2021. 1 vídeo: 4:04. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=9Pp7i0rG1\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=9Pp7i0rG1_w)> Acesso 2 out. 2023.

WESCRITOR. 05. São, Vi Selva - wescritor feat. walla [Prod. Allure Dayo]. 8 ago. 2022a. 1 vídeo: 3:18. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dMr928i0f6l>> Acesso 2 out. 2023.

WESCRITOR. 09. Zero Um Três - wescritor feat Iram Bernardo [Prod. Fejão Beat's]. 8 ago. 2022b. 1 vídeo: 3:34. Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=QbQ0yXypzll&list=PLDsZCIO\\_pMvKPjJX71DChh9jEeE80jDrJ&index=10](https://www.youtube.com/watch?v=QbQ0yXypzll&list=PLDsZCIO_pMvKPjJX71DChh9jEeE80jDrJ&index=10)> Acesso 2 out. 2023.

WESCRITOR. Casa Amarela - Single. 1 música: 3:55. 17 mai. 2020. Pala Records. Disponível em <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/1PunCTbg7ttzLY6Xl4fWRX>> Acesso 2 out. 2023.

WESCRITOR. Corpos Laranjas [EP COMPLETO]. 20 dez. 2019. 1 vídeo: 15:30. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=gPGoKxvKWYs>> Acesso 2 out. 2023.

WESCRITOR. Tupinambá na Baixada Santista - wescritor [Videoclipe Oficial]. 17 out. 2022c. 1 vídeo: 5:47. Youtube. Disponível em <TUPAN. Escravidão Moderna. 18 ago. 2023. 1 vídeo: 3:33. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=RSwK6ZyU5AA>> Acesso 3 out. 2023.

WESCRITOR. wescritor - EXEMPLO (Prod. Fejão Beats) [Videoclipe Oficial]. 30 nov. 2020. 1 vídeo: 4:33. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BcM19JGZmvo>> Acesso 2 out. 2023.

WESCRITOR. wescritor - Grito Ancestral. 7 nov. 2019. 1 vídeo: 3:13. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FaXDNztmdKs>> Acesso 2 out. 2023.

WRM. Thai Flow, Nabrisa, Lourena, Azzy & Gabz - 1910 (Prod. NOBRU Black). 8 mar. 2019. 1 vídeo: 9:03. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xM9ofxGdlr8>> Acesso 2 out. 2023.

SILVA, Anielle Francisco. Instituto Marielle Franco: Escrivências, Memória e o Legado de Marielle Franco. Dissertação (Mestrado em Relações Etnico-Raciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2021.

XAKRIABÁ, Celia Nunes Correa. O Barro, O Jenipapo, e o Giz no Fazer Epistemológico de Autoria Xakriabá: Reativação da Memória por uma Educação Territorializada. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Tradicionais) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2018.

YANNICK HARA. A Revolta É Radical a Mudança É Radical. 30 jun. 2022. 1 vídeo: 4:15. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1aoXE6B5QsY>> Acesso 3 out. 2023.

YANOMAMI, Davi Kopenawa; ALBERT, Bruce. O Espírito da Floresta. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

Kayê Anu Vasconcellos  
Ozorio

kayeanhu@gmail.com

Das águas do fundo, Kayê anuncia a morte da noite y o nascer do dia. É o despertar, guardiane y atravessadore da candeia solar.

Pessoa trans não-binária, amanhece num corpo-território que atravessa tecnologias-ancestrais de comunhão cósmica.

Sua transcestralidade indígena y africana guia suas pesquisas de outras formas de se relacionar consigo, com u outre y com o todo.



Artiste e pesquisadore multidisciplinar Doutorande em Teoria e Filosofia do Direito pelo PPGD/UERJ.

Natural de Resende-RJ.

**Kayê A'nu Vasconcellos  
Ozorio**



























Nos trabalhos enviados, a partir de minha transcestralidade investigo referenciais afro-pindorâmicos para sentir y manifestar minha não-binariedade. A transcestralidade pode ser apreendida como uma tecnologia ancestral dos povos originários de Abya Yala e África que nos possibilita a retomada de aspectos relacionais que não só extrapolam a lógica colonial/moderna de gênero y sexualidade, mas as subverte. A compreensão de que a natureza humana é uma natureza histórica explicita a continuidade ancestral presente nas identidades de gênero que hoje compõem o que chamamos de corpos-territórios-queer, assim como a falácia presente no discurso de que manifestações LGBTQIAPN+ não seriam próprias das tradições africanas ou afro-indígenas brasileiras.

Em todos os processos registrados, a retomada transcestral é mediada a partir da relação metabólica entre dues ancestrais: terra y água. Apesar de não haver nada na natureza que seja essencialmente feminino ou masculino, ocidentalmente, o elemento terra é relacionado às características que são generificadas enquanto masculinas, isto é, a racionalidade, a estabilidade, a firmeza. Por outro lado, a perspectiva colonial tende a relacionar o elemento água às características que seriam próprias das existências generificadas enquanto femininas: a emoção, a instabilidade, a fluidez.



Adentrando as matas fechadas das diásporas des seres, a não-binariiedade transcestral subverte a binariiedade entre feminino y masculino típica da generificação imposta pela colonização y sociabilidade capitalistas, bem como a suposta cisão entre humanidade-natureza, animal humane-animal não humane, parte-todo.

## SOBRE O MATERIAL

### Ritualística Lama-transcestral (imagens 1, 2 y 3)

A primeira imagem registra o momento no qual a terra pisada é referenciada como ato de pedir licença y saudar aqueles que vieram antes. Nesse rezo, enterra-se as formas, concepções y disforias impostas a partir da generificação de seu corpo entre feminino y masculino para que sejam decompostas, compostadas, transmutadas.

A terra é comungada com a água, dessa subsunção emerge o barro, a amorfosidade dessu espírito explicita um corpo-território também amorfo, que pode assumir diferentes contornos, formas y formatos - imagem de número dois.

Ao final, a terceira imagem ilustra a fertilidade desse território-corpo em ato de oferenda.



## INFORMAÇÕES TÉCNICAS:

IMAGENS 1, 2 Y 3  
LOCAL: MORRO DO PILAR-MG  
ANO: 2021  
FOTOGRAFIA: KARYAK UZUKE

RITUALÍSTICAS MANGUEZAL-  
TRANSCESTRAL  
(IMAGENS 4, 5 Y 6)

**O TERRITÓRIO-CORPO MANGUE É A  
COMUNHÃO ENTRE A TERRA Y A ÁGUA  
(MAR). AO SE RELACIONAR COM O  
ESPÍRITO DOS MANGUEZAIS, O CORPO-  
TERRITÓRIO PODE SER  
APREENDIDO/EMERGIDO ENQUANTO  
PARTE À MEDIDA QUE SE ASSEMELHA  
AO TODO.**

IMAGEM 4  
LOCAL: ILHA DO LIVRAMENTO,  
ALCÂNTARA-MA ANO: 2022  
FOTOGRAFIA: REGINA BACELAR

IMAGENS 5 Y 6  
LOCAL: SOURE, ILHA DO MARAJÓ-PA  
ANO: 2022  
FOTOGRAFIA: LUANA COELHO



AGRADECEMOS A

Okara Yby  
Yan Sol TupiGuarani Pataxó  
Vic Gualito (Nehnencayolotzin)  
Nilo Ybyraporã de Sousa  
Mika Kaliandrea  
Dayo do Nascimento  
RÉ CYBORG  
ALIENDIGEnu  
Paprep Mywayj Kanela  
Pyxuá  
Marin Maciel  
Thárcilo Luiz da Silva Hentzy  
Ravi Carvalho Veiga  
juão agosto Rodriguez  
Kyntynu  
Kayê A'nu Vasconcellos  
Ozorio



E A NOSSES COLABORADORES PELA CONSTRUÇÃO DESTE  
DOSSIÊ.

AGRADECEMOS TAMBÉM A NOSSES LEITORES PELA  
CONFIANÇA EM NOSSO TRABALHO.